

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia

Helton Rubiano de Macedo

Das estantes para a tela:

práticas de leitores de livros impressos e digitais do curso de
Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, 2012

Helton Rubiano de Macedo

Das estantes para a tela:

práticas de leitores de livros impressos e digitais do curso de
Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda

Natal, 2012

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Macedo, Helton Rubiano de.

Das estantes para a tela: práticas de leitores de livros impressos e digitais do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Helton Rubiano de Macedo. – 2012.

150 f. -

Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Natal, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

1. Mídia digital - Brasil. 2. Cultura – Aspectos sociais. 3. Livros – Formato. 4. Livros eletrônicos - Brasil. I. Lacerda, Juciano de Sousa. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.774

Helton Rubiano de Macedo

Das estantes para a tela:

práticas de leitores de livros impressos e digitais do curso de
Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2012.

Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientador

Prof. Dr. Marcos Antonio Nicolau
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Membro externo

Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Membro titular interno

Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Membro suplente interno

A quem gosta de livros.
Dedico.

Agradecimentos

À minha família, pelo amor incondicional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda, pelo seu aguçado senso crítico que provocou intervenções fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Marcos Antonio Nicolau, Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano da Costa, Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima, pelas contribuições prestadas desde a ocasião do exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN, em especial, Profa. Dra. Kenia Maia, Profa. Dra. Maria das Graças Pinto Coelho, Profa. Dra. Josimey Costa, Profa. Dra. Socorro Furtado Veloso e Prof. Dr. Itamar Nobre, pelo apoio constante.

Ao ex-diretor da Editora da UFRN, Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos, bem como a atual diretora, Profa. Dra. Margarida Dias de Oliveira, pela compreensão e generosidade, que tornaram menos árdua a tarefa.

Aos colegas de trabalho da Editora da UFRN, cujo companheirismo diário serviu de estímulo para a conclusão dessa fase de estudos.

Aos meus colegas de pós-graduação, com os quais dividi as alegrias e as angústias tão comuns ao processo.

A Libny Freire, companheira desde a graduação, e com quem tive o prazer de compartilhar mais essa etapa.

A Ewerton Mendonça de Oliveira, pelo diálogo constante e enriquecedor.

Aos estudantes de Comunicação Social da UFRN, em especial, Lygia, Cecília, Aluísio, Jorge, Clarice e Rachel, sujeitos cujas falas constituíram este escrito.

Um país se faz com homens e livros.

Monteiro Lobato

O livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Jorge Luis Borges

É claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros.

Bill Gates

Resumo

A cultura do livro impresso perpassa o cotidiano de leitores por mais de cinco séculos e, a partir disso, hábitos e significados sobre a mídia livro estão arraigados sobre a comunidade leitora, numa espécie de “contrato de leitura” (VERÓN, 2004). Destarte, acreditamos ser possível conjecturar que o surgimento do livro digital venha modificar antigas práticas na relação com o livro impresso e por isso mesmo precisam ser investigadas a fim de compreender esse momento em que surgem produtos reconfigurados. Conscientes disso, definimos que a questão central da nossa pesquisa está baseada em compreender de que modo leitores de livros digitais realizam suas práticas. Nosso objetivo geral é investigar práticas socioculturais de leitores de livros digitais, com o intuito de revelar continuidades e descontinuidades no uso do livro em seus formatos impresso e digital. Para tanto, buscamos 1) propor uma caracterização de uma cultura do livro impresso que seja suporte para um possível mapeamento de marcas de uma cultura do livro digital; e 2) explorar o cenário de produção e oferta do livro digital, especialmente no Brasil, a fim de delineá-lo em suas primeiras configurações. Defendemos, como proposta metodológica, a sistematização de dimensões da cultura do livro impresso denominadas: *ritualidade*, *simbologia*, *materialidade* e *forma*, as quais auxiliarão a investida sobre o empírico. Nossa proposta está baseada, em diversos pontos, nos pesquisadores da história do livro, inscrita no campo da História Cultural (BURKE, 2008; CHARTIER, 1992, 1994, 2006; DARNTON, 1990, 2006, 2010). Adotamos como técnica de pesquisa a análise de falas, registradas por meio de entrevistas em profundidade, de leitores de livros em formato digital. Antes disso, julgamos pertinente empreender uma pesquisa exploratória baseada na aplicação de questionário *online*. Nosso recorte inclui leitores de livros digitais do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entre as conclusões desta dissertação, é possível apontar que o grupo de leitores investigados está solidamente vinculado a experiências com os livros impressos e que esse enraizamento cultural repercute sobremaneira sobre práticas com livros digitais.

Palavras-chave: mídia; livros impressos; livros digitais; práticas socioculturais.

Resumen

La cultura del libro impreso impregna la vida cotidiana de los lectores durante más de cinco siglos, y de esto, hábitos y significados a cerca del libro como medio de comunicación tienen sus raíces en la comunidad lectora, en una especie de “contrato de lectura” (VERÓN, 2004). Por lo tanto, creemos que es posible conjeturar que la aparición del libro digital puede cambiar las viejas prácticas en relación con el libro impreso y por eso mismo deben ser investigadas con el fin de entender este tiempo de productos reconfigurados. Consciente de ello, el tema central de nuestra investigación se basa en la comprensión de cómo los lectores de libros digitales realizan sus prácticas. Nuestro objetivo general es investigar las prácticas socioculturales de los lectores de libros digitales, con el fin de mostrar las continuidades y discontinuidades en el uso del libro en su formato impreso y digital. Con este fin, se busca 1) proponer una caracterización de la cultura del libro impreso, que es el apoyo a una asignación posible de las marcas de una cultura del libro digital, y 2) explorar los lugares de producción y oferta de los libros digitales, especialmente en Brasil, fin de delimitar en su primera configuración. Apoyamos, como propuesta metodológica, la sistematización de dimensiones culturales del libro impreso llamadas: *ritualidad*, *simbología*, *materialidad* y *forma*, lo que ayudará el enfoque del empírico. Nuestra propuesta se basa, en varios puntos, en los investigadores de la historia del libro, insertada en el campo de la Historia Cultural (BURKE, 2008; CHARTIER, 1992, 1994, 2006; DARNTON, 1990, 2006, 2010). Adoptamos como técnica de investigación el análisis de voces, registradas a través de entrevistas en profundidad, de lectores de libros en formato digital. Antes de eso, creemos apropiado emprender un estudio exploratorio basado en la aplicación de un cuestionario *online*. Nuestra delimitación incluye lectores de libros digitales del curso de Comunicación Social de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte. Entre las conclusiones de esta disertación, es posible señalar que el grupo de lectores investigados está sólidamente ligado a las experiencias con los libros impresos y esto afecta en gran medida las prácticas de los libros digitales.

Palabras clave: medios de comunicación; libros impresos, libros digitales, prácticas socioculturales.

Abstract

The culture of printed books goes through reader's daily routine for over five centuries ago and, starting from that, habits and meanings about the media 'book' are rooted in reader's community, as a sort of "contract of reading" (VERÓN, 2004). Thus, we believe it is possible to infer that the origin of digital books may modify old mores in relation to printed books and this is the reason why they need investigation towards a understanding of this moment in which reconfigured products has been appearing. Aware of that, we have defined that the main question of our research is based on understanding how readers of digital books define their habits. Our general objective is to investigate socio-cultural practices in that habits previously quoted, intending to reveal continuities and discontinuities presented on the use of the book either in his printed or digital form. In order to do so, we aim 1) to suggest a characterization of the culture of printed books which could be a base to one possible signalization of aspects of a digital books culture in potential; and 2) to explore both the scene productions and digital books availability, especially in Brazil, in order to define it in its first configurations. We defend, as an methodological proposal, the systematization of cultural dimensions regarding to printed books, which are called: *rituality*, *simbology*, *materialism* and *form*, which will help the approach over the empirical. Our proposition is based, mainly, but not exclusively, on researchers of the history of books, more precisely in the field of Cultural History (BURKE, 2008; CHARTIER, 1992, 1994, 2006; DARNTON, 1990, 2006, 2010). We have chosen as a research technique the speech analysis, registered through interviews in depth, of readers of books on its digital form. Before that, we judged relevant to undertake an exploratory research based on online questionnaire applications. Our sample includes readers of digital books from Media graduation course at Federal University of Rio Grande do Norte. Among the conclusions of this dissertation, it is possible to highlight that the group of readers which were investigated is solidly related to experiences with printed books and also this cultural solidity reverberates considerably over mores related to digital books.

Key words: media; printed books; digital books; socio-cultural practices.

Lista de ilustrações e tabelas

- Figura 1 – *La Lecture* (1778), de Jean Honoré Fragonard, 42
- Figura 2 – *La Lisense* (1772), de Jean Honoré Fragonard, 42
- Figura 3 – *Carthusian Monks in Meditation*, Etienne Jeaurat (1699-1789), 44
- Figura 4 – *The Rehearsal*, Etienne Jeaurat (1699-1789), 44
- Figura 5 – Nazistas queimam livros na Alemanha, 46
- Figura 6 – *Fantástico* (Rede Globo), em 17/07/2011, 47
- Figura 7 – *Jornal Nacional* (Rede Globo), em 19/07/2011, 47
- Figura 8 – Gravura copiada de um baixo-relevo mostrando o método de guardar rolos na Roma antiga, 50
- Figura 9 – Cadeira de rinha de mogno com estofado de couro, em 1720, 51
- Figura 10 – *Moça com livro*, s/d, José Ferraz de Almeida Jr., 54
- Figura 11 – Esboço do Memex, 64
- Figura 12 – Vannevar Bush (1890-1974), 64
- Figura 13 – *SoftBook Reader*, 65
- Figura 14 – *Rocket eBook*, 65
- Figura 15 – *Kindle 3*, 65
- Figura 16 – *iPad*, 65
- Figura 17 – *Kindle DX*, 66
- Figura 18 – *Kobo eReader*, 66
- Figura 19 – *Leitor-D*, 66
- Figura 20 – *Neo*, 66
- Figura 21 – *Nook*, 66
- Figura 22 – *Cool-er*, 66
- Figura 23 – *iRiver Story*, 66
- Figura 24 – *Novel*, 66
- Figura 25 – *Sony Reader Daily Edition*, 67
- Figura 26 – *Sony Reader Pocket Edition*, 67
- Figura 27 – *Sony Reader Touch Edition*, 67
- Figura 28 – *Alfa*, 67
- Gráfico 1 – Conhecimentos do *e-reader* entre homens e mulheres, 69
- Gráfico 2 – Conhecimentos do *e-reader* entre classes sociais, 69
- Gráfico 3 – Formatos digitais em uso para os livros publicados, 71

Gráfico 4 – Quantidade de títulos no formato digital em português por livrarias, 74

Gráfico 5 – Vendas de livros digitais nos EUA, de 2001 a 2010, 76

Gráfico 6 – Origem dos livros impressos, segundo entrevistados, 93

Gráfico 7 – Local onde é efetuada a compra de livros impressos, segundo entrevistados, 93

Quadro 1 – Diferenças entre *e-readers*, *smartphones* e *tablets*, 69

Tabela 1 – Principal vantagem da leitura em suportes digitais, segundo entrevistados, 103

Tabela 2 – Principal obstáculo para a leitura em suportes digitais, segundo entrevistados, 103

Sumário

Introdução, 13

Capítulo 1: Livros e leitores: práticas de leitores, 26

- 1.1 Livros e cotidiano, 26
- 1.2 Sujeitos, produtos e vínculos, 30
- 1.3 Livros, significados e reconhecimentos, 31
- 1.4 Dimensões das práticas de leitores, 34
 - 1.4.1 A *ritualidade* e a *simbologia*, 40
 - 1.4.2 A *materialidade* e a *forma*, 47
 - 1.4.3 Práticas complexas, 52

Capítulo 2: O livro digital: do ontem ao agora, 56

- 2.1 Livros, pós-modernismo e cibercultura, 56
- 2.2 Trilhas para uma definição, 57
- 2.3 Máquinas de leitura, 63
- 2.4 Formatos e conteúdos, 70
- 2.5 Mercado emergente, 71
 - 2.5.1 As livrarias digitais brasileiras, 73
 - 2.5.2 As distribuidoras digitais brasileiras, 75
 - 2.5.3 O livro digital nos Estados Unidos, 76
- 2.6 Alguns diálogos sobre o livro digital, 77
- 2.7 Aproximações empíricas, 82
 - 2.7.1 *Ciberescritores, ciberleitores*, 83
 - 2.7.2 *Os leitores brasileiros e o livro digital*, 85

Capítulo 3: Sala de leitores: diálogos e interpretações, 90

- 3.1 Caminhos exploratórios, 90
 - 3.1.1 Práticas de leitores do curso de Comunicação Social da UFRN, 92
- 3.2 Entrevistas, 104
 - 3.2.1 Sujeitos, 105
 - 3.2.2 Diálogos e interpretações, 109

Considerações finais, 135

Referências, 140

Apêndice A, 146

Apêndice B, 150

Introdução

O mundo moderno ganhava seus primeiros contornos. Em seu alvorecer, traços já desenhavam o período de mudanças. Nesse momento de transição, “criadores” e “criaturas” vieram marcar definitivamente a passagem. Entre essas criações, o elo mecanizado do papel e da tinta. A prensa passa assim a desempenhar função capital não apenas naquele período, mas também em toda a história a partir de então.

Em meados do século XIX, o alemão Johannes Gutenberg apresenta a prensa de tipos móveis, invenção que vem sendo modernizada e aperfeiçoada por entre os séculos, mas que se coloca como o ponto de partida para a produção de impressos em escala até então não conhecida. Assim, iniciam-se as bases materiais de uma economia baseada no conhecimento registrável, capaz de ser codificado, decodificado e transmitido entre povos. Na Europa, o período do Renascimento, marcado por transformações na cultura, na sociedade, na economia, na política, na religião, nas artes, na filosofia e nas ciências, é impulsionado por esse instrumento que torna possível registrar toda a efervescência de corações e mentes. Ideias que então poderiam seguir por estradas, trilhas, atravessar fronteiras, oceanos, encontrar, enfim, interlocutores, outras ideias as quais pudessem se unir, se contradizer, se complementar. Um registro que durante mais de cinco séculos vem se apresentando, entre outras formas, sob o modelo quase imutável do livro de papel. Dessa maneira, podemos resumir que, no período do Renascimento, conforme declara Villaça (2002, p. 29), o livro impresso “representou um ponto de convergência da técnica, do espírito mercantil e da circulação das ideias”.

Desse modo, o livro impresso passa a ser símbolo de um período histórico marcado pela mudança. De acordo com Villaça (2002, p. 31), “o Renascimento caracteriza-se [...] pelo maior apelo do mundo material negligenciado na Idade Média. Todo um conjunto de gestos mentais orientou-se para o concreto, o realismo e o utilitarismo. O livro impresso irá constituir-se para ampliar esses valores [...]”. A partir daí, a Idade Média, marcada pela influência da Igreja, pelo feudalismo e pela divisão da sociedade em clero, nobreza e povo, começa a perder suas cores. Não tratamos, obviamente, de uma ruptura radical na qual tudo que estava posto se dissolve e desaparece, mas entendemos, sim, um período de transição a partir do qual lógicas e percepções são alteradas. Dentro dela, nos interessa o papel do livro impresso nesse decurso. Para Breton (2002), o livro impresso é um dos maiores

representantes das mutações intelectuais e sociais que caracterizaram a saída da Idade Média. Alavancado pela invenção de Gutenberg, juntamente com o surgimento da ideia de mercantilização e lucro, o livro impôs-se como instrumento eficaz de comunicação.

Como exposto, não cremos em rupturas. O livro não era então novidade. Já era produzido de modo artesanal por religiosos denominados copistas. Entretanto, práticas sobre o objeto foram modificadas. Sobre isso, afirma Villaça (2002, p. 30-31) que,

durante a Idade Média, a função do livro era, sobretudo, de conservação, manutenção da palavra sagrada. O texto, sagrado, era indiscutível, ainda que sujeito a comentários. Também os livros utilizados à época, para conversão de moedas, operações numéricas, ligados ao comércio, não possuíam função imediata de comunicação.

Com a chegada das novas possibilidades de reprodução, o livro passa a ser objeto de registro e transmissão de informação de um modo novo. Percebe-se que nesse momento são facultadas novas formas de substrato para o conhecimento. Além disso, tem-se um suporte por meio do qual esse mesmo conhecimento poderia então encontrar novos caminhos, muito além daqueles permitidos pela oralidade ou mesmo pela limitada tiragem de livros feitos à mão. De acordo com Martins (2002, p. 62), “[...] o livro facilmente e abundantemente reproduzido significava a possibilidade, desde então irrefreável e infinita, do livre exame, do espírito científico e objetivo, da discussão inesgotável de todos os problemas, da vida intelectual então possível para cada um. O mundo moderno começava”. Um cenário no qual avanços intelectuais puderam (e podem) ser viabilizados a partir da tomada dos escritos, da troca e da fruição. Sobre esse processo, inserido no período do aflorar da Idade Moderna, no qual desenvolvimentos tecnológicos vêm possibilitar o surgimento de novos meios de comunicação, nos esclarece Villaça (2002, p. 30) que,

com o advento das sociedades modernas no último período da Idade Média e início da era moderna, uma transformação cultural sistemática começou a ganhar um perfil mais preciso. Em virtude de uma série de inovações técnicas associadas à invenção da impressão e, conseqüentemente, à codificação elétrica da informação, as formas simbólicas começaram a ser produzidas, reproduzidas e distribuídas numa escala sem precedentes. Os modelos de comunicação e integração se transformam de maneira profunda e irreversível com o desenvolvimento das organizações da mídia que apareceram primeiramente na segunda metade do século XV e expandiram suas atividades a partir de então, fornecendo uma visão mais pertinente das transformações culturais associadas à produção e à recepção desses produtos.

Apesar de consideradas as marcas do passado, a história avança. Nesse percurso, chegamos à contemporaneidade em suas configurações digitais. Uma trama sobre a qual se revelam tipos distintos de mídias em modos de operação também diferenciados. Polos distribuídos sobre uma rede infinita, na qual cada nó pode estar individualmente configurado por normas e convenções próprias.

Desse modo, as novas possibilidades de uso de tecnologias digitais proporcionaram a formatação de livros também em formato digital, estando, pois, aptos a serem manipulados em ambientes virtuais. Esse livro digital é o ponto de partida para a construção do nosso objeto.

Na sociedade que privilegia os números, entre “zeros” e “uns” são concebidos os textos digitais como fruto desse ambiente midiático contemporâneo. “Tudo é quantizável”, nos dirá Flusser, pois “o mundo é calculável, mas indescritível” (2007, p. 81), sendo essa a razão da conveniência dos números e não das letras ao mundo. Para o autor, “as letras induzem meras conversas vazias sobre o mundo, e deveriam ser deixadas de lado como algo inadequado a ele” (FLUSSER, 2007, p. 81). Tal reflexão é apenas uma das faces sobre a qual podemos lançar o olhar com o intuito de compreender as tecnologias digitais, especialmente no campo da comunicação.

Sob a sombra desse “duelo” entre letras e números nasce o universo digital. Dentro dele, elementos são configurados em estruturas que permitem outras possibilidades de produção, reprodução, distribuição, acesso, consumo e mixagem. Uma plataforma propícia ao surgimento, à adaptação e à convergência de sentidos de outras mídias. É sobre esse espaço que circula nosso objeto de pesquisa. Na sociedade informacional de base numérica, em que as tecnologias do cálculo permeiam todas as práticas de produção e reprodução, com destaque para o ambiente midiático contemporâneo, vemos se reconfigurar em novo suporte um dos mais antigos meios de comunicação atualmente em uso: o livro.

Ponto de partida

Para compor nossa problemática, consideramos a premissa de que a cultura do livro impresso perpassa o cotidiano de leitores por mais de cinco séculos e, a partir disso, hábitos e significados sobre a mídia livro estão arraigados sobre a comunidade leitora. Destarte, acreditamos ser possível conjecturar que o surgimento do livro digital venha modificar antigas práticas na relação com o livro impresso e por isso mesmo precisam ser investigadas a

fim de compreender esse momento em que surgem produtos reconfigurados. Conscientes disso, definimos que a questão central da nossa pesquisa está baseada em compreender de que modo leitores de livros digitais realizam suas práticas. Nosso objetivo geral é investigar práticas socioculturais de leitores de livros digitais, com o intuito de revelar continuidades e descontinuidades no uso do livro em seus formatos impresso e digital. Dois outros objetivos estão relacionados e se colocam fundamentais para o êxito da pesquisa. Ambos se conjugam no sentido de servir de suporte para alcançar o objetivo geral. São eles:

1. Propor uma caracterização de uma cultura do livro impresso que seja suporte para um possível mapeamento de marcas de uma cultura do livro digital.
2. Explorar o cenário de produção e oferta do livro digital, especialmente no Brasil, a fim de delineá-lo em suas primeiras configurações.

No primeiro item, defendemos a caracterização de um universo que poderia ser denominado de uma cultura do livro impresso como recurso metodológico. Uma composição que terá o intuito de servir de contraponto às ideias lançadas acerca do livro digital e assim instrumentalizar um possível paralelo que poderá nos fornecer pistas da formação de uma cultura do livro digital.

Para tanto, buscou-se sistematizar a experiência com o livro impresso a fim de propiciar a observação dessa cultura. Essa sistematização, que iremos apresentar adiante, foi criada após leituras acerca do livro como objeto e das práticas socioculturais a ele relacionadas, particularmente, a prática da leitura. A partir disso, objetivamos elencar elementos que, no nosso modo de ver, comporiam, pelo menos em parte, um conjunto de padrões de comportamentos, costumes, tradições e valores, que vêm a caracterizar um período no qual a leitura, de modo geral, se dava, prioritariamente, a partir da utilização de técnicas de impressão sobre o suporte papel. Vale salientar que esse é um percurso construído, não estando posto, do modo como aqui será apresentado, em nenhuma teoria acerca do livro ou do papel, muito menos relacionado com o emergente mercado de livros digitais.

Sobre esse mercado, torna-se importante, devido a sua recente constituição, uma abordagem sobre a qual estarão postos os modelos de oferta e as circunstâncias de produção, acesso e consumo. Um cenário que entendemos se impor determinante sobre práticas socioculturais do livro e da leitura. Consideramos rica a possibilidade de construir esse painel, tensionando, desde o seu começo, novas e tradicionais práticas.

Desde já, vale destacar que, para este trabalho, considera-se livro digital o arquivo digitalmente construído, fruído pelo leitor a partir de um dispositivo de leitura qualquer, de modo *online* ou *offline*, cujo conteúdo inclui texto e imagens estáticas, mas que também abrange formas multimidiáticas, com a inserção de som e imagem em movimento, além de modos de escrita hipertextual, interligando blocos de informação, segundo interesse do autor/produtor ou do próprio leitor. Trata-se de um produto sob novas configurações, que vem, de certo modo, influenciando no mercado tradicional o livro impresso e repercutindo sobre paradigmas culturais até então estáveis. Uma novidade que se desenvolve no ritmo acelerado da contemporaneidade.

Práticas de leitores

Nossa pesquisa enquadra-se na linha de pesquisa que investiga a mídia relacionada a práticas sociais. Desse modo, antes de prosseguirmos, vale expor como entendemos o livro como gerador de práticas. É importante destacar que não entendemos práticas sociais apartadas de elementos culturais que, associados às dinâmicas sociais, compõem o quadro de posturas, atitudes e comportamentos de indivíduos ou grupos. Estamos tratando, portanto, de práticas socioculturais.

As práticas sobre livros são diversas, mas é interessante perceber que a leitura é aquela mais facilmente associada ao objeto livro. Práticas de leitura são assim mais claramente identificadas. Entretanto, quando buscamos informações acerca dessas práticas, elas estão muitas vezes ligadas a hábitos de leitura, com referência, em geral, a conteúdos, a textos, a gêneros. Apesar de considerarmos também o conteúdo como motivador de ações, nossa pesquisa dedica-se, principalmente, a investigar práticas originadas pelo suporte, pelo objeto livro, nesse caso o digital. Desse modo, optamos por criar uma distinção, definindo *práticas de leitores* como uma categoria maior, que inclui práticas como a da leitura (a principal), mas que ao lado dela podem se somar outras, como práticas de acesso, transporte e armazenamento.

É evidente que o binômio livro-leitura é resultado de uma relação intrínseca e fundamental para a pesquisa sobre o livro. Dessa maneira, nos utilizaremos dele para caracterizarmos o livro como mídia geradora de práticas socioculturais. Para tanto, propomos, a partir de nossas reflexões, alguns argumentos. Cada um deles relaciona o livro-leitura como elemento próprio das dinâmicas socioculturais de indivíduos e grupos:

Livro-Leitura e instituições: a comunicação oral dispensa o aprendizado sistemático no que diz respeito à instrução ou à educação. Trata-se, portanto, de uma ação muito própria ao indivíduo sem restrições físicas para a fala. A leitura, ao contrário, se dá por meio de instrumentos de aprendizagem (BRESSION, 2006). Hoje esses instrumentos estão postos por meio de instituições sociais como a escola e a família. Além de instrumentos de aprendizagem, as instituições servem como meio de acesso ao livro, entre elas, incluímos também as bibliotecas.

Livro-Leitura e políticas públicas: com o argumento de criar condições de inserção de indivíduos em esferas com melhores condições de acesso à informação e com maiores possibilidades de exercício de práticas de cidadania, governos e organizações não governamentais articulam a criação de programas de alfabetização para populações marginalizadas dos sistemas de educação formal.

Livro-Leitura e consumo: em um dia a dia permeado por mensagens publicitárias, cujo objetivo é promover e inculcar o desejo de compra em um mundo globalizado e capitalista, a leitura se torna condição (não poderíamos dizer fundamental, pois estaríamos desconsiderando as mensagens icônicas) para o exercício de consumo de bens e serviços. Ampliando a ideia de consumo, poderíamos ainda pensar que a leitura nos fornece subsídio para o “consumo da vida”.

Livro-Leitura e classes sociais: no rastro do argumento anterior, colocamos a leitura como elemento de distinção entre classes sociais. Entretanto, essa diferenciação não se resume apenas às possibilidades de consumo, no sentido tradicional, em um universo de mercados, mas está também ligada a formas de como se vê o indivíduo alfabetizado e aquele incapaz de decodificar textos. Este último é posto em condição marginal, vinculado fatalmente a níveis subalternos do estrato social.

Livro-Leitura e espaços: a materialidade do livro impresso reflete também nos espaços nos quais o livro é armazenado, vendido, acessado e consumido. Modelos arquitetônicos são pensados segundo as dinâmicas sociais originadas a partir dessa conformação ao objeto. Livrarias, escritórios e bibliotecas, por exemplo, seguem padrões de modo a facilitar práticas sobre o livro.

Livros, leitura e produção de sentido

Apesar de estarmos dedicados à compreensão de práticas socioculturais como dinâmicas sobre o livro, entendemos esse mesmo livro e suas formas de leitura como referenciais de produção de sentido. Não se trata aqui de debruçarmos sobre as multiplicidades na compreensão de diferentes camadas de sentido sobre o texto, cujas articulações promovem a cada indivíduo, segundo suas próprias particularidades de recepção, modos distintos de entendimento. Falamos do próprio objeto, sua constituição física e sua apresentação. Nossa atenção está voltada sobre condições de produção de sentido que implicam práticas socioculturais. Ilustremos para melhor entendimento: a produção de livros de bolsos, por exemplo, compreende, em uma comparação com o produto “tradicional”, um produto com dimensão e letras menores, papel de qualidade inferior e margens mais estreitas. Essa caracterização gera significados ao leitor, mas, além disso, promove um acesso mais facilitado a um grupo de leitores que não podiam adquirir as edições “tradicionalistas”. A partir disso, nos parece importante perceber o significado atribuído pelo leitor ao livro impresso a fim de tensioná-lo com as concepções do leitor acerca do significado advindo do livro digital e que, conseqüentemente, influi nas suas práticas sobre o objeto.

Desse modo, buscamos perceber de que modo se estabelecem as formas de “contrato de leitura” (VERÓN, 2004) do indivíduo com o livro impresso. Compreendemos esse contrato como o elo entre esses dois polos, no qual podemos identificar os modos de reconhecimento e, conseqüentemente, as práticas sobre esse objeto. Assim, estaríamos por buscar os traços de um novo “contrato de leitura” para com o livro digital, bem como delinear possíveis novas formas de ler. Ou não: estaríamos por descobrir que estamos apenas em uma fase de transição sem pode vislumbrar o que nos aguarda *do outro lado*. Ou mais ainda: continuamos a seguir as mesmas práticas já realizadas sobre o livro impresso. As respostas serão procuradas nesta pesquisa.

Estratégias sobre o empírico

Com o objetivo de investigarmos as possíveis novas práticas de leitores, propomos uma investida sobre o empírico, este pensado como “processo de conhecimento que se refere ao real, que vivência e experimenta a realidade objetiva como referente e critério de verdade, de comprovação” (MALDONADO, 2006, p. 279). Desse modo, esse trabalho se dará pela

análise de falas, registradas por meio de entrevistas individuais em profundidade, de leitores de livros em formato digital. Acreditamos, dessa forma, podermos nos aproximar de seus hábitos e visões para com o livro digital, objetivando caracterizar suas similitudes e suas peculiaridades em comparação com práticas relacionadas ao livro impresso.

A entrevista é aqui compreendida, conforme Vergara (2009, p. 3), como [...] “uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. São úteis, portanto, “quando se quer obter informações que estão ‘dentro do indivíduo’ e que dizem respeito a *experiências vividas* ou tendências futuras” (CANNELL; KAHN, 1974 apud VERGARA, 2009, p. 5, grifo nosso). Considerando nosso objeto de estudo, destacamos como sua vantagem a “oportunidade para obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 198).

Duarte (2010, p. 62) reafirma nosso posicionamento quando diz que a entrevista individual em profundidade é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Apoiamo-nos ainda em Duarte (2010, p. 62-63) quando esclarece que, “os resultados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade”. Isso posto, assumimos que a interpretação dos dados obtidos deve pautar-se no compromisso de averiguação imparcial dos posicionamentos dos sujeitos, evitando assim o corrompimento dos resultados.

Vale destacar que, conforme alerta Duarte (2010, p. 63), “a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estático às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno”. Para tanto, esclarece que “a noção de hipóteses, típica da pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de pressupostos, um conjunto de conjeturas antecipadas que orienta o trabalho de campo” (DUARTE, 2010, p. 63). A partir dessa premissa, consideramos que nossa investigação, apesar de não confirmar hipóteses, poderá ser útil no delineamento de um campo ainda carente de observação e que auxiliará não apenas na compreensão de práticas socioculturais, mas também, e por isso mesmo, tornar-se-á imprescindível na constituição de mercados para o livro digital.

Ainda em defesa da nossa opção metodológica, assinalamos a posição de Duarte (2010, p. 63, grifo nosso) quando afirma que “[...] a entrevista pode ser ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em *relatos de*

interpretação e experiências, assumindo que não será obtida uma visão objetiva do tema da pesquisa”. Desse modo, acreditamos ser essa a nossa principal ferramenta para obtenção de dados para interpretação.

Avançando neste tópico, definimos a entrevista semiaberta como a mais adequada ao nosso intuito, pois “conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2010, p. 66). Além disso, “permite inclusões, exclusões, mudanças em geral nas perguntas, explicações ao entrevistado quanto a alguma pergunta ou alguma palavra, o que lhe dá um caráter de abertura” (VERGARA, 2009, p. 9).

Sobre a formulação dos questionamentos, Vergara (2009, p. 24) defende que “a sequência de perguntas deve ter uma ordem lógica que permita ao entrevistado, sem esforço, passar de uma resposta para outra. Também, em geral, é prudente que um roteiro comece com questões mais gerais, ou questões mais fáceis e as vá tornando mais específicas depois”. A esse respeito, acreditamos que, conforme afirma Gaskell (2002, p. 73), “as perguntas são quase sempre um convite para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir”. É desse modo que pensamos construir uma interação mais profícua com o entrevistado, sem assim lhe causar estranhamentos a partir de perguntas mal formuladas.

Apesar de definida nossa principal técnica de pesquisa, é fundamental apontarmos o recorte sobre o qual iremos nos debruçar. Conforme Gaskell (2002), há temas que são relevantes para mais de um meio social, não estando circunscrito a um grupo específico. Acreditamos que esse seja o caso da leitura. Desse modo, o recorte necessário a nossa investigação delimitará o público para aplicação dos procedimentos de pesquisa. Faremos então a escolha de uma “comunidade de leitores” (CHARTIER, 1994, p. 14), que por suas características comuns podem nos revelar resultados *adequados*, do ponto de vista da pesquisa científica.

A nossa proposta é focar estudantes universitários, pois, apesar dos baixos índices de práticas de leitura no Brasil, o público universitário ainda se coloca acima da média nacional. Sobre isso, tendo como base os dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, Cunha (2008) aponta que

[...] é clara a progressiva valorização da leitura, à medida que avança a escolarização dos entrevistados: em todos os suportes (livro, revista, jornal e internet), o ensino superior define um índice maior de leitura: os entrevistados com esse nível de ensino lêem muito mais que a média livros técnicos (35%), obras sobre História, Política e Ciências Sociais (37%), Ensaios e Humanidades (15%), Biografias (30%), e usam muito mais a internet (31%).

[...] esses entrevistados [os universitários] mostram-se mais espontaneamente dispostos à leitura. Enquanto homens afirmam gostar da leitura muito (33%), um pouco (50%) e não gostar (16%), as mulheres, muito (45%), um pouco (44%) e não gostar (11%), no curso superior, sem indicação de sexo, a pesquisa aponta para: gostar muito: 61%, um pouco: 30%, não gostar: 9%.

A pesquisa indica ainda que 35% dos entrevistados, quando perguntados sobre o que gostam fazer no seu tempo livre, responderam *ler*. Desse grupo, 64% são classificados como de nível superior. Dos leitores que declararam gostar de ler em seu tempo livre e que fazem isso com frequência, 79% têm formação superior. No Nordeste, onde se insere o grupo a ser pesquisado, 59% dos que gostam de ler o fazem com frequência, sendo que 87% desse universo possuem ou cursam nível superior (RETRATOS..., 2008).

Delimitamos o grupo de alunos de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como o nosso recorte. Sobre esse grupo, podemos apresentar algumas informações que legitimam a nossa escolha¹. Dos estudantes, 71% afirmaram que a entrada no curso de Comunicação Social o levou a ler mais. Nesse mesmo grupo, 48% disseram ler “acima do que é solicitado”; 25%, “somente o que é solicitado”; e 27% leem “menos do que é solicitado nas disciplinas”. A maioria (44%) afirmou ler de 4 a 8 livros impressos por ano; 29% leem de 1 a 3; 15% leem mais de 15; e 11%, de 8 a 15. Esses números colocam os leitores do curso de Comunicação Social da UFRN acima da média nacional. De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que realizou pesquisa com 19.691 estudantes de graduação de universidades federais de todo o país, o estudante do ensino superior brasileiro lê de 1 a 4 livros por ano (MOURA, 2011).

A partir dessa delimitação, consideramos relevante a realização de um primeiro movimento sobre o empírico que consistiu em uma pesquisa exploratória. Essa fase foi de fundamental importância, pois, conforme defende Bonin (2006, p. 36), a pesquisa exploratória “fornece elementos para obrar em uma construção teórica que transcenda o fichamento de autores ou o aprisionamento da construção em um nível de generalidade pouco sensível ao objeto concreto”. Trata-se de avançar sobre o empírico e realizar o caminho de volta às proposições teóricas, estabelecendo o diálogo entre ambos. As investidas sobre o campo demonstram que a realidade ajuda a tensionar a teoria (ISER, 2006). Para essa fase, adotamos a aplicação de questionário *online*, direcionado ao grupo de estudantes da Comunicação Social da UFRN. Além de auxiliar na caracterização do grupo que

¹ Esses dados são fruto de uma pesquisa exploratória defendida a seguir. Os outros resultados serão apresentados no Capítulo 3.

pretendíamos estudar, a pesquisa exploratória serviu de base para a escolha dos sujeitos da fase seguinte (as entrevistas individuais). Conforme defende Vergara (2009, p. 24),

o entrevistador deve ter o cuidado de selecionar aqueles que sejam representativos do grupo social em estudo e que, pelo menos em princípio, possam lhe trazer respostas que emprestem qualidade ao seu trabalho de pesquisa e que permitam ter uma visão mais abrangente do seu problema de investigação.

Somente após a aplicação dos questionários da pesquisa exploratória e da escolha dos entrevistados² é que tiveram início as entrevistas individuais. Nessa segunda fase, é importante ressaltar que as questões seguiram uma linha para a compreensão da *história de vida midiática* do entrevistado, conforme utilizado em Marin (2006) e Lacerda (2008).

Marin (2006) atua nessa perspectiva de modo a buscar compreender o produto e a recepção dos programas de televisão *Domingão do Faustão* e *Domingo Legal*. Para tanto, realizou entrevistas com telespectadores desses programas e com isso defendeu a proposta de uma *história de vida midiática televisiva*, pois buscava “investigar diferentes fases da vida dos entrevistados, a inter-relação com as mídias, em especial com a televisão e o sentido que os programas de auditório ocuparam e ocupam na vida dos pesquisados” (MARIN, 2006, p. 83). Já Lacerda (2008) se propôs a descrever e a interpretar a “ambiência midiático-comunicacional” dos telecentros de acesso público e gratuito e as “vivências midiáticas digitais” de internautas integrantes dos projetos de inclusão digital: Faróis do Saber, da Prefeitura de Curitiba, e Paranavegar, do Governo Estadual do Paraná. Para cumprir seus objetivos, o autor inclui numa articulação plurimetodológica a realização de entrevistas em profundidade com enfoque da *história de vida midiática digital* dos internautas, “compreendendo os períodos de sua experiência com a mídia tradicional e as mídias digitais” (LACERDA, 2008, p. 213).

Em nosso caso, a abordagem estará centrada em práticas socioculturais sobre o livro digital. Para tanto, consideramos que, por se tratar de uma experiência relativamente recente, o leitor de livros digitais também experienciou o contato com livros impressos, vivência que a nós se torna imprescindível para questionarmos possíveis encontros e desencontros entre essas práticas. Justificamos assim o interesse por um relato de vida, a partir do qual serão indagadas as experiências do sujeito entrevistado com os suportes de leitura impressos e digitais. Períodos de uma vida midiática, tomada como a relação cotidiana do indivíduo com a

² Os detalhes acerca desses procedimentos estão no Capítulo 3.

mídia, que podem talvez encontrar correspondentes no tempo, mas que podem também se mostrar consideravelmente distanciados.

Além da adequação ao nosso objeto, propomos ainda uma atualização terminológica. Para tanto, baseamo-nos em Bertaux (2010) que trabalha com a expressão “narrativa de vida”, ao invés de “história de vida”, termo, segundo o autor, fruto de uma tradução literal do inglês *life history*. Para Bertaux (2010, p. 15), a expressão “história de vida” “apresentava o inconveniente de não distinguir entre a história vivida por uma pessoa e a narrativa que ela poderia fazer de sua vida”. Em se tratando do relato subjetivo de indivíduos, consideramos que as falas podem não condizer em grau exato à realidade de fato ocorrida. Desse modo, pensamos a ideia de narrativa como mais próxima de uma história contada, a qual pode ser influenciada por inúmeros fatores ligados à experiência. Pelo exposto, optamos por trabalhar sob a ideia de uma *narrativa de vida midiática sobre o livro*.

Horizonte de legitimação

Sobre a relevância da nossa pesquisa, pensamos que se trata de um projeto inovador, pois trata de um tema cuja emergência se deu em tempos recentes. Por isso mesmo, são escassas as produções científicas no campo da comunicação midiática. Entretanto, o livro digital se coloca na atualidade como meio de comunicação inserido em um contexto de mídias reconfiguradas sobre as possibilidades das tecnologias digitais, sendo mais um expoente nesse ambiente comunicacional contemporâneo.

Além disso, as pesquisas sobre comunicação midiática delegam ao livro um papel marginal. Seus enfoques parecem centrados em mídias de massa como rádio, TV e jornal, ou mesmo em fenômenos ligados às redes de informação como a internet. O livro na função de produto midiático de informação e entretenimento vem assim ocupar o seu espaço como meio de comunicação, estando, como os demais, envolvido sob condições de produção, circulação e recepção particulares merecedoras de investigação.

Outro argumento revelante refere-se ao registro de práticas. Recorrentemente, pesquisadores de leitura destacam a dificuldade de descortinar as antigas formas de relação com o livro, pois as amostras que evidenciam essas atividades são escassas. Por isso a importância da inscrição que pretendemos realizar. Acreditamos não se tratar apenas de falas que nos remetem ao passado por um viés comparativo, mas, sobretudo, que nos leva a vislumbrar o futuro do livro e da leitura.

Forma e conteúdo

Além desta introdução, estruturamos nossa dissertação em três capítulos.

No primeiro, faremos as apropriações de autores que pensamos dialogar com a nossa proposição. Avançamos na articulação, defendida como proposta metodológica, a fim de compor um quadro da cultura do livro impresso, de elementos referentes: à *materialidade*, à *forma*, à *simbologia* e à *ritualidade*, os quais serão esclarecidos e ilustrados a partir autores diversos³, muitos deles estudiosos da História da Cultural, campo no qual se concentram os maiores pesquisadores da história do livro e da leitura.

No segundo, oferecemos um painel sobre o surgimento e atual configuração do livro digital no mundo e, em especial, sua oferta ao público brasileiro. Esse exercício se faz necessário por se tratar de tema relativamente novo, com reduzido número de publicações na área da comunicação. Algumas dessas publicações também foram exploradas, objetivando identificar alguns dos olhares lançados sobre o tema. Nesse capítulo abordaremos também, ao elencar as características técnicas presentes na constituição do livro digital como produto, em quais pontos se encontram e distanciam da enraizada cultura do livro impresso.

O terceiro e último capítulo está reservado à apresentação da análise e interpretação de depoimentos de leitores de livros digitais, os quais serão questionados acerca de suas práticas e relações com o livro em formato digital. É nesse ponto que procuraremos oferecer nossa maior contribuição: configurar práticas de leitores, além de modos de reconhecimento, a partir da relação com o objeto e suas peculiaridades, para que possamos propor contornos de uma relação de origens recentes e por isso mesmo pouco estudada. Vale ressaltar que nessa análise as práticas estarão problematizadas nos termos definidos no primeiro capítulo, que inclui as dimensões já referidas: *ritualidade*, *simbologia*, *materialidade* e *forma*.

³ Para compor essa caracterização, nos baseamos em autores como Beiguelman (2003); Briggs e Burke (2006); Burke (2008); Certeau (2003); Chartier (1992, 1994, 2006); Darnton (1990, 2006, 2010); Debray (1993); El Far (2006); Katzenstein (1986); Manguel (2001); Martín-Barbero (2008); Mouillaud (2002); Murcia (2010); Villaça (2002), os quais serão debatidos no Capítulo 1.

Capítulo 1

Livros e livros: práticas de leitores

1.1 Livros e cotidiano

A leitura, todos os dias, de modo sucessivo e contínuo, permeia nosso dia a dia. Em variadas esferas da nossa vida, seja em âmbito particular, seja coletivo, nos é solicitada a capacidade de decifrar códigos a fim de constituir sentidos sobre os mais variados temas. Aquele que não lê é posto à margem. A ele são imputadas atividades, cujo maior esforço é físico e não intelectual. Perdem-se também possibilidades de exercício de cidadania, cuja fonte inspiradora está sobre meios de informação e comunicação que exigem, sobremaneira, a capacidade de leitura para completude da sua ação. Desse modo, o cotidiano se impõe como texto para leitura. Imagens, sons e palavras que percorrem os fazeres e os lazeres. Textos postos, sobrepostos e impostos, principalmente, por formas midiáticas de comunicação. Como afirma Certeau (2003, p. 48-49),

da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade mostrar ou de se mostrar e transformar as comunicações em viagens do olhar. É uma epopeia do olho e da pulsão de ler. Até a economia, transformada em “semiocracia”, fomenta uma hipertrofia da leitura. O binômio produção-consumo poderia ser substituído por seu equivalente geral: escritura-leitura.

Para a leitura do mundo, o livro desempenha importante função. Talvez seja ele a mais nobre mídia para leitura. A excelência do livro decorre provavelmente do seu poder de registro e resgate do conhecimento, que aliados a novos saberes podem ser capazes de impulsionar o desenvolvimento não apenas de indivíduos, mas de todo um grupo social. Parte daí o sagrado do livro e a importância que ele exerce.

Desde então, o livro vem ocupando um espaço cada vez mais presente no cotidiano das sociedades. Em diversas ocasiões, o livro foi (e ainda é) adaptado, para que pudesse

atingir um maior número de pessoas, alterações que visavam uma popularização do uso do livro. Sobre uma fração dessa trajetória, El Far (2006, p. 54-55) esclarece que

o estigma de ser o volume impresso algo relacionado ao estudo, à erudição, manuseado e consumido por homens sóbrios e especialistas, foi banido pelos livreiros do século XIX, que tudo fizeram para dar a ela novos usos. As capas ilustradas, os títulos provocantes e engraçados e a impressão em papel de pequena durabilidade contribuíram de modo eficaz para retirar o livro das bibliotecas e do ambiente restrito do lar e introduzi-lo no cotidiano das ruas, dos transportes públicos, dos cafés, das praças.

Dentro desse contexto de leitura como parte integrante do cotidiano, Certeau (2003) dedica-se ao estudo das “operações de usuários”. Segundo o autor, esses usuários, os leitores, estavam conformados à imagem de passivos e disciplinados diante de uma ordem superior localizada no nível da produção daquilo que é consumido. A abordagem de Certeau (2003) recai sobre as práticas de consumidores, suas “maneiras de fazer”, seus modos de fabricação, de apropriação, do produto consumido.

Com o intuito de dar conta dessas práticas, Certeau (2003) realiza a distinção entre estratégias e táticas. Detemo-nos a elas para aplicação sobre nossa investigação.

As estratégias são, conforme define o autor, “ações que, graças a um postulado de ação e poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (CERTEAU, 2003, p. 102). Seriam assim da ordem da produção. As táticas, por sua vez,

são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU, 2003, p. 102).

Desse modo, as táticas seriam as ações de astúcia do consumidor, os modos pelos quais, a partir de uma “ocasião” delimitada no tempo, os produtos são percebidos, usufruídos ou utilizados. Ações empreendidas para o uso próprio, num dado momento, a fim de subverter uma força maior. Temos assim o golpe do consumidor sobre o produtor. A tática é, nas palavras de Certeau (2003, p. 101), a “arte do fraco”.

Assim, as estratégias articulam-se sobre um espaço, postulam desse modo um lugar passível de ser delimitado como base para suas relações. As táticas, por seu turno, se dão no

tempo, aproveitando as oportunidades de cada momento. Em resumo, “as estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder agir” (CERTEAU, 2003, p. 102, grifos do autor). Em ambas, categorias de poder se colocam como determinantes nas suas dinâmicas, seja pela força, seja pela fragilidade da sua ação.

Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder (CERTEAU, 2003, p. 101).

Sobre o livro, o leitor também exhibe suas astúcias. Aqui corroboramos o pensamento de Certeau (2003, p. 45) quando afirma que “embora sejam constituídas com vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem”. Apesar do seu aspecto material definido, o livro pode ser utilizado de diferentes maneiras. A partir das experiências com o objeto, o usuário pode fazer dele o uso que melhor lhe convier, segundo suas próprias necessidades, muitas vezes desprezando as direções propostas pelo produtor. Acerca disso, afirma Certeau (2003, p. 264-265):

Se, portanto, “o livro é um feito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do “leitor”. Este não toma nem o lugar nem um lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações.

Como explicitado na introdução deste trabalho, nosso foco não está direcionado ao conteúdo da leitura, o texto, e suas produções de sentido, nossa atenção está voltada sobre o dispositivo, sobre a interface. Desse modo, procuramos identificar as táticas utilizadas pelos leitores no uso do livro impresso. Com esse objetivo, por meio de observações, pudemos identificar algumas ações que nos pareceram seguir nessa direção.

Páginas dobradas: alguns leitores dobram as pontas das folhas, a fim de demarcar os pontos nos quais interromperam a leitura ou mesmo as páginas que contém algo de interesse para posterior consulta.

Marginálias: leitores inserem notas nas margens do livro com o objetivo de marcar suas impressões de determinado trecho.

Tracejados ou marcadores: leitores destacam as principais passagens do seu interesse por meio de sublinhados, círculos ou com o auxílio de canetas marca-texto.

Leitura salteada: o leitor tem a opção de saltar trechos do texto para atingir mais brevemente àqueles que lhe chamam maior atenção. Em livros compostos por capítulos, o leitor pode dedicar sua atenção apenas àqueles que lhe interessam.

Acesso: além de comprados, os livros podem ser acessados por meio de empréstimo a amigos ou a bibliotecas, ou mesmo alvo de cópias, mesmo que não autorizadas. Poderíamos considerar também que eles podem ser roubados ou furtados.

A partir das ações acima elencadas, compreendemos que o uso do livro se dá de modo particular, sempre levando em conta os objetivos do leitor. As táticas aqui delimitadas são ilustrações desse uso, sobre o qual os produtores têm quase nenhuma alternativa de manipulação. Aqui também se desenha a leitura como prática cotidiana, assim como caracterizada por Certeau, pois nela estão postas as “vitórias do ‘fraco’ sobre o ‘forte’ [...], pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos” (CERTEAU, 2003, p. 47). Os “fracos” são nesse caso os leitores que manipulam a matéria, subvertem ordens, demarcam seu território, caracterizando as dinâmicas para uma apropriação, caminho para a “fabricação” de sentidos, nos termos de Certeau (2003).

Podemos exemplificar: um livro que reúne uma coletânea de artigos não consiste, ou pelo menos não deveria, em um agrupamento aleatório de textos. O(s) organizador(es) deve(m) compor o livro de modo a estabelecer uma unidade de sentido. Há algumas formas para isso, por exemplo: 1) ajuntamento dos capítulos em partes com propostas bem definidas ou 2) articular um sequenciamento de textos que indicam uma gradação de sentido. Todos eles, sem exceção, devem responder a proposta geral da publicação. Contudo, o leitor não necessita avançar por esse sentido. Pode sim, saltar, atentar, negligenciar etc., segundo seus interesses, compondo uma leitura própria. Um trajeto percorrido segundo um “estatuto do indivíduo”, compreendido aqui como os modos, as regras, os parâmetros, pelos quais o indivíduo se apropria daquilo que consome.

Nesse conjunto de elementos de apropriação, nos interessa aqueles ligados ao objeto de leitura, o livro, neste trabalho problematizado em sua versão digital. Percorrerão aí novas táticas? Antes de tentar responder a essa pergunta, é preciso esclarecer os vínculos estabelecidos com o livro em sua versão impressa, a fim de poder articulá-los com as possibilidades oferecidas pelo livro digital.

1.2 Sujeitos, produtos e vínculos

As condições para o reconhecimento do livro digital esbarram no modo como parte considerável dos indivíduos produz sentidos sobre as experiências em plataformas digitais na vida cotidiana, considerando para isso séculos de cultura do impresso que operam sobre a construção de vínculos no tempo entre livro impresso e leitor. Uma espécie de “contrato de leitura” que “ênfatiza as condições de construção do vínculo que une no tempo uma mídia a seus ‘consumidores’” (VERÓN, 2004, p. 275). A partir disso, acreditamos que é válido perceber de que modo se realizam as experiências de leitura de livros digitais considerando as “cláusulas” do contrato já firmado entre o indivíduo e os livros em papel.

Num primeiro momento, nos é imprescindível compreender como se revelam os modos de reconhecimento dessa cultura. Esse será um exercício aqui empreendido com o intuito de estabelecer um horizonte de comparação com hábitos declarados de leitores de livros digitais. Desse modo, buscamos apresentar pontos de similitudes e de divergências, caso existam.

O ponto de partida para nossa abordagem recai sobre a posição de Debray (1993) quando afirma que, por meio da observação crítica de uma retrospectiva histórica dos meios de comunicação, podemos desvelar suas funções. Aqui entendemos a retrospectiva da qual trata Debray (1993) como uma visão distanciada por meio da qual nos é permitido tentar compreender um dado meio e suas circunstâncias físicas, sociais, culturais, políticas e econômicas. Uma distância no tempo que não separa passado e presente, mas que, ao contrário, liga esses pontos, buscando neles mesmos suas correspondências para, enfim, delimitar suas particularidades.

[...] descobre-se melhor a função do manuscrito a partir do impresso, do escrito a partir da imagem. A memória analógica (TV, rádio, etc.) assume todo o seu relevo à luz das tecnologias numéricas (CD e leitura laser) que lhe sucedem. Da mesma maneira que o telecomputador de amanhã permitirá compreender melhor a televisão de hoje, nossos atuais e rústicos

meios de comunicação de massa que esclarecem a função do médium “ex post ante”, absolutamente como a anatomia do homem esclarece a do macaco, e o grande capitalismo industrial do século XIX a pequena produção do feirante do século XV. É após um longo desenvolvimento histórico que se descobre o que estava sendo desenvolvido desde o princípio (DEBRAY, 1993, p. 31).

Ao nos situarmos diante do emergente mercado de livros digitais, ora discutido em suas diferentes abordagens, desde a possibilidade redentora da democratização do conhecimento até as discussões acerca da propriedade intelectual ameaçada por produtos digitais facilmente reproduzíveis, nos colocamos de alguma maneira distantes das práticas relacionadas ao livro em papel. Se não totalmente distantes, pensamos essas práticas como advindas de outro tempo, um período no qual as atuais possibilidades de produção, reprodução e distribuição de conteúdo eram sequer imaginadas. É como tentar perceber o livro impresso a partir do advento do livro digital e vice-versa.

Desse modo, a nós parece oportuna a caracterização, mesmo que de modo restrito, a fim de atender às necessidades de uma pesquisa acadêmica, de contornos de uma cultura na qual a leitura de livros apenas se concretizava em meios impressos. Um cenário pelo qual nos serão oferecidos aportes para o reconhecimento do livro em papel e, a partir disso, buscar pistas para uma possível caracterização de um conjunto de práticas relacionadas à leitura por meio de dispositivos eletrônicos.

1.3 Livros, significados e reconhecimentos

No que tange ao reconhecimento do livro, seja impresso, seja digital, em suas particularidades e funções, é válido para compreensão desse universo refletir sobre o que Flusser (2007) propõe acerca das coisas: um mundo perceptível, tangível, compreensível, diferente do mundo contemporâneo da não coisa, das informações que circulam, se encontram, se unem, se corrompem, por meio de cabos ou pelo ar. Uma não matéria que causa estranhamento àqueles habituados ao toque, à textura, ao cheiro. Um espaço onde, para muitos, se inserem os livros digitais.

Acerca desse espaço, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) discutem que este é um lugar etéreo, incapaz de contribuir com a função da memória, atribuída sobremaneira ao livro impresso. Na conversa entre esses intelectuais, carregada de reminiscências, ambos defendem a dificuldade de permanência do suporte informático como instrumento de guarda da memória. Para isso exemplificam os diversos meios (disquete, CD, DVD, *pen drive*) de

preservação da informação, os quais foram sendo sempre substituídos por novas tecnologias, impedindo, muitas vezes, a conversão integral de dados de um suporte a outro. Para solução de tal problema, apontam o impresso como meio que perdurou durante séculos e que até hoje permite o registro e a preservação da cultura.

Debray (1993) compreende esses registros da cultura como *vestígios*. O autor chama a atenção para a precariedade dos instrumentos de preservação da memória: “a tendência para a fragilização dos vestígios não pode deixar de impressionar o observador. Tem como forma histórica a efemerização dos suportes que parecem ter uma vida cada vez mais curta: reverso e preço a pagar por uma difusão cada vez mais ampla” (DEBRAY, 1993, p. 228). Debray (1993, p. 228) ainda considera o dilema da preservação dos vestígios *versus* o caráter descartável da indústria que desenvolve os sistemas de memória:

A indústria é um acelerador de obsolescência e a cultura uma salvaguarda de permanência. É um dos paradoxos da noção de indústria cultural (e de suas produções). A indústria destrói o que a cultura deve estocar. A primeira só pode viver fabricando o que é perecível e a outra arrancando o tempo que resta ao tempo que passa.

Desse modo, refletimos se o reconhecimento do livro passa necessariamente sobre sua função de guardião da memória, do conhecimento. Se assim o for, considerando a ideia de muitos de que formatos digitais não contribuem efetivamente para o registro das ideias, o livro digital não seria desse modo um suporte confiável para exercer a função de preservação cultural. Que outras *simbologias* poderiam estar atreladas ao livro digital? A resposta a essa questão é parte do nosso intento nesta pesquisa.

Outro aspecto relevante são as formas utilizadas na esfera da produção a fim de minimizar o choque sobre paradigmas culturais arraigados na relação do indivíduo com o livro. Um dos conceitos relacionados com esse intuito é a *remediação (remediation)*. Termo cunhado por Bolter e Grusin (1999), que caracteriza a apropriação, de qualquer modo, de traços de uma mídia para outra, num processo em que são evidentes a assimilação de linguagem, estilo e características de meios tradicionais.

Bolter e Grusin (1999) defendem a influência mútua das mídias, uma sobre as outras, estabelecendo um diálogo no qual as mídias mais modernas se apropriam das mais antigas. Desse modo, uma não se sobrepõe sobre a outra. As mais recentes se apoiam nas características das primeiras, podendo, assim, instituir uma forma de familiaridade com o novo, seguindo, entretanto, um funcionamento próprio e diferenciado. Ao mesmo tempo, as mídias consideradas tradicionais passaram a se apropriar das características das novas mídias.

O jornal, por exemplo, para não perder mais espaço, em concorrência com a revista e a internet, passou a se modernizar, valorizando a imagem em detrimento do texto, ou seja, procurando estabelecer novas formas de estratégia de contato com o consumidor (VERÓN, 2004). Em se tratando do livro digital, em alguns casos, por exemplo, são criados documentos que simulam virtualmente o “passar” de páginas, acompanhado do ruído emitido pelo movimento do papel. É como se o objetivo desta estratégia de contato fosse recuperar e renovar o “contrato”, a “confiança” que já estão na memória afetiva do leitor, remetendo às características do livro impresso como um lugar reconhecido, do qual se poderia partir com segurança para novas práticas.

Diante das formas digitais de oferta do livro, na concorrência com as formas tradicionais impressas, podemos pensar, na linha proposta por Eliseo Verón, que o contrato é enunciativo, pois se “cumpre essencialmente não no plano do conteúdo, mas no plano das modalidades do dizer” (2004, p. 276), isto é, na *forma*. Dentro dessa perspectiva, buscamos em Mouillaud (2002) aportes para a compreensão de modos de reconhecimento do livro, nesse caso, a partir da sua *forma*. O autor reflete sobre a dicotomia dispositivo/sentido numa abordagem que dedica ao primeiro elemento um caráter intrínseco ao segundo. Em sua abordagem sobre essa dualidade inserida no jornal diário, o autor afirma que o “discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido” (MOUILLAUD, 2002, p. 29). O “dispositivo” é definido pelo autor como os “lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os textos”, estes entendidos como qualquer forma de inscrição (de linguagem, icônica, sonora, gestual etc.). Acrescenta ainda que o dispositivo tem uma forma que lhe é característica, um modo de estruturação no espaço e no tempo. É, assim, mais do que um “suporte”, colocando-se como uma “matriz” que impõe suas formas ao texto (MOUILLAUD, 2002, p. 34-35).

Mouillaud (2002) se utiliza da metáfora da embalagem para questionar o sentido do chamado conteúdo, caso não existisse aquilo que o envolve, no caso do jornal, a materialidade do papel, o formato, a disposição dos elementos gráficos etc. Nessa perspectiva, o entendimento daquilo que é o jornal passa também pelo modo como ele é apresentado. Paralelamente, o livro impresso é reconhecido a partir daquilo que lhe é característico enquanto objeto material, em sua forma enunciativa. O tipo de papel utilizado; o formato; as sequências de elementos pré-textuais (folha de rosto, dedicatória, agradecimentos, prefácio, epígrafe, sumário), textuais e pós-textuais (conclusão, posfácio, índice etc.); além dos itens próprios do meio, como capa, orelhas, lombada e colofão, que são

características da enunciação do livro, de suas estratégias de contato, e o fazem reconhecível a partir da sua materialidade, da sua embalagem, da sua forma.

A partir disso, é importante compreender sobre o modo como se dá o reconhecimento do livro em formato digital. A diversidade de suportes (computador, leitor eletrônico, celular, *tablet* etc.) representa uma multiplicidade de estratégias de contato entre o texto e o leitor. A narrativa não está mais apenas impressa no papel. Não está presa a sua mobilidade relativamente restrita (se comparada à mobilidade da sua versão digital). Ela está agora imersa num universo de *bits*, possibilitando-lhe a reconfiguração de sua estrutura. Sua dimensão passa a ser cambiável para adaptação aos seus suportes de leitura. O livro é agora do tamanho do *display*. A sequência de seus elementos pode perder a linearidade presente no impresso a partir das possibilidades do hipertexto. Blocos de informação enlaçados numa teia sobre a qual cada leitor traça subjetivamente seu percurso de leitura. O movimento, por sua vez, também pode estar presente: vídeos, animações, gráficos dinâmicos compõem o conteúdo que antes se resumia a textos e imagens estáticas. Dessa maneira, a partir da instauração de (novos) sentidos sobre o livro, como se apresentam as práticas socioculturais de uso, considerando características tão variáveis e ao mesmo tempo tão divergentes daquelas do livro impresso enquanto estratégias de enunciação e de contato?

1.4 Dimensões das práticas de leitores

A partir daqui, propomos, como recurso metodológico, a caracterização de uma cultura do livro impresso. É evidente que nas poucas páginas que nos são reservadas, tendo em vista a construção de uma dissertação de mestrado, bem como o tempo que nos é delimitado para a elaboração da pesquisa, não daremos conta de caracterizar cinco séculos de história do livro impresso, desde seu surgimento, com a auspiciosa criação da prensa de tipos móveis de Johannes Gutenberg, no século XIV, passando pelo jogo de interesses políticos, econômicos e sociais suscitados pela invenção, e que permeia toda sua história, desembocando na sua utilização para formação e consolidação de uma indústria, denominada cultural. Isso sem falar de todas as implicações que as técnicas de impressão tiveram sobre as formas de registro, de transmissão de conhecimento, o que marcadamente nos constitui como a sociedade que somos.

Desse modo, buscamos construir um quadro que nos fosse útil na observação de práticas socioculturais claramente referentes ao livro impresso e que, de algum modo,

poderiam ser replicadas nas experiências com o digital, seja de forma idêntica, seja de modo análogo, seja de maneira completamente distinta. É sobre essas possibilidades que recairão nosso olhar na parte final da pesquisa.

Por ora, nosso percurso encontra-se no estágio de construção de instrumentos de auxílio a posteriores análises e interpretações. Para essa construção, faremos uma investida no campo da História a fim de compreender as relações tradicionais com o livro. Dessa maneira, acreditamos ser possível compreender que a leitura, em sua trajetória histórica, esteve circunstanciada por hábitos particulares, bem como costumes de uma coletividade, frente ao objeto livro e seu uso. Conforme pensa Bourdieu (BOURDIEU; CHARTIER, 2006, p. 233), “[...] assim como as capacidades de leitura postas em funcionamento num dado momento por determinados leitores frente a determinados textos, a situações de leitura são historicamente variáveis”. Esse aspecto é determinante no modo como pretendemos investigar empiricamente nosso objeto. Neste ponto, nos apoiamos, pelo menos em parte, na perspectiva de estudos da História Cultural, disciplina que comporta abordagens da Antropologia e da História para o estudo de costumes, sociabilidades e representações, entre outros objetos. Essa utilização é por nós vista como a prática de uma abordagem interdisciplinar na comunicação, proposição que vem se colocando como enriquecedora de ângulos de visão, auxiliando na problematização de objetos e na definição de estratégias de investigação. A exploração é válida ainda por nele se concentrarem os maiores pesquisadores da história do livro e da leitura.

Num primeiro passo, vale caracterizar o campo da História Cultural, destacando seus principais pesquisadores e objetos de estudos.

Para Burke (2008), a História Cultural pode ser dividida em quatro fases.

Na primeira, a História Cultural clássica, estão concentrados os estudos concernentes à tentativa de retratar uma determinada época. Seus pesquisadores estavam envolvidos em investigações acerca da história dos clássicos, um repertório no qual figuravam obras-primas da arte, literatura, filosofia e ciência. Nesse período, entre seus intelectuais, destacam-se: Jacob Burckhardt, Johan Huizinga e G. M. Young (BURKE, 2008, p. 16).

A segunda, denominada História Social da Arte, inclui pesquisas que vão desde a sociologia à história da arte. Aqui se sobressaem as contribuições não apenas de historiadores, mas de um grupo mais amplo de pesquisadores. Entre eles, os sociólogos Max Weber e Norbert Elias, o filósofo Ernest Cassirer, os historiadores da arte Fritz Saxl, Edgar Wind, Erwin Panofsky, e Aby Warburg, que não possuía carreira acadêmica, mas que se destacou como influente intelectual (BURKE, 2008, p. 21).

A descoberta do povo e suas tradições é a característica principal da terceira fase. De acordo com Burke (2008, p. 29), nesse período, “canções e contos populares, danças, rituais, artes e ofícios foram descobertos por intelectuais de classe média [...]”. O autor acrescenta ainda que, no começo, “a história da cultura popular foi deixada aos amantes das antiguidades, folcloristas e antropólogos. Só na década de 1960 um grupo de historiadores, sobretudo, mas não exclusivamente anglófonos, passou a estudá-la”. Inserem-se como seus principais pesquisadores: Eric Hobsbawam, Edward Thompson, Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, entre outros.

Em último estágio, encontramos a chamada Nova História Cultural, ou, como sugere Burke (2008), simplesmente NHC. Nesse ponto, que acontece entre as décadas de 1960 e 1970, o autor propõe a redescoberta da disciplina, destacando seu caráter renovador.

A NHC é uma forma dominante de história cultural – alguns até mesmo diriam a forma dominante de história – praticada hoje. Ela segue um novo “paradigma”, no sentido do termo usado por Thomas Kuhn sobre as estruturas das “revoluções” científicas, ou seja, um modelo para a prática “normal” da qual decorre uma tradição de pesquisa.

Avançando sobre a apresentação do que seriam as principais abordagens da NHC, Burke (2008) inclui as chamadas “práticas” como um dos paradigmas da área. Entre essas práticas (e aqui reside o principal argumento para escolha desse campo de pesquisa como subsídio teórico), reserva espaço para as práticas de leitura: “uma das formas mais populares das histórias das práticas é a história da leitura, definida, por um lado, em contraste com a história da escrita, e, por outro, com a precedente história do livro” (BURKE, 2008, p. 82).

Chartier (1992, p. 212) busca expor algumas hipóteses sobre uma história das práticas de leitura. Segundo o autor, “essas práticas são definidas de modo a incluir as relações com objetos impressos (que não se restringem absolutamente aos livros) e com os textos com os quais, desse modo, os leitores se deparam”. Na nossa pesquisa, o foco será apontado para práticas como movimentos sobre os livros digitais. Como já exposto, para isso traremos à tona investigações acerca da história do livro e da leitura concernentes à História Cultural. Essa proposição reside no argumento de que para reconhecemos melhor o presente e o futuro devemos voltar os olhos para o passado, identificar raízes culturais, circunstâncias pelos quais fatos ocorreram, os modos, as intenções, enfim, nos reconhecer como indivíduos históricos empreendedores de práticas que se modificam, ou não, ao longo do tempo.

Dentro dessa perspectiva histórica e inserida no contexto da História Cultural, a história do livro se mostra como campo em crescente expansão. Na definição de história do livro, se empenha Robert Darnton (1990; 2010). Para o autor,

É uma área que pode estendida e ampliada de diversas formas, mas de modo geral se ocupa do livro desde a época de Gutenberg [...]. Ela surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto de problemas comuns, todos relacionados ao processo de comunicação (DARNTON, 2010, p. 190).

Para tanto, destaca Darnton (2010), foram convidados historiadores, estudiosos de literatura, sociólogos, bibliotecários e todos que desejassem entender o livro como “força histórica”. É dentro desse grupo de pesquisadores que procuramos encontrar algumas das bases para nossa pesquisa.

Decidimos ainda por incluir o ensaísta, organizador de antologias, tradutor, editor e romancista, o argentino Alberto Manguel. Apesar de não historiador, Manguel, em sua obra *Uma história da leitura* (2001), presta grande contribuição para o entendimento de práticas de leitura em suportes impressos. Apesar de não encontrarmos explícita referência a Manguel como pesquisador da NHC, identificamos no seu trabalho relevante contribuição ao campo.

É evidente que nosso trabalho não é, de fato, um trabalho de historiador. Procuramos, por meio de estudos históricos, esclarecermos relações entre indivíduos e o livro digital, compreendido aqui como mídia de configuração recente e que vem provocando fervorosos debates acerca do fim ou da continuidade do livro impresso, bem como sobre como modos de leitura vêm a se modificar. No entanto, assim como os historiadores do livro e da leitura, empenharemos esforços em “buscar um meio de determinar os paradigmas de leitura predominantes em uma comunidade de leitores, num dado período e lugar” (CHARTIER, 1992, p. 226-227).

Apesar da história da leitura não ter iniciado exclusivamente a partir do desenvolvimento de técnicas de impressão, consideramos esse contexto como de importância fundamental para que o registro da informação e do conhecimento pudesse ganhar maior poder de difusão e descolar-se mais facilmente da sua origem espacial, atravessando regiões, países e continentes para que desse modo tivesse seus signos decodificados. Tal ênfase se deve a um conjunto de dinâmicas surgidas e recriadas a partir da relação com o impresso. Sobre isso, Chartier (1992, p. 238) afirma que

depois de Gutenberg, toda a cultura ocidental pôde ser vista como uma cultura da impressão, pois, em vez de ficarem restritos aos usos administrativos e eclesiásticos (como na China ou na Coreia), os produtos

das impressoras e da composição tipográfica influenciaram a totalidade das práticas e das relações.

Daí, o autor propõe o novo posicionamento de como percebemos as técnicas de impressão: “[...] devemos reinscrever o surgimento da máquina impressora na história da longa duração das formas do livro ou dos suportes dos textos (do *volumen* ao *codex*, do livro à tela) e na história das práticas da leitura” (CHARTIER, 1992, p. 238). E segue defendendo que a História Cultural pode, nesse contexto, situar-se como disciplina no entrecruzamento da crítica textual, da história do livro e da sociologia cultural.

Como já exposto, para esse trabalho, nosso intuito será investigar sobre práticas e relações acerca do livro digital, as quais serão enfoque das nossas entrevistas. Formas de leitura estão entre as práticas que nos interessam. Desse modo, nos oferecem subsídios importantes para a elaboração dessas questões, a categorização proposta por Briggs e Burke (2006, p. 67-72) para classificação dos tipos de leitura. A seguir, um resumo dessa distinção:

Leitura crítica: a partir do desenvolvimento da impressão gráfica, as pessoas puderam ter acesso a um número maior de publicações, podendo aguçar seu espírito crítico por meio da comparação de diferentes abordagens de um mesmo assunto.

Leitura perigosa: a leitura em recinto privado era capaz de provocar reações rebeldes ou tranquilizantes sobre o leitor, principalmente se ligado a grupos subordinados, como mulheres e “gente comum”.

Leitura criativa: ocorre quando o texto é lido de modo distinto à intenção do autor.

Leitura extensiva: Antes de 1750, havia poucos livros e eles eram, muitas vezes, considerados objetos sagrados. Depois disso, a proliferação dos livros acarretou sua dessacralização, acompanhada de um modo de leitura que consistia em folhear, consultar sumários e índices, a fim de buscar um assunto específico.

Leitura privada: tendência à prática da leitura individual em recintos particulares.

Ao fim da classificação, Briggs e Burke (2006, p. 71-72) alertam que realizar a mera classificação entre público e privado, intensivo e extensivo é uma simplificação grosseira, pois em muitos momentos da história da leitura essas várias formas de ler foram praticadas em simultaneidade. Os autores avançam desse modo para mais duas formas de distinção de

hábitos de leitura: 1) de acordo com *classes sociais*: quando a classe média tendia a ler em privacidade e os trabalhadores, em público e em voz alta; e 2) de acordo com a *situação*: quando no período medieval era hábito ler alto durante as refeições nos mosteiros e nas cortes reais, e quando, durante o século XIX, ler alto era comum no recinto familiar.

Seguindo sobre o nosso exercício, a partir das leituras realizadas, de observações e de auto-observações (partindo da constatação de que somos também leitores), definimos o que chamaremos de *dimensões*, as quais pensamos auxiliar na investigação, servindo como diretrizes para as entrevistas apresentadas no terceiro capítulo. Tratam-se de eixos por onde, no nosso entender, se dão as relações com o objeto livro impresso e as práticas a ele relacionadas. Compreendemos essas relações como formas de reconhecimento e significação do livro, as quais entendemos interferir no modo como utilizamos a mídia livro como instrumento de obtenção de informação, conhecimento ou como simples fonte de entretenimento, ou seja, significados que geram repercussões na forma como fruimos o livro.

As dimensões definidas são: a *ritualidade*, a *simbologia*, a *materialidade* e a *forma*. Elas foram relacionadas como próprias de livro impresso, considerando-as passíveis de relacioná-las com as práticas relativas ao livro digital. É fundamental salientar que não as compreendemos isoladamente, se apresentando, muitas vezes, inexoravelmente ligadas. Para o esclarecimento de como compreendemos esses eixos, além de explorar os autores da História Cultural, incluiremos outros mais de forma a reforçar argumentos e/ou promover ilustrações. De início, as agrupamos duas a duas por visualizar nelas certa relação, entretanto, posteriormente, indicamos alguns pontos nos quais elas se tangenciam. Desse modo, mostra-se evidente que essas dimensões são modos como “distribuir”, a princípio, práticas e significações do livro, mas que de forma alguma atuam isoladamente. É importante lembrar ainda que se trata de uma categorização proposta para esse trabalho, não resumindo assim a história do livro impresso em quatro apontamentos.

Vale ressaltar que Chartier (1994, p. 14) afirma a existência de comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais etc.). Observá-las, considera, seria a “primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador” (CHARTIER, 1994, p. 14). Contudo, apesar de conscientes da existência dessas comunidades, buscamos eleger esferas onde circulam livros e leitores os mais distintos. Dentro de cada dimensão, podem ser identificadas diversas dessas comunidades, em diferentes práticas, segundo variados critérios, subjetivos ou materiais. No terceiro capítulo, elas serão aplicadas na análise da comunidade

leitora por nós elegida: os alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1.4.1 A *ritualidade e a simbologia*

A fruição de um livro, seja impresso ou digital, requer um conjunto de práticas próprias do encontro entre livro e leitor. Um instante cujo movimento ou posição do praticante interfere sobremaneira no uso que se faz do objeto. Junto a isso se soma o espaço utilizado para essa prática, bem como as possíveis interações com outros indivíduos, no caso de práticas de leitura coletiva. A esse conjunto de propriedades denominamos *ritualidade*.

Martín-Barbero (2008), em sua proposta para um novo mapa das mediações, relaciona a *ritualidade* a duas categorias desse mapa, indicando aí suas características para cada um desses encontros. O primeiro deles diz respeito à relação da *ritualidade* com os *formatos industriais*. Nesse ponto, as ritualidades compõem “*gramáticas da ação* – do olhar, do escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e os tempos da vida cotidiana e os espaços e os tempos que conformam os meios” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 17, grifo do autor). O segundo encontro se dá com as *competências de recepção*. Nesse caso, as ritualidades remetem aos diferentes *usos sociais dos meios*. Além disso, referem-se

às múltiplas trajetórias de leitura ligadas às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre a do ler ou vice-versa (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 17).

Seja de um modo ou de outro, pensamos que essa “conduta” do leitor é de algum modo também aplicada às relações com o livro. Chartier (1994, p. 16) resume nosso pensamento quando afirma que “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelectão; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. É, enfim, *ritualidade*.

Sobre o corpo, é evidente que este se coloca de modo a obter maior conforto. Seja sentado ou deitado, o corpo parece pedir uma trégua aos movimentos para que os sentidos sejam voltados à experiência de leitura. A leitura pede uma posição espacial do corpo para que flua com eficiência. Referimo-nos a uma dinâmica na qual o corpo e seus movimentos se impõem como elementos intrínsecos. Sobre isso, Manguel (2001, p. 177) afirma que

há os [livros] que parecem exigir determinadas *posições* de leitura, posturas do corpo do leitor que, por sua vez, exigem locais de leitura apropriados a essas posturas [...]. Com frequência, o prazer derivado da leitura depende em larga medida do conforto corporal do leitor (MANGUEL, 2001, p. 177, grifo do autor).

Aliado à postura, soma-se o espaço no qual ocorre a experiência:

[...] não há dúvida de que o ato de ler no tempo requer um correspondente ato de ler no espaço, e a relação entre os dois atos é inextrincável. Há livros que leio em poltronas e livros que leio em escrivaninhas; há livros que leio em metrô, bondes e ônibus (MANGUEL, 2001, p. 178).

Com isso, o autor ratifica o caráter cotidiano do livro impresso utilizado nos mais comuns momentos do dia a dia, nos quais podemos usufruir da leitura, considerando a mobilidade do volume impresso. Essa cotidianidade, pensamos, contribui para a formação de ritualidades do livro.

No mesmo sentido, podemos pensar a tradição como elemento da *ritualidade*. A tradição do livro impresso, especificamente, é defendida por Murcia (2010, p. 2) que afirma ainda sua permanência para determinados tipos de leitura: “el libro en su forma tradicional sigue siendo el artilugio más empleado – y útil – para acceder a cierto tipo de literatura y es que el hábito lector aparece ritualizado y ligado a determinados contextos, a temporalidades y espacios sociales concretos”⁴. Como se percebe, o autor caracteriza os hábitos do leitor como práticas ritualizadas. Dessa maneira, o usuário estaria apegado a determinados modos de leitura segundo tempos e espaços específicos. Acrescentam-se aqui as propriedades do dispositivo como parte desse contexto. Livros de bolso, por exemplo, são úteis para ler no ônibus, no metrô, no parque etc.

Mais uma vez, o espaço se mostra condição para a *ritualidade*. Sobre isso, Villaça (2002, p. 44) acrescenta:

O onde da leitura também foi um dado a ser considerado para a compreensão de sua experiência. A leitura dos in-folio⁵ feitas pelos estudantes em pé, à época do humanismo. Em quadros de um século e meio mais tarde, como “La Lecture” [Fig. 1] e “La Liseuse” [Fig. 2], de Fragonard, os leitores estão reclinados em canapés, com pernas apoiadas em banquinhos. Para a compreensão da leitura é, portanto, útil a meditação sobre sua iconografia e seus equipamentos, incluindo mobília e vestuário.

4 “o livro em sua forma tradicional ainda é o aparelho mais usado – e útil – para acessar certos tipos de literatura e desse modo o hábito de leitura aparece ritualizado e vinculado a contextos específicos, a temporalidades e espaços sociais concretos” (tradução nossa).

5 “O in-folio era o nome dado a uma grande folha de papel que, dobrada uma única vez, formava um caderno de quatro páginas. Seguindo esse raciocínio, o in-quarto era uma folha dobrada duas vezes, compondo então um caderno menor, de oito páginas, e o in-oitavo constituía um caderno ainda menor, de 16 páginas, formado a partir de três dobras de uma mesma folha” (EL FAR, 2006, p. 31-32).

Refletir sobre essas condições nos leva a pensar também sobre o quanto se mostra fundamental as propriedades do suporte de leitura para os modos como se usufrui o livro. As tradições sobre o objeto se impõem como ritos, aqui compreendidos como comportamentos que se tornam rotineiros, incluídos no cotidiano da leitura, talvez tido como inseparáveis dela, confundindo-se com o próprio ato.

A introdução do livro digital nos leva a refletir sobre novas possibilidades de *ritualidade*, novos espaços, posturas, sociabilidades. Considerando práticas de leitura do livro digital, Beiguelman (2003, p. 35), afirma que “um repertório de gestos, um jogo tátil entre a mão e o papel (ou o ‘mouse’), uma constelação de objetos e de instrumentos de visão definem a posição da leitura neste mundo”. Desse modo, compreendemos que novos elementos compõem a *ritualidade* do livro digital. Dentre esses elementos, podemos destacar os espaços nos quais, o leitor pode agora acessar e usufruir de livros. Sob uma vivência conectada a redes mundiais de informações, o lugar não precisa mais ser o lugar do livro, mas sim o lugar do leitor. Em outras palavras, não se precisa dirigir-se para onde o livro é armazenado. Como afirma Debray (1993, p. 230), “já não tenho de ir em busca de vestígios; doravante, são eles que vêm ao meu encontro”.



Figura 1 – *La Lecture* (1778),
de Jean Honoré Fragonard.
Fonte: <<http://wikigallery.org>>.



Figura 2 – *La Lisense* (1772),
de Jean Honoré Fragonard.
Fonte: <<http://wikigallery.org>>.

A Nova História Cultural, em sua vertente sobre a história da leitura, aborda aquilo que para nós dialoga diretamente com a *ritualidade* praticada no ato da leitura. Sobre isso, Burke (2008, p. 83) esclarece:

No Ocidente, os tópicos correntes de interesse e debate na história da leitura incluem três mudanças ou deslocamentos aparentes: da leitura em voz alta para a leitura silenciosa; da leitura em público para a leitura privada; e da leitura lenta e intensiva para a leitura rápida ou “extensiva”, a chamada “revolução da leitura” do século XVIII.

Compreendemos que aqui se articulam diferentes comportamentos sobre o livro e sua fruição. A individualidade do ato de ler que hoje se aplica é contrastada com a forma da leitura coletiva, na qual um indivíduo realizava a leitura para um grupo de amigos, para familiares ou mesmo para membros de uma comunidade. Para Certeau (2003, p. 271-272),

[a leitura] não é mais acompanhada como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal nem pelo movimento de uma mastigação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou meia-voz é uma experiência “moderna”, desconhecida durante milênios. Antigamente, o leitor interiorizava o texto: fazia da própria voz o corpo do outro, era o seu ator. Hoje o texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto, não se manifesta mais pela voz do leitor. Esse recuo do corpo, condição de sua autonomia, é um distanciar-se do texto. É para o leitor o seu *habeas corpus*.

Chartier (1994) esclarece que não se trata de uma deficiência dos antigos leitores. A prática de leitura em voz alta não indicava a incapacidade da leitura apenas com os olhos. Era, sim, uma “*convenção cultural* que ansiava fortemente o texto e a voz, a leitura, a declaração e a escuta” (CHARTIER, 1994, p. 98, grifo nosso). O autor acrescenta que mesmo na época moderna a leitura em voz alta permanecia como “o cimento fundamental de diversas formas de sociabilidade familiar, erudita, mundana ou pública” (CHARTIER, 1994, p. 98).

Para ilustrar um pouco da *ritualidade* como a entendemos, apresentamos, a seguir, duas obras do artista plástico francês Etienne Jeurat (1699-1789). Na primeira delas, *Carthusian Monks in Meditation* (Fig. 3), monges aparecem, como sugere o título do quadro, num instante de meditação. Para esse momento, todos os personagens parecem requerer o auxílio de livros. Por isso, refletimos que talvez seja ele elemento intrínseco desse ritual. Pensamos também sobre a proximidade dos indivíduos, o que nos leva a crer que a ação deva acontecer em coletividade. Na segunda obra, *The Rehearsal* (Fig. 4), um grupo de pessoas parece estar em um momento de descontração. Mulheres, criança, cachorro e músicos dividem o cenário. Ao centro, como que requerendo seu espaço sagrado, encontra-se o livro.



Figura 3 – *Carthusian Monks in Meditation*, Etienne Jeurat (1699-1789).

Fonte: <<http://wikigallery.org>>.



Figura 4 – *The Rehearsal*, Etienne Jeurat (1699-1789).

Fonte: <<http://wikigallery.org>>.

Uma segunda dimensão sobre a qual estabelecemos encontros sobre o livro é a *simbologia* representada pelo objeto de papel. Corredores infundáveis, estantes repletas de títulos, classificados por assuntos, subcategorizados, organizados sistematicamente por profissionais da informação. Indivíduos, sozinhos e coletivamente, acessam os textos, por prazer ou pela necessidade de pesquisa. Poderia ser essa a descrição de uma biblioteca em

qualquer lugar do mundo. Entretanto, trata-se de um cenário carregado de uma *simbologia* universal. Caráter representativo do objeto livro impresso. O livro como símbolo de conhecimento, da inteligência, de erudição.

Compreendemos um pouco mais sobre *simbologia* quando nos detemos à leitura de Debray (1993). Em sua pesquisa, o autor dedica-se à apresentação de um campo de investigação denominado midiologia, cujo principal interesse está no estudo dos meios e no que o homem transmite por meio deles. Debray (1993, p. 35) defende que a ideia de um “estudo técnico do poder dos meios” se apresenta como uma excelente definição para sua proposta. O cerne dessas pesquisas está em buscar compreender por quais mediações a mensagem se torna ação. Para tanto, o caráter simbólico do suporte se torna de fundamental importância. De acordo com Debray (1993, p. 208),

muito antes de McLuhan, a história da escrita tinha materializado o *medium is message* mostrando de que maneira o material condiciona o utensílio de inscrição que, por sua vez, dita a forma da escrita. A midiologia amplia o movimento e prolonga o comando material do domínio gráfico ao universo moral e simbólico.

Nesse sentido, Debray (1993) credita ao suporte, na perspectiva da midiologia, função capital. Para ele, “o suporte é, talvez, o que se vê menos e o que conta mais. Na civilização concebida como sistema de produção de vestígios, ele não representaria a força produtora, nem a fonte de energia, mas sim a matéria-prima. Nem mais nem menos” (DEBRAY, 1993, p. 207). O autor ainda ilustra o papel simbólico do suporte: segundo ele, no Egito, “o valor simbólico de um texto estava indexado à raridade do respectivo suporte. O couro, mais caro que o papiro que, por sua vez, custava mais do que a pedra ou a argila, era o suporte das mensagens mais sacralizadas” (DEBRAY, 1993, p. 208).

Acerca dessa irradiação de sentido a partir do livro, Manguel (2001, p. 271) nos fornece outro exemplo. De acordo com o autor, “as bibliotecas particulares da França no século XVIII eram tesouros familiares que a nobreza preservava e ampliava de geração em geração, e os livros que continham eram tanto símbolos de posição social como de refinamento e postura”. Manguel (2001) esclarece que com a ascensão da burguesia os livros deixaram de ser exclusividade da nobreza e do clero. À época, os burgueses eram intitulados de *nouveaux riches*. Procuravam, desse modo, reproduzir os comportamentos dos nobres, e a leitura estava entre essas práticas. Ou melhor: se não o ato da leitura, mas a posse do livro. “Ser visto como dono de livros e leituras ornamentadas tornou-se sinal de posição social” (MANGUEL, 2001, p. 183).

Na Alemanha, em 10 de maio de 1933, foram queimados, em diferentes pontos do país, obras de escritores judeus e de outros também contrários ao regime nazista (Fig. 5). Essa data marca o auge da perseguição aos opositores literários. Entre os principais intelectuais perseguidos estavam Albert Einstein, Stefan Zweig, Heinrich e Thomas Mann, Sigmund Freud, Erich Kästner, Erich Maria Remarque e Ricarda Huch. O poeta nazista Hanns Johst justificou a ação como a “necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura alemã” (CALENDÁRIO..., 2011). Obviamente, as vozes divergentes ao regime não foram caladas. A queima de livros servia como alegoria para representar o desejo de eliminação das ideias impressas. Compreendemos que o livro era o símbolo dessas ideias. Assim, destruir livros representava transformar em cinzas aqueles que apontavam o dedo crítico sobre a ordem vigente, ou mesmo, simplesmente, que não comungavam dos mesmos ideais do grupo nazista.



Figura 5 – Nazistas queimam livros na Alemanha.
Fonte: <<http://www.dw-world.de>>.

Em 1966, algo parecido é representado no cinema. Nesse ano, o diretor François Truffaut levava às telas o *Fahrenheit 451*, baseado no livro homônimo de Ray Bradbury. A narrativa conta a história do “bombeiro” Guy Montag, cuja função é queimar livros, considerados subversivos. O filme retrata uma sociedade num futuro não determinado onde todos os livros são proibidos, opiniões próprias são consideradas antissociais e hedonistas, e o pensamento crítico é suprimido. O número 451 refere-se à temperatura (na escala Fahrenheit) na qual o papel queima. Nessa sociedade futurista, o livro é símbolo da emancipação dos indivíduos, da livre expressão, do pensamento fluido e revolucionário. Daí

o interesse de uma parcela de indivíduos ávidos pelo desejo de dominação em exterminar o objeto compreendido como instrumento de libertação.

Hoje, em reportagens de TV, estantes de livros são utilizados como recursos cenográficos em entrevistas com especialistas de diferentes temas. A intenção parece ser utilizar-se da *simbologia* do livro como objeto de inteligência, instrução, cultura, e assim poder reproduzir esses conceitos para os telespectadores, a fim de vinculá-los ao indivíduo entrevistado, como se, desse modo, inserisse o experto em um ambiente impregnado de conhecimento, representado materialmente pelos livros sobre prateleiras, oferecendo credibilidade às suas falas (Fig. 6 e 7).



Figura 6 – *Fantástico* (Rede Globo), em 17/07/2011.



Figura 7 – *Jornal Nacional* (Rede Globo), em 19/07/2011.

Em se tratando de livros digitais, nos desligamos do suporte papel. Não existem mais livros sobre estantes ou livros para serem queimados. Daí, questionamo-nos: o que agora simboliza o livro digital e no que isso reflete sobre práticas de leitores? Como já explicitado, esse é um dos interesses da nossa investigação.

1.4.2 A *materialidade* e a *forma*

Assim como as palavras, componentes formais na constituição do livro também interferem no olhar e nas ações do leitor. Bourdieu afirmou que “antes e depois de Aristóteles, estamos preparados para balizar os efeitos retóricos, mas é possível esquecermos os efeitos de extensão dos parágrafos, os efeitos de formato do texto ou de qualidade do papel [...]” (BOURDIEU; CHARTIER, 2006, p. 233). Estamos, pois, deixando de lado um

elemento determinante para a postura do usuário diante do objeto. Chartier (1992, p. 220), por sua vez, defende que,

em contraste com a representação do texto ideal e abstrato – que é estável por estar desvinculado de toda materialidade, uma representação elaborada pela própria literatura – é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor.

Desse modo, delimitam-se aqui, considerando as faces desse suporte, dois aspectos: a *materialidade* e a *forma*.

É sabido que a leitura é movimento de sentidos: tato, olfato e visão. Para muitos leitores, o toque é condição para o elo entre leitor e leitura. Uma ponte que interliga mentes a inumeráveis cenas descritas por meio de palavras registradas, liquidez de tintas sobre planas superfícies. E quando falamos em toque, nos referimos ao deslize dos dedos sobre a matéria, à saliva sobre os cantos da página, às dobras para marcações. Complementa essa conexão, o cheiro exalado da tinta sobre o papel, o cheiro de novo ou de velho, facilmente identificável até pelo mais displicente leitor. Uma experiência potencializada pelo ato de enxergar a matéria.

Em tempos em que havia apenas livros impressos, toques, texturas e cheiros dependiam dos materiais que compunham os livros. Antes da invenção da prensa, esses materiais eram os mais distintos. De acordo com Katzenstein (1986, p. 105),

desde os tempos pré-históricos a natureza tem provido o homem com material em abundância para registrar fatos e pensamentos: pedra, areia, mineral, madeira, casca e folha de árvore. Os animais contribuíram com cera, chifre, osso e marfim e, às vezes, os seres humanos têm pintado e escrito na própria pele.

Obviamente ali o sentido sobre a matéria não era o mesmo dos dias atuais. O peso da pedra ou da madeira, por exemplo, impunha um obstáculo à mobilidade. O couro, por sua vez, provavelmente permitia flexibilidade, mas o cheiro talvez fosse ainda o de restos animais ou, de qualquer modo, algo bem diferente daquele exalado pelo papel. Comprometiam-se transporte e armazenamento desses objetos. Assim, meios e espaços formam criados. O talhe ou a pintura sobre esses materiais possivelmente demandariam também um gasto de tempo impensável para a acoitada sociedade contemporânea. Diversos fatores, enfim, estavam subordinados à ordem do material.

Hoje, o vínculo está posto, entre outras bases, sobre a *materialidade* do livro.

Mais uma vez, recorremos a Mouillaud (2002) para nos auxiliar nesse entendimento. Esse autor acredita que estudos a respeito do jornal impresso (pensamos que o mesmo possa ocorrer com o livro) “dão frequentemente a impressão de estarem divididos entre uma descrição do jornal em sua materialidade de papel, seu formato, sua diagramação etc. (o suporte), e aquilo, que, durante muito tempo, foi chamado de os ‘conteúdos’” (MOUILLAUD, 2002, p. 29). Entretanto, o autor pensa que o dispositivo (a matéria) está inevitavelmente ligado ao sentido, como o contrário também é verdade.

O sentido não está apenas deitado no leito da língua. Está gravada em uma tabuleta (suméria) ou sobre uma folha de chumbo como em um monumento de Jochen Gerz, inscrito e raspado sobre um palimpsesto de um pergaminho, escrito ou rasurado sobre uma folha de papel que, com a imprensa, vai-se redobrar sobre si mesma e juntar-se em cadernos no dispositivo do códex. Um suporte que não tem apenas uma matéria (ou uma não matéria, como os cristais de uma tela), mas um “formato” (MOUILLAUD, 2002, p. 30-31).

Esse aspecto material vem caracterizar fortemente a imagem do livro. Quando indagada sobre essa mídia, parte considerável de leitores (e não leitores) remete-se ao conjunto de papéis, uns sobre os outros, pintados, colados, costurados, protegidos pela capa, dura ou flexível. Daí, entendemos, também surgem os contatos, as relações, as práticas. Conforme Manguel (2001, p. 277),

o ato de ler estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua [...].

No período anterior às possibilidades de reprodução do livro em escala industrial, a *materialidade* estava imbuída de certo sentimento de unicidade. Tomava-se o objeto para si e seu sentido era particular, individual. Cobria-lhe o manto da sacralidade, da aura, uma atmosfera que provinha em grande parte do seu caráter material.

[...] no século XVIII, cada folha de papel era feita à mão e diferia sensivelmente de todas as outras do mesmo livro. Cada caractere, linha e página eram compostos à mão por complicados processos, em que o artesão deixava as marcas de sua individualidade. Os próprios livros eram individuais e deve-se imaginar os leitores do Antigo Regime abordando-os com cuidado. Tocava o papel para apreciar seu peso, a brancura e a elasticidade [...]. Constatava a igualdade da tinta no impresso e a beleza do desenho dos caracteres. Degustava o livro como se degusta o vinho, pois

apreciava-lhe o suporte assim como o seu conteúdo intelectual, e tocava o tecido do livro ao mesmo tempo que extraía seu sentido (DARNTON, 2006, p. 150).

Isso posto, é fundamental ressaltar que, além da *materialidade*, as experiências com o livro também se dão pela *forma* na qual essa matéria se apresenta. Formas constituídas sob diferentes modelos no decorrer da milenar história do livro e que buscou, em cada época, e, se segundo as necessidades de cada sociedade, suas estéticas e composições. De acordo com Katzenstein (1986, p. 114), “as formas são ditadas pela natureza dos materiais; obviamente, materiais duros, como a pedra, o barro ou a madeira não podem resultar em rolos ou códices, mas foram transformados em tábuas ou tiras”.

A forma, de acordo com o nosso entendimento, interfere sensivelmente sobre diversas práticas sobre o livro impresso como objeto. Entre elas destacamos o armazenamento e o transporte. Atualmente, livros impressos são organizadores em bibliotecas, sobre prateleiras, postos lado a lado com os dorsos postos à vista do interessado. Podem ser também armazenados em caixas, o que facilita seu transporte. Em viagens, podemos levar alguns exemplares, mas devemos nos ater aos limites de peso impostos por companhias aéreas ou ferroviárias ou mesmo nosso próprio limite físico de carregá-los.

Um dos grandes marcos na história do livro é a mudança na apresentação dos escritos em forma de rolo para a forma de códice. O rolo, feito de papiro ou pergaminho (pele animal), era envolto sobre uma ou duas hastes cilíndricas de madeira ou outro material, e tinha a extensão média de seis a dez metros, podendo chegar aos 40 ou 100 metros (PINHEIRO, 1999, p. 68). Uma das implicações do formato do livro diz respeito ao seu modo de organização e armazenamento. A seguir, a Fig. 8 representa um dos modos de guardar os rolos.

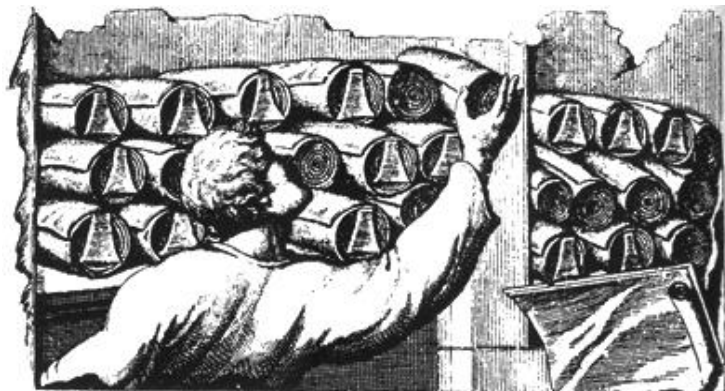


Figura 8 – Gravura copiada de um baixo-relevo mostrando o método de guardar rolos na Roma antiga.
Fonte: Manguel (2001).

Já o códice consistia em um conjunto de folhas dobradas, formando cadernos, colados uns aos outros. O códice é assim um formato de sucesso que atravessou os séculos e permanece ainda como modelo tradicional para o livro impresso. Para Manguel (2001, p. 151), o códice, diferentemente dos rolos, “permitia que o leitor pulasse rapidamente para outras páginas e assim retivesse um sentimento da totalidade – sentimento composto pelo fato de que em geral o texto inteiro permanecia nas mãos dele durante toda a leitura”. Para o autor, o códice surgiu originalmente para ser transportado com facilidade e, por isso mesmo, necessariamente pequeno. Dessa maneira, “cresceu em tamanho e em número de páginas, tornando-se, senão ilimitado, pelo menos muito maior do que qualquer livro anterior” (MANGUEL, 2001, p. 151). Para Chartier (1994, p. 102), “é com o códice que o leitor conquista a liberdade: pousado sobre uma mesa ou escrivaninha, o livro em cadernos não exige mais a total mobilização do corpo”. O movimento é então empreendido no transporte facilitado do objeto de leitura.

A partir disso, os espaços podem então ser outros, mais íntimos, privados, aprazíveis. Sobre esse aspecto, Chartier (2006, p. 91) afirma:

O mobiliário do século XVIII dá os suportes adequados à leitura da intimidade. A poltrona, dotada de braços e guarnecida com almofadas, a *chaise-longe* ou espreguiçadeira cortado com seu tamborete separado são, igualmente, novos assentos onde o leitor, mais frequentemente a leitora, pode se instalar à vontade e abandonar-se ao prazer do livro.

A mobília então marca o lugar da leitura. É projetada também tendo por base a *forma* do livro. A seguir, a Fig. 9 apresenta uma cadeira, produzida no século XVIII, com apoio para os braços, bem como o suporte para o livro.



Figura 9 – Cadeira de rinha de mogno com estofado de couro, em 1720.
Fonte: Manguel (2001).

Quando pensamos em livro digital, deslocamos o conceito de *forma* do livro. Na verdade, essa ideia se fragiliza, pois com variados dispositivos de leitura, o livro perde sua forma tal como conhecemos. O códice, formato universal e unânime do livro, desaparece. Como perceber o livro, considerando seu formato tradicional, diante do livro que agora se enquadra na tela do seu dispositivo? O livro não tem mais forma? Frente a isso, quais as atitudes dos leitores no uso desse livro. Quais espaços e movimentos do leitor de livro digital? Que *ritualidade*, afinal, está vinculada a prática desses leitores? Algumas pistas podem ser lançadas. Sobre isso, El Far (2006, p. 63) afirma:

Na tela do computador, a disposição do texto e a relação com a palavra impressa oferecem uma nova dinâmica de leitura. Em vez de virar páginas, o cursor pode navegar por qualquer parte da obra e, por meio de atalhos, encontrar rapidamente os trechos ou as palavras-chave desejadas pelo usuário. O tamanho ou o estilo das letras podem variar conforme o gosto de cada leitor. A encadernação, que costuma dar forma, iniciar e finalizar o miolo do texto perde completamente sua função na versão virtual.

Vale ressaltar que não pensamos o computador como único dispositivo de leitura de livros digitais. Com o advento dos leitores eletrônicos, dos *tablets* e das possibilidades de leitura em celulares ou em computadores portáteis, o livro digital desprende-se na mesa, pois a mobilidade é também característica desses aparelhos. A partir daí, os espaços podem ser os mais variados. Além disso, a possibilidade de formação de uma gigantesca biblioteca virtual em um único aparelho, com a fácil manipulação de arquivos, como também os mecanismos de buscas e marcações nos seus arquivos, entre outras propriedades oferecidas pelo digital, diferenciam essa experiência daquela então conhecida com a leitura de livros impressos.

1.4.3 Práticas complexas

De acordo como colocamos anteriormente, não compreendemos as dimensões ora exploradas (*ritualidade, simbologia, materialidade e forma,*) de modo isolado. Acreditamos sim que elas se apresentam, muitas vezes, fortemente ligadas.

Na história do impresso, a *forma* e a *simbologia*, por exemplo, estiveram em muitos aspectos em sentido de correlação direta. A *forma* do livro ditava em parte aquilo ele significava, pois ela teria de ser adequada ao conteúdo que se pretendia.

Os grandes formatos⁶ [eram utilizados] para os textos sagrados, o in-4° para a literatura clássica, o in-8° para humanistas, o in-12° para a literatura popular. Na França, o livro de bolso suscitou, nos anos 60, uma reclamação indignada nos meios literários que viam nesse produto uma profanação inconsiderada do suporte. Tinham razão, mas a profanação tinha começado com Gutenberg: se tivesse tido a possibilidade de utilizar rotativas, teria certamente feito de sua Bíblia uma tiragem de cem mil e não de trezentos exemplares, com capa flexível e em formato 10 x 18 (DEBRAY, 1993, p. 223-224).

Assim, a *forma* encerrava não só a matéria, mas dava pistas também sobre o seu conteúdo. No França do século XVII, um grupo de impressores de Troyes compôs a *Bibliothèque Bleue*, uma coleção de livros em brochura, de capa azul, que durante décadas foi recebida em áreas rurais francesas. Os títulos eram bastante conhecidos da elite letrada, mas recebiam um tratamento editorial de modo que pudessem atingir públicos menos habituados à leitura (CHARTIER, 2006). Nesse sentido, também surgem, a partir da primeira metade do século XX, os livros de bolso, que também seguem o conceito de explorar conteúdos de livros anteriormente publicados em novas edições com tratamento diferenciando de modo a baratear custos e oferecer um produto mais acessível. É, desse modo, e conforme declara Hallewell (1985 apud MARTINS, 2009), um “conceito de marketing” como maneira de conquistar novos mercados.

A popularização de livros por meio de edições de custos menores, influi, acreditamos, no modo como o leitor percebe e usufrui o livro. El Far (2006, p. 60) afirma que “uma mesma história, impressa em edições de luxo ou livros de bolso, acaba sendo absorvida de diferentes maneiras pelos leitores”. Dessa maneira, a *materialidade* e a *forma* do livro se impõem como elementos das relações estabelecidas entre livro e leitor.

De mesmo modo, Chartier (1992, p. 228) defende a “existência de indicadores formais ou materiais para determinar o gênero, o conteúdo, os modos e os momentos da leitura”. Neste ponto, a *forma* do livro implica em modos de fruição, então próprios de determinados espaços e posições.

Essa hierarquia distinguia o livro que, para ser lido, precisava ser colocado em posição horizontal; o livro humanista, mais manuseável em seu formato médio e mais apropriado tanto aos textos clássicos como aos mais recentes; e o livro portátil, o *libellus*, um livro de bolso e de cabeceira com múltiplos usos e leitores mais numerosos. A imagem do frontispício ou página de rosto, ao longo da margem do texto ou na última página, também classifica o texto e sugeriria uma forma de leitura. Estabelecia uma convenção da leitura, o índice de identificação (CHARTIER, 1992, p. 229).

⁶ Sobre formatos de livros, ver nota 4.

Ilustramos essa ideia a partir da obra *Moça com livro* (Fig. 10), do artista plástico brasileiro José Ferraz de Almeida Jr. O quadro apresenta uma jovem debruçada sobre um gramado, com o livro aberto a sua frente. Sua mão direita movimentava a página do livro, enquanto a esquerda apoia o rosto. Este, levemente inclinado, lança seus olhos para o alto como que seus pensamentos divagassem sobre o céu. Talvez as palavras impressas no livro lhe inspirassem e, assim, lhe remetessem a vagar pela imaginação. Suas roupas parecem leves. A manga direita está caída, deixando seu ombro à mostra. A cena é delicada. O espaço é bucólico. Para muitos, esse seria um lugar perfeito para o prazer da leitura. Nesse sentido, refletem-se os modos de *ritualidade* do ato de ler. Silêncio, individualidade e conforto estão diretamente à experiência. Aqui a *forma* oferece a possibilidade de transporte facilitada, podendo ser levado de um espaço a outro, comodamente.



Figura 10 – *Moça com livro*, s/d, José Ferraz de Almeida Jr. (Brasil, 1850-1899).
Fonte: <<http://wikigallery.org>>.



Neste capítulo, tentamos articular conceitos que possam nos auxiliar a compreendermos práticas de leitores. Além disso, buscamos oferecer ilustrações acerca dessas práticas. Nesse primeiro instante, lançamos os olhos ao passado. Agora pensamos que, se queremos identificar relações dos leitores com os dispositivos de leitura digital, devemos

explorar as características desse produto. Portanto, no próximo capítulo, faremos uma abordagem sobre conceitos, formas, conteúdos, mercados e pesquisas acerca dos livros digitais. Além disso, pretendemos já refletir sobre o modo como essas configurações poderiam influir numa mudança de percepção e de atitude diante do livro em formato digital.

Capítulo 2

O livro digital: do ontem ao agora

2.1 Livros, pós-modernismo e cibercultura

Um dos temas mais discutidos na atualidade é, sem dúvida, o recorte temporal denominado de pós-modernidade. Nesse debate, destacam-se falas sobre: as formas de expressão, percepção e produção cultural; a constituição de um distinto panorama econômico; as novas maneiras de arranjo das relações sociais, entre outros aspectos. Trata-se de um período controverso (talvez pela proximidade na qual se dá sua análise) composto por grupos sociais, aos quais Bauman (1999) se refere como formadores de uma “sociedade contingente”, na qual elementos como a superficialidade, a efemeridade e a falta de unidade cultural constituem seu percurso. Bauman (2001) se utiliza da expressão “modernidade líquida” para caracterizar esse período. Para o autor, a *fluidex* é a ideia que melhor o define.

Debaixo do guarda-chuva da pós-modernidade abriga-se a discussão acerca das novas tecnologias da comunicação, as quais ganham cada vez mais espaço dentro de uma sociedade ávida por trocas de informações e sedenta por instrumentos rápidos e eficazes na ação de comunicar. Está, dessa forma, a tecnologia a serviço de indivíduos, cuja necessidade, imediata, é divulgar ideias, interconectar pensamentos, empreender ações, sempre em rede, em fluxos contínuos, compostos por incontáveis membros.

Nesse contexto, também se insere a ideia de cibercultura, a qual foi defendida por Lévy (1999, p. 17) como sendo o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Esse ciberespaço, por sua vez, consiste no “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). O autor complementa a definição, defendendo que “uma das principais funções do ciberespaço é o *acesso a distância aos diversos recursos de um computador*”. Lévy destaca ainda a possibilidade de transferência de dados (LÉVY, 1999, p. 93, 94). Estamos falando de uma dimensão na qual

a informação digitalizada pode ser processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa. Nenhum outro processo a não ser o processamento digital reúne, *ao mesmo tempo*, essas quatro qualidades (LÉVY, 1999, p. 52, grifo do autor).

Sob o panorama de uma sociedade em mudança contínua junto a novas ferramentas de comunicação, peças de um sistema cultural de base tecnológica, constitui-se o livro digital como mais um produto da nova indústria cultural, agora pensada sobre e para os nós da rede. Dentro desse contexto, o livro pôde ganhar novos contornos, apresentando-se e distribuindo-se de modo diferenciado. Acreditamos que não seria exagerado supor que as primeiras experiências com livros digitais, na década de 1990, tiveram como fator de insucesso a ausência de um grande número de indivíduos conectados, pois, apesar da leitura em plataformas digitais também ocorrer de modo *offline*, redes de computadores são os meios mais frequentes de acesso a livros digitais.

Nesse sistema fluido, no qual inúmeras vozes convergem, ou divergem, mas quase sempre em contato, o livro digital recebeu, desde o seu surgimento, uma variedade de nomes. Em alguns casos, pode haver diferença também no conceito aplicado ao objeto. Nosso próximo passo é discutir essa questão.

2.2 Trilhas para uma definição

Na introdução deste trabalho, consideramos relevante apresentar uma definição de livro digital ou, ao menos, o conceito que será utilizado para esta dissertação. Nossa iniciativa nesse sentido decorre da falta da convergência de entendimentos para uma clara conceituação do objeto em estudo. Essa discordância, acreditamos, poderia dificultar nosso percurso como pesquisador, pois desenvolveríamos esquemas de observações de algo que não estaria claramente definido. Desse modo, reafirmamos, antes de tudo, que entendemos o livro digital como o arquivo digitalmente construído, fruído pelo leitor a partir de um dispositivo de leitura qualquer, de modo *online* ou *offline*, cujo conteúdo inclui texto e imagens estáticas, mas que também abrange formas multimidiáticas, com a inserção de som e imagem em movimento, além de modos de escrita hipertextual, interligando blocos de informação, segundo interesse do autor/produtor ou do próprio leitor.

Neste tópico, trataremos da variedade de conceitos, convergências e divergências para esse tema. Nosso objetivo será expor um painel de algumas reflexões para a definição de livro digital. Esboço a partir do qual elaboramos nossa compreensão.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que engendramos esse debate conscientes da inscrição do livro numa perspectiva sócio-histórica, na qual o modelo de livro está imbricado a aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, fatores que se refletem desde o polo da produção até o polo da recepção. Pontos nos quais atores sociais desempenham seus papéis: editores, revisores, diagramadores, distribuidores, livreiros, leitores, bibliófilos etc., cada um pensando o livro segundo interesses e valores individuais ou coletivos. É assim que acreditamos acontecer com o livro impresso e da mesma maneira pensamos ocorrer com o livro digital. Este, desenvolvido na perspectiva da prática da leitura de livros por meio de dispositivos digitais, também vem refletir, acreditamos, o cenário do qual emerge. Desse modo, assim como Furtado (2006, p. 7), referindo-se a Arriscado Nunes, pensamos o livro como

sintoma das circunstâncias dessa cultura num período de rápida transformação, mobilizando complexas e estreitas relações entre processos de desenvolvimento tecnológico, práticas e instituições sociais e culturais, e a instauração de hierarquias e formas de dominação material e simbólica.

Além disso, vale destacar, assim como fez Furtado (2006), a ambiguidade que carrega a ideia de livro digital, ora apresentado como referente ao dispositivo de leitura, ora como o conteúdo intelectual veiculado por esse dispositivo. Também chama atenção a variedade léxica com que é tratado o livro digital. Jéhanno (2000, p. 13 apud FURTADO, 2006) alerta para as possibilidades de sentido que carregam cada uma dessas palavras.

[...] edição *online*, edição digital, livro electrónico, livro digital, livro virtual, e-book, livro desmaterializado. A este flou lexical acrescenta-se um flou semântico; pois não são só as terminologias que se fundem, são também as definições, cada uma delas remetendo para um aspecto da realidade técnica do livro digital.

A partir das nossas leituras⁷ acreditamos que no Brasil as terminologias mais comuns são: livro eletrônico, livro digital e e-book. Para nosso trabalho, não utilizamos essa última por acreditarmos desnecessário o uso da língua estrangeira quando encontramos

⁷ Amorim; Garcia (2011), Carrenho (2011), Coelho (2010), Couto (2011), Dias (2011), Frossard (2004), Furtado (2006), Grusznski (2009), Holanda (2009), Konchinski (2011), Lourenço (2004), Melo (2009), Mello Júnior (2004), Murcia (2010), Procópio (2011), Ribeiro (2011), Silva (2002), Villaça (2002), Yano (2010a, 2010b).

correspondentes de melhor assimilação na língua pátria. Entre os dois primeiros, optamos pelo “livro digital” por imaginarmos ser essa a melhor adjetivação para o livro que carrega consigo possibilidades de manipulação próprias de ambientes digitais. O termo eletrônico parece remeter a outros dispositivos como televisão e rádio, por exemplo, que estão longe de serem objetos das referidas manipulações. Enquanto um arquivo digital pode ser copiado, recortado, colado, editado etc., um produto da televisão pode apenas ser consumido pelo telespectador, sem chances de intervenções *diretas* sobre aquilo que vê.

Sobre os conceitos das inúmeras denominações acerca do livro digital, Furtado traz diversas definições e impressões de diferentes autores. Retomamos aqui algumas delas. Vale salientar que, apesar de utilizarmos o termo livro digital, respeitamos as nomenclaturas adotadas pelos autores pesquisados.

Gino Roncaglia (2001b apud FURTADO, 2006) defende a ideia de que com o livro digital estamos trabalhando sobre um paradoxo, pois não haveria condições para constituição de tal objeto. Livro é livro. Somente o impresso poderia receber essa denominação. Outra coisa poderá ser qualquer outra coisa, menos livro. Nesse mesmo sentido pensa Laterza (2001 apud FURTADO, 2006), que avança sugerindo a substituição do termo “e-book” por “DIASS”, *digital assembly*, ou, em tradução literal, montagem digital. O autor afirma:

[...] quando tivermos um romance decomponível e interactivo, cuja fruição advirá da leitura do texto, da audição da banda sonora e da observação de imagens, não sei se poderemos ainda falar de «livros», mesmo que electrónicos. Encontramo-nos perante uma realidade completamente nova na sua concepção, na sua realização e na sua fruição. E que, nessa medida, implica autores e editores com capacidades inéditas, entre a edição de livros, a realização televisiva ou cinematográfica e a produção musical (LATERZA, 2001 apud FURTADO, 2006).

Sob a mesma perspectiva, pensa Jean-Gabriel Ganascia (1998 apud FURTADO, 2006), para quem o termo “livro eletrônico” é restritivo e inoportuno.

Se o livro designa um suporte particular da escrita num dado momento da história, é restritivo falar de livro nos casos em que todos os suportes da escrita, do som e da imagem são convocados. O termo é inoportuno pois a justaposição das duas palavras, “livro” e “electrónico” parece, desde logo, antitética.

Para esse autor, o livro refere-se antes de tudo ao suporte físico do texto e não está, portanto, passível de ser reconhecido em ambientes virtuais de leitura, os quais são arquitetados sob outras lógicas que não aquelas aplicadas ao livro impresso. Modos de apresentação, em alguns casos, diferem-se radicalmente de qualquer proposta de livro

impresso. Nesse sentido, materiais sobre os quais estão convergidos sentidos de outras mídias, como as audiovisuais ou sonoras, estão distantes da concepção atribuída à publicação tradicional. Nesta, o valor está na palavra ou na imagem impressa, imutável em seus traços sobre o papel, apesar de cambiante nos múltiplos sentidos produzidos.

Diferentemente de Roncaglia, Laterza e Ganascia, Ribeiro (2011) pensa que livro digital seja, sim, um livro. Para alicerçar essa conclusão, a autora procede a uma busca por definições do que seja, enfim, o objeto livro. Nesse intento, apresenta uma sumarização dos aspectos mais citados para o enquadramento e a caracterização do livro. Nas diferentes fontes consultadas (teóricos e instituições), os aspectos apontados para a definição de livro foram: a periodicidade, o processo de produção/natureza tecnológica, o volume, o acesso público, o formato, as partes constituintes, o gênero texto, a finalidade e a portabilidade. A partir disso, a autora infere que

[...] o e-book não é apenas uma “metáfora” do objeto livro impresso, por falta do rebatismo de um novo objeto. Os e-books são livros, propriamente, segundo grande parte das descrições oferecidas pelos autores aqui mencionados. As práticas de leitura propiciadas ou provocadas pelos objetos de ler (rolos, códices ou *tablets* a bateria) não costumam ser mencionadas quando se descreve o que seja um livro. Verbetes e definições se detêm (por vezes se limitam) nos aspectos formais ou funcionais do dispositivo (RIBEIRO, 2011, p. 7).

Para chegar a essa conclusão, a autora apoia-se na sistematização das definições de livros, transformando em argumentos os pontos em que essas definições convergem. Desse modo, segundo as fontes pesquisadas, afirma que

um objeto que serve para (1) conservar a memória da criação intelectual humana, especialmente a textual, cujo formato seja (virtualmente ou não) o de (2) páginas e cadernos organizados e divididos, tendo natureza (3) analógica ou digital, muito provavelmente será um livro. A separação atual entre a materialidade e o inscrito, isto é, *hardware* e *software*, não discrimina livro e e-book a ponto de torná-los objetos diferenciados entre si (RIBEIRO, 2011, p. 7).

Sobre a dicotomia *hardware-software* outros autores levantam outras reflexões. Nesse sentido, Ballas (2000 apud FURTADO, 2006) realiza uma distinção entre “livros eletrônicos” e “textos eletrônicos” (*e-texts*). Esse último poderia ser lido em qualquer computador, já o primeiro requer um *software* de leitura específico. Morgan (1999 apud FURTADO, 2006) segue perspectiva semelhante quando realiza a mesma distinção entre “livros eletrônicos” e

“textos eletrônicos”, definindo o primeiro como uma combinação de *hardware* e *software* usada para ler dados eletrônicos em dispositivos portáteis desenvolvidos com essa finalidade.

Clavel-Merrin (2000, p. 7 apud FURTADO, 2006), no intuito de definir o termo “publicação eletrônica” (algo que pensamos mais abrangente, pois aí incluiríamos publicações periódicas, como revistas, por exemplo), propõe que esta seja

[um] documento difundido sob formato legível por máquina (*machine-readable form*). Inclui publicações off-line [...] e publicações on-line armazenadas usando tecnologia digital. Algumas publicações electrónicas são de origem digital (*born digital*), isto é, são criadas em forma digital, e outras foram criadas originalmente noutra forma tendo subsequentemente sido digitalizadas.

Acerca da “origem” do livro, vale destacar os debates que pensam se o livro digital é ou não nada mais é do que uma versão digitalizada de uma publicação impressa. Shiratuddin et al. (2003 apud FURTADO, 2006) definiram que e-books seriam livros impressos que, após convertidos para formatos digitais, permitiam a sua apresentação em computadores. Hawkins (2000 apud FURTADO, 2006), por sua vez, afirma que um “e-book é o conteúdo de um livro disponibilizado através de forma electrónica”. Nesse mesmo sentido, Terry (1999 apud FURTADO, 2006) propôs definição semelhante. Para a autora,

[...] um e-book consistiria em conteúdo electrónico, com origem em livros tradicionais, material de referência ou revistas, cujo *download* é feito a partir da Internet e visionado através de um conjunto de dispositivos *hardware*, como PCs, laptops, PDAs, Palm PCs ou palmtops, ou e-book readers dedicados (TERRY, 1999 apud FURTADO, 2006).

Furtado (2006) ressalta que Ana Arias Terry (2000), em artigo posterior, admite que o conceito de livro digital seguiu em aperfeiçoamento, o que a faz, então, definir esse livro tanto como “objeto que possibilita as representações textuais e pictóricas provenientes de um livro ‘tradicional’ e depois convertidas para forma electrónica, quer como produzido desde o seu início sob forma digital” (TERRY, 2000 apud FURTADO, 2006). Desse modo, segundo a autora, o termo passa a abarcar também formas hipertextuais e hipermediáticas, todas elas no intuito de estabelecer uma “metáfora do livro” (FURTADO, 2006). Aqui notamos que mais uma vez o livro digital é definido não como livro de fato, mas como uma referência a um objeto “original”, com o qual guarda alguma semelhança.

Retomando a discussão da “origem” do livro, propomos a ênfase na diferenciação entre conteúdo *digital* e *digitalizado*. No primeiro caso, acreditamos, o produto é criado para a circulação em meios informáticos, não sendo pensado, em sua concepção, para o suporte

papel ou qualquer outra materialidade do gênero. Já o segundo, refere-se, em nossa proposição, ao conteúdo que já está sobre um suporte físico, mas que foi digitalizado, por quaisquer meios, de modo a tornar-se um arquivo digital, colocado de modo acessível por dispositivos eletrônicos. O que pode ser posto em discussão é que com a simples digitalização de conteúdos, não estaremos fazendo uso das inúmeras possibilidades que sistemas digitais podem propiciar, permanecendo sob a mesma lógica apresentada para produtos impressos. Do mesmo modo, arquivos de livros impressos, que foram produzidos digitalmente, circulam eletronicamente sendo a cópia fiel daquilo que está no papel. O que se pode propor é algo além do que a simples disposição de imagens e textos entre margens brancas. É uma nova disposição entre elementos outros.

O texto eletrônico nos coloca diante de uma outra realidade textual que para ser construído precisa explorar as possibilidades renovadoras, como a intertextualidade, com os hipertextos; a multimediosidade, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais; a não linearidade e a interatividade (COUTO et al., 2011).

Essa proposta, que acreditamos desconstruir a ideia tradicional de livro, encontra reverberações em iniciativas radicais de rompimento da *forma* do livro como imaginado até então. Beiguelman (2003, p. 10-11) discute “projetos criativos que têm como denominador comum o fato de expandirem e redirecionarem o sentido objetivo do livro, permitindo pensar experiências de leitura pautadas pela hibridização das mídias e cibridização dos espaços (*online* e *offline*)”. Se estendido o conceito de livro para aquele entendido por Beiguelman (livro-arte), a destituição da *forma* do livro impresso fica ainda mais evidente. Ainda que não seja assim, a reflexão da autora também se aplica se de fato pensarmos em conteúdo (texto) imbricado com seu suporte (papel).

O que está em jogo é a necessidade de engendrar não só repertórios capazes de transcender o formato do códex e a cultura material da página, como as únicas possibilidades para a exposição de ideias, mas também suas funções simbólicas, como as de suporte de memória, e econômicas, como o valor material da autoria (BEIGUELMAN, 2003, p. 17).

Beiguelman entende o digital como instrumento para um novo tipo de literariedade (conjunto de características específicas [linguísticas, semióticas, sociológicas] que permitem considerar um texto como literário), que incluem um mix de mídias para uma mesma mensagem. Esse conceito de livro parece, segundo a autora, concretizar a ideia de um objeto pós-livro, conforme inferimos do título da sua publicação na qual disserta sobre o assunto: *O livro depois do livro* (Peirópolis, 2003). Um dito estágio posterior, mas que ainda guarda o nome

de livro. Um objeto de comunicação sim, mas que agora não se impõe vivo apenas pelo movimento da imaginação sobre as palavras. É também vivo pelo movimento da imagem e do som. Uma verdadeira ruptura com os paradigmas relacionados à cultura do livro impresso.

Em resumo do que foi exposto, Slowinski (2003, p. 12, apud FURTADO, 2006) afirma que o conceito de livro digital

[...] tem sido discutido de modo impreciso numa série de contextos em que se sublinha, por um lado, o conteúdo digital ou digitalizado e, por outro, as características do medium em que ele é apresentado. E, assim, “nem todos os e-books nascem iguais”. O entendimento do que é um e-book vai desde um simples ficheiro digital do conteúdo dum livro até ao ficheiro digital acompanhado pelo *software* que possibilita o acesso e a navegação do conteúdo. Outros referem-se ao e-book a partir do outro lado do espectro, fazendo referência apenas ao novo *hardware* que irá conter os ficheiros electrónicos de livros.

Apesar da complexidade da discussão, um elemento é unanimidade entre os autores pesquisados: o livro digital prevê, em todos os casos, um dispositivo de leitura. Conforme Mouillaud (2002), esse dispositivo constitui-se como o lugar no qual estão inscritos os textos, sendo essa inscrição definida segundo a estrutura permitida pelo dispositivo. É a partir dele que se dá o contato entre leitor e conteúdo. E são diversas as máquinas de leitura. Cada uma delas oferece modos de leitura também diversos. Alguns buscam reproduzir similitudes com o objeto livro em papel. Outros permitem um maior distanciamento entre os produtos digitais e os impressos. Seja qual for a natureza do dispositivo, ele está lá, e suas configurações repercutem, de um modo ou de outro, sobre as atitudes do leitor. Nosso próximo passo está em buscar identificar a variedade de instrumentos de leitura para, enfim, identificar possíveis práticas advindas desse cenário.

2.3 Máquinas de leitura

Em 1945, Vannevar Bush (1890-1974), então diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, idealizou o que seria um primeiro protótipo de uma máquina de leitura, conceito bastante familiar se comparada aos leitores eletrônicos⁸ da atualidade. O Memex, como foi chamado, trazia a ideia do acesso a uma teia com servidores de conteúdo informacional interligada, o que Bush considerava ser uma biblioteca universal

⁸ Dispositivos utilizados para leitura de textos em meio digital.

do futuro, algo parecido com aquilo que posteriormente conheceríamos por World Wide Web (PROCÓPIO, 2010).

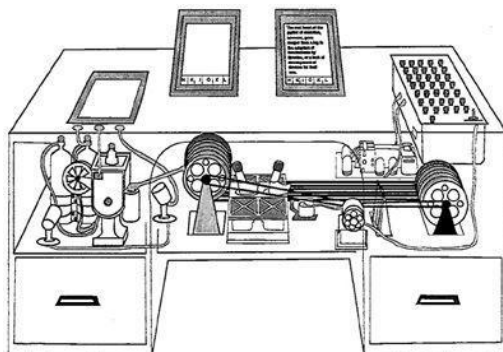


Figura 11 – Esboço do Memex.

Fonte: <<http://www.gizmag.com/go/4303>>.

A proposta de Bush sobre o Memex foi descrita no periódico *The Atlantic Monthly*, no artigo *As we may think*. No texto, Bush descreve os princípios da sua criação.

[...] Desenvolvido de forma que seu conteúdo possa ser consultado com velocidade e flexibilidade, e seu poder de memória possa ser aumentado com um suplemento extra, o Memex é um dispositivo no qual um indivíduo poderá armazenar todos os seus livros, registros e comunicações [...]. Conteúdos de jornais, livros, revistas e artigos poderão ser acessados ou comprados a partir de um grande repositório de informações (BUSH, 1945 apud PROCÓPIO, 2010, p. 24).

Como se percebe, o que Bush pretendia era criar um instrumento pelo qual o homem pudesse armazenar e acessar informações. Esse acervo estaria disponível de forma facilitada ao usuário. Bush parece assim ser o precursor de iniciativas que visam à difusão democrática da informação entre usuários.



Figura 12 – Vannevar Bush (1890-1974).

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Vannevar_Bush_portrait.jpg>.

Em 1998, a SoftBook Press e a NuvoMedia Inc., empresas ligadas ao mercado editorial, lançaram, talvez influenciadas pelas ideias de Bush, os leitores eletrônicos *SoftBook Reader* e o *Rocket eBook*, respectivamente. Ambos eram portáteis e capazes de armazenar em formato digital cerca de 5.000 páginas de livros, incluindo textos, gráficos, ilustrações e figuras (PROCÓPIO, 2010).



Figura 13 – *SoftBook Reader*.
Fabricante: SoftBook Press.

Fonte: <<http://www.chozadigital.com/?p=712>>.



Figura 14 – *Rocket eBook*.
Fabricante: NuvoMedia Inc.

Fonte: <<http://bibliotecno.com.br>>.

Em agosto de 2010, a Exame.com dava conta de que o mercado de livros digitais aos poucos começava a crescer no Brasil (YANO, 2010a). Na ocasião, foram apresentadas informações sobre 14 equipamentos que poderiam impulsionar essa tendência. A seguir, trazemos algumas dessas informações junto às imagens dos dispositivos.



Figura 15 – *Kindle 3*. Fabricante: Amazon (EUA).
Tamanho da tela: 6". Peso: 241 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 16 – *iPad*. Fabricante: Apple (EUA).
Tamanho da tela: 9,7". Peso: 536 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 17 – *Kindle DX*. Fabricante: Amazon (EUA).
Tamanho da tela: 9,7". Peso: 536 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.

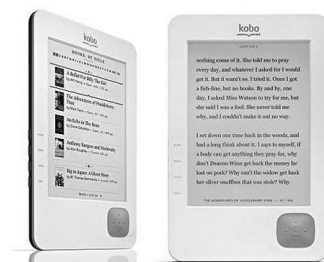


Figura 18 – *Kobo eReader*. Fabricante: Kobo (Canadá).
Tamanho da tela: 6". Peso: 221 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 19 – *Leitor-D*. Fabricante: Mix Tecnologia e
Carpe Diem Edições e Produções (Brasil).
Tamanho da tela: 6". Peso: 260 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 20 – *Neo*. Fabricante: Bebook (Holanda).
Tamanho da tela: 6". Peso: 298 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 21 – *Nook*. Fabricante: Barnes & Noble
(EUA). Tam. da tela: 6". Peso: 329 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 22 – *Cool-er*. Fabricante: Gato Sabido (Brasil).
Tam. da tela: 6". Peso: 178 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 23 – *iRiver Story*. Fabricante: iRiver (Coreia do
Sul). Tam. da tela: 6". Peso: 284 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 24 – *Novel*. Fabricante: Pandigital (EUA).
Tam. da tela: 7". Peso: 538 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.

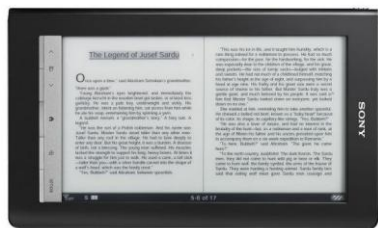


Figura 25 – *Sony Reader Daily Edition*. Fabricante: Sony (Japão). Tam. da tela: 7". Peso: 361 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 26 – *Sony Reader Pocket Edition*. Fabricante: Sony (Japão). Tam. da tela: 5". Peso: 220 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.



Figura 27 – *Sony Reader Touch Edition*. Fabricante: Sony (Japão). Tam. da tela: 6". Peso: 286 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.

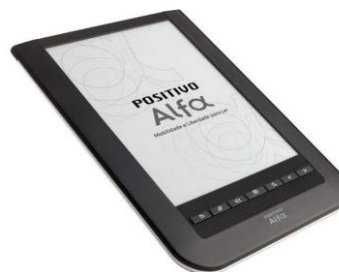


Figura 28 – *Alfa*. Fabricante: Positivo (Brasil). Tam. da tela: 6". Peso: 240 gramas.
Fonte: Yano, 2010a.

Pelo exposto, podemos identificar uma diversidade de dispositivos de leitura disponíveis no mercado brasileiro. Porém, esse é um quadro de difícil composição já que, a cada dia, essas máquinas são aperfeiçoadas em novas versões, como também outros modelos são oferecidos aos consumidores.

Procópio (2010) faz uma distinção entre leitores eletrônicos de 1^a e de 2^a geração. O autor caracteriza os primeiros como carentes de um modelo de negócios que contemple toda a cadeia produtiva do livro⁹. A primeira geração também é marcada pelo seu surgimento em um período antes, ou no apenas no início, da internet, que hoje se coloca como principal espaço para distribuição de arquivos digitais, incluindo publicações.

⁹ Acreditamos que até hoje esse modelo de negócios, apesar de sempre posto em debate, ainda não foi plenamente definido. Não há padrões, por exemplo, na utilização de formatos de arquivos, de dispositivos e *softwares* de leitura: esse fato implica a fragmentação do mercado em nichos, nos quais diversas empresas exploram do modo como acreditam mais vantajoso o espaço na produção de livros digitais. Também se discute o controle na distribuição em tempos de reprodução facilitada de produtos digitais, fato que interfere na remuneração de direitos autorais. Sobre preços, observam-se indefinições acerca de valores de venda de livros digitais, tidos pelos usuários como muito parecidos com os dos livros impressos.

Seja de 1ª ou de 2ª geração, Procópio (2010, p. 26-27) aponta como as características “mais interessantes” dos leitores eletrônicos, tanto *hardware* quanto *softwares*:

- Marcadores de página;
- Bloco de anotações;
- Controle ajustável a luminosidade;
- Controle de brilho;
- Dicionário;
- Ajuste de tamanho e tipo de fontes;
- Base giratória de leitura (mudança de orientação entre retrato e paisagem);
- Acesso a livrarias virtuais ou bibliotecas digitais;
- Criação de uma biblioteca pessoal;
- Grande capacidade de armazenamento;
- Memória expansível;
- Tamanho de um livro de papel, 14x21, em média;
- Baterias duradouras;
- Peso médio de 300 gramas.

Algumas dessas características são também vistas em meios impressos. A ação de marcar páginas bem como a de realizar anotações nas margens das páginas são exemplos disso. O tamanho dos aparelhos é também uma clara referência ao tamanho do livro de papel, o que não poderia ser diferente, já que se trata de um formato bastante apropriado para segurar com as duas mãos ou apenas uma delas. Outras características são elementos de distinção entre os suportes, apresentando-se exclusivamente em plataformas digitais. O leitor agora tem a opção de ajustar seu aparelho segundo suas necessidades. Pode também contar com o auxílio de ferramentas que facilitam ou apoiam a leitura ou que organizam seu acervo de títulos. Ele dispõe agora de uma máquina que pode armazenar em sua memória *n* vezes o número de livros contidos na estante do seu escritório.

Além dos *e-readers*, outros dispositivos também podem servir de *hardware* para leitura. Entre os mais comuns na atualidade, acrescentam-se os *smartphones* e os *tablets*. O primeiro é um celular com funções avançadas além daquelas esperadas de um aparelho de telefone móvel. Inclui, desse modo, outras tecnologias de comunicação, como o acesso à internet, além das possibilidades de manipulação de arquivos, como textos, áudios e vídeos. O segundo pode ser definido como um dispositivo em formato de “prancheta” usado para

acesso à internet, para organização pessoal, para visualização de fotos, vídeos, para leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento.

Para melhor entendimento desses dispositivos, trazemos o que Carrenho (2011) destaca como sendo as diferenças entre *e-readers*, *smartphones* e *tablets*.

Tipo	Interação principal	Tamanho da tela	Cores na tela	Velocidade de ação	Conectividade	Conteúdo mais apropriado
<i>E-readers</i>	Consumo	Médio	Não	Lento	Dados (limitado)	Livros
<i>Smartphones</i>	Comunicação	Pequeno	Sim	Rápido	Voz e dados	Notícias
<i>Tablets</i>	Entretenimento	Médio	Sim	Rápido	Dados	Revistas

Quadro 1 – Diferenças entre *e-readers*, *smartphones* e *tablets*.

Fonte: Carrenho (2011).

Conforme destaca Procópio (2010), os leitores eletrônicos podem ser classificados como leitores dedicados, pois seu uso é exclusivo para leitura de textos. Já os *smartphones* e os *tablets* têm atribuições outras que não a da leitura. Mesmo dotado de inúmeros instrumentos que visam colaborar com o usuário-leitor, o leitor eletrônico ainda é pouco conhecido pelo público. Carrenho (2011) apresenta pesquisa na qual 67% dos entrevistados desconheciam a existência do aparelho. Entre as classes C e D esse índice sobe para 76%, o que parece indicar uma penetração maior em grupos capazes de adquirir os aparelhos ainda com elevados preços.

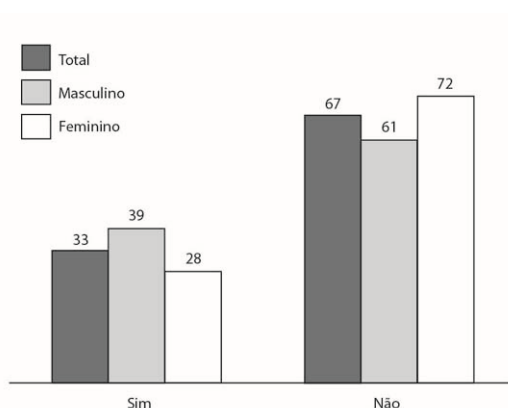


Gráfico 1 – Conhecimentos do *e-reader* entre homens e mulheres.

Fonte: Consumo de Eletrônicos no Brasil, GfK Brasil, Maio, 2010.

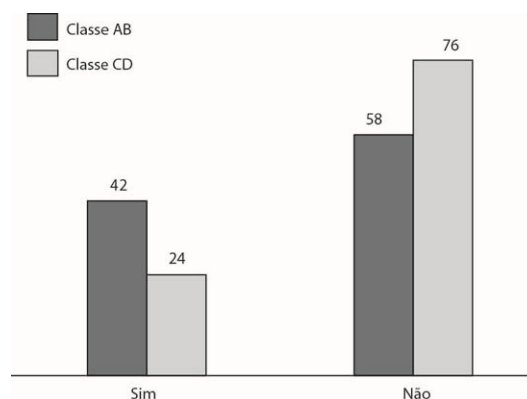


Gráfico 2 – Conhecimentos do *e-reader* entre classes sociais.

Fonte: Consumo de Eletrônicos no Brasil, GfK Brasil, Maio, 2010.

Por meio das informações apresentados nesse tópico, percebemos que, desde a concepção do Memex de Bush, tornou-se grande a variedade de dispositivos de leitura à disposição do leitor. Entretanto, altos preços junto ao desconhecimento do usuário quanto às funções desses aparelhos contribuem para a pequena penetração deles no cotidiano das pessoas. Essa constatação, adiantamos, é evidente nos resultados da nossa pesquisa empírica.

Além das máquinas de leitura, nossa atenção também recai para os formatos e conteúdos dos livros digitais usufruídos por meio desses dispositivos. Esse é o nosso próximo tópico.

2.4 Formatos e conteúdos

É marcante, desde as primeiras experiências com livros digitais, a falta de um formato¹⁰ padrão dos arquivos dessas publicações. Algo diferente ocorreu com a música, que utilizou o formato mp3. Procópio (2010) ressalta que a existência dessa variedade de formatos, junto à também diversidade de *hardwares* e *softwares*, é um dos motivos do livro digital ainda não ser algo popular. O autor chama atenção para a questão da interoperabilidade, isto é, a ausência de “diálogo” entre formatos, máquinas e aplicativos de leitura. O Kindle, por exemplo, cujo primeiro modelo foi lançado em 19 de novembro de 2007, apenas lê os livros sob o formato da sua fabricante, a Amazon.

A seguir, Carrenho (2011) aponta os principais formatos para livros digitais. O mais popular é, sem dúvida, o pdf. Entretanto, a *International Digital Publishing Forum* – consórcio de empresas formado pela Sony, Adobe, Microsoft, entre várias outras – criou e adotou o ePub como formato padrão internacional para a produção de livros digitais. O ePub é um arquivo feito dos mesmos códigos usados por uma página simples da internet (HTML). O formato permite uma boa leitura em qualquer tipo de tela, independente do tamanho, ou do sistema. Ainda possibilita aumentar ou reduzir o tamanho da fonte, além de alargar ou diminuir o tamanho da página (MELO, 2009).

¹⁰ Em informática, formato é a forma usada por determinada aplicação computacional reconhecer os dados gerados por ela. Cada aplicativo tem um formato específico, padronizado ou não para que possa tratar as informações contidas no arquivo gerado. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Formato_de_arquivo>. Acesso em: 10 set. 2011.

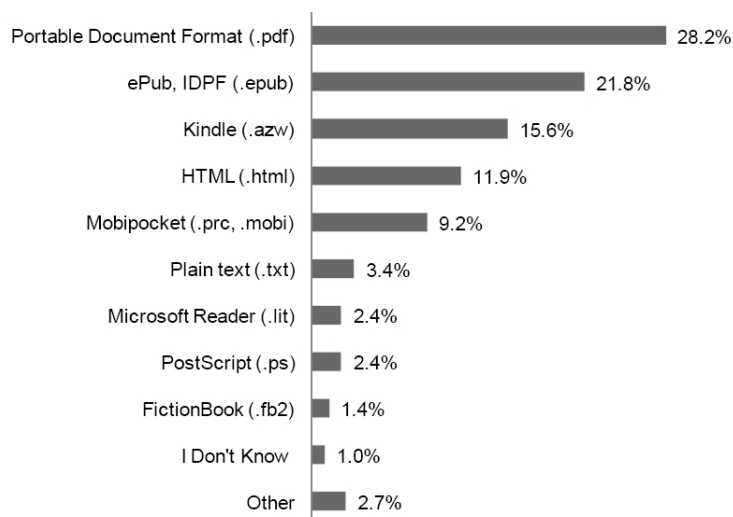


Gráfico 3 – Formatos digitais em uso para os livros publicados.

Fonte: *A Blueprint for Book Publishing Transformation* | Gilbane Group / Aptara | Oct. 2010.

Diante de uma diversidade de formatos e dispositivos é preciso, ainda mais, que usuários/leitores estejam informados sobre as especificações que melhor atendem suas necessidades. Sofisticados leitores eletrônicos, *tablets* ou celulares podem não ser úteis caso não conversem com o formato da publicação disponível. Essa “babel” do universo do livro digital pode, como propõe Procópio (2011), criar obstáculos a esse produto. Melhor do que pensar sobre problemas de comunicação de ordem tecnológica, seria abrir o livro impresso e ler simplesmente, pensaria o leitor. Apesar dessas circunstâncias, grupos de leitores parecem não se importar com esses inconvenientes. Tanto no Brasil como no mundo, é visível o crescimento do mercado de livros digitais. A isso nos deteremos a seguir.

2.5 Mercado emergente

Ainda que seja tímido o crescimento do mercado de livros digitais no Brasil, é possível identificar algumas iniciativas que buscam fomentar as vendas no país. Em 2010, duas grandes livrarias virtuais, consolidadas na venda de livros impressos, passaram a atuar na comercialização também de livros digitais. Desde então, a Cultura e a Saraiva oferecem títulos em arquivos pdf, que mantém as características das publicações impressas, ou ePub, mais adequado para leitura em *e-readers* ou *tablets* por apresentar conteúdo redimensionável, conforme exposto anteriormente. Entretanto, o diretor de operações da Cultura, Sergio Herz, e o diretor presidente da Saraiva, Marcílio Pousada, concordam que a escassez de acervo no

Brasil é um dos maiores obstáculos para a popularização do livro digital no país (YANO, 2011b).

Enquanto nos Estados Unidos a Amazon disponibiliza quase de 2,5 milhões de obras digitais entre gratuitas e pagas, no Brasil, o número de títulos em português adaptados para o formato eletrônico não passa de dois mil. Assim, dos 160 mil livros digitais do acervo da Saraiva, 158 mil são importados, em inglês. Na Cultura, não é diferente: são 110 mil títulos em idioma estrangeiro e perto de mil traduzidos (YANO, 2011b).

Ao que parece, os executivos dessas empresas estão em um momento de experimentação do mercado, caracterizando de fato uma possível transição, se é que de fato ela acontecerá. Sobre a investida nesse nicho, Sergio Herz afirma: “Não começamos com nenhuma expectativa, já que é um mercado totalmente novo. A ideia mesmo foi fazer um teste, para ver o que o consumidor está querendo”, e acrescenta: “Vamos ter erros e acertos ao longo dessa adaptação. Risco de os *ebooks* não vingarem não existe” (YANO, 2011b). Esse ponto de vista nos faz crer que de fato estamos passando uma fase de incertezas quanto ao futuro no livro digital no Brasil. Práticas socioculturais relacionadas ao livro impresso ainda são muito presentes no universo de leitores e por isso mesmo acreditamos que elas interferem decisivamente na migração para novos hábitos de leitura.

Sobre a dificuldade de consolidação do mercado de livros digitais no Brasil, convém ressaltar outros pontos. Konchinski (2011) destaca a opinião da presidenta da Câmara Brasileira do Livro (CBL), Karine Pansa, que acredita que a “má qualidade da internet em banda larga e o alto preço dos computadores portáteis em forma de prancheta (*tablets*) são os principais problemas que dificultam o acesso dos leitores aos livros digitais (*e-books*)”. A internet seria a forma de acesso facilitada do público aos títulos disponíveis na rede. Já o *tablet* se apresenta como o dispositivo de leitura. Porém, é importante dizer que não é o único *hardware* de leitura de livros. Escudêro (2011) menciona outros fatores para a inibição do crescimento desse mercado no Brasil. Ela pontua, além falta de hábito de leitura por parte da população brasileira, fatores como: a) os elevados preços dos dispositivos eletrônicos para a leitura; b) o receio sobre a pirataria, que inibe as editoras a lançarem mais títulos no formato digital; c) as limitações para as formatações desenvolvidas para leitura desse tipo de livro; e d) alguns preços praticados no mercado que ainda não tornam o produto convidativo para a troca pelos livros impressos, sendo o ideal que os livros digitais possuam preços em média 30% menores que os de papel.

A seguir, Carrenho (2011) traz as algumas características das principais instituições ligadas ao mercado de livros digitais no Brasil, entre elas, livrarias e distribuidoras, empresas que, no mercado de livros digitais, muitas vezes se confundem.

2.5.1 As livrarias digitais brasileiras

▶ Saraiva

- Lançada em 06/2010
- Catálogo de 2.000 títulos em português
- Aplicativos para desktop, iPhone¹¹ e iPad¹² (50 mil *downloads* em um mês)
- 150 mil *downloads* em 4 meses
- Comercializa o Alfa Positivo¹³
- DRM¹⁴

▶ Ponto Frio/Casas Bahia

- Lançada em 09/2010
- Catálogo de 210 títulos
- Opção de DRM para editoras

▶ Grioti

- eBookstore baiana, fundada em 11/2010
- Catálogo de 870 títulos em português
- DRM ou Marca d'Água¹⁵

¹¹ *Smartphone* da Apple.

¹² *Tablet* da Apple.

¹³ Leitor eletrônico da Positivo Informática.

¹⁴ “O [DRM] Digital Right Management (gerenciamento de direitos digitais) é um conjunto de tecnologias utilizado em conteúdos digitais para controlar a criação de cópias não autorizadas. Cada empresa utiliza um tipo de DRM diferente, mas todas possuem características semelhantes, como a que restringe a utilização dos arquivos. Alguns documentos, por exemplo, não podem ser copiados ou convertidos, enquanto outros possuem uma quantidade limitada de execuções”. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/3023-o-que-e-drm-.htm#ixzz1al4oGf2w>>. Acesso em: 9 out. 2011.

¹⁵ Essa opção consiste na inserção de uma marca d'água no livro a fim de expor a identificação (nome ou CPF) do proprietário e assim inibir a reprodução descontrolada do arquivo.

- ▶ **Cultura**
 - Lançada em 03/2010
 - Catálogo de 2.000 títulos em português
 - Comercializa o Alfa Positivo
 - DRM

- ▶ **Simplíssimo**
 - Lançada em 07/2010
 - Catálogo de 200 títulos
 - Sem DRM para autores independentes
 - Opção de DRM para editoras

- ▶ **Gato Sabido**
 - 1ª eBookstore brasileira, fundada em 12/2009
 - Catálogo de 2.800 títulos em português
 - *E-reader* próprio¹⁶
 - DRM

Como exposto anteriormente, uma das dificuldades para a popularização do livro digital no Brasil é a escassez de publicações em língua portuguesa. A seguir, apresentamos as quantidades de títulos em português distribuídas pelas principais livrarias que comercializam o livro digital no Brasil.

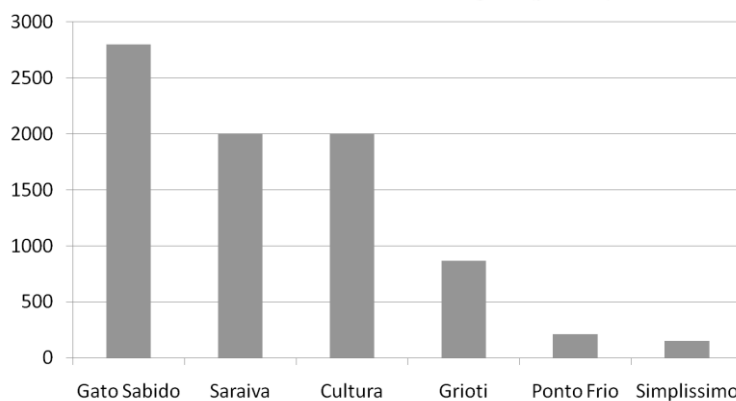


Gráfico 4 – Quantidade de títulos no formato digital em português por livrarias (jan. 2011).
Fonte: Carrenho (2011).

¹⁶ O leitor eletrônico da Gato Sabido é o Cool-er.

2.5.2 As distribuidoras digitais brasileiras

▶ DLD

- Consórcio de grandes editoras (Rocco, Record, Sextante, Planeta e Objetiva).
- Pretende ter um catálogo de 500 títulos até o fim do ano e crescê-lo na velocidade 300 títulos por mês.
- Não distribuir outras editoras.

▶ Xeriph

- Criada pelos controladores da Gato Sabido.
- Permitirá a distribuição em moldes convencionais.
- Operará também como prestador de serviços.
- Tecnicamente operacional, mas possui distribuição limitada no momento.
- Participação da Superpedido¹⁷.

▶ Singular

- Braço digital do grupo Ediouro.
- Define-se como distribuidor de conteúdos digitais em multimídias.
- Não distribuir outras editoras.
- Operação mais adiantada, mas ainda longe da plena capacidade.
- Inúmeras parcerias internacionais: ColorCentric, Smashwords, Digipedia, Ingram etc.
- Acordo em finalização com a Ingram¹⁸.

▶ Simplissimo / Stealth

- Plataforma ítalo-gaúcha.
- Oferecem opção de marca d'água.
- Início de operação.

¹⁷ Importadora e distribuidora brasileira de livros técnicos e científicos.

¹⁸ Ingram Book Company, uma empresa do Grupo Ingram Conteúdo, é a maior distribuidora de livros por atacado do mundo, oferecendo acesso a mais de dois milhões de títulos. Fonte: <<http://www.ingrambook.com/about/default.aspx>>. Acesso em: 9 out. 2011.

Como apresentado, é visível o crescimento no número de instituições ligadas à produção, à distribuição e à venda do livro digital no Brasil, entretanto, os Estados Unidos ainda são a referência quando se trata do mercado em nível internacional. Esse país é hoje o que detém as estatísticas mais animadoras aos entusiastas do livro digital. Para os mais céticos, essas estatísticas são alvo de críticas e reflexões sobre até que ponto elas indicam a substituição do suporte impresso pelo digital. De qualquer modo, acreditamos importante determo-nos ao cenário norte-americano do livro digital para que possamos ter elementos de discussão para a realidade brasileira, reservadas suas particularidades. É importante lembrar que nosso foco está sobre práticas socioculturais sobre o livro digital. Contudo, acreditamos que a configuração de mercado influi, de certa forma, sobre dinâmicas sociais e culturais, além de também estar influenciados por elas, em um jogo de retroalimentação contínua.

2.5.3 O livro digital nos Estados Unidos

As estatísticas revelam o peso dos Estados Unidos no mercado de livros digitais. A *International Digital Publishing Forum*, em conjunto com a *Association of American Publishers (AAP)*¹⁹, recolhe sistematicamente informações acerca das vendas de livros digitais nos Estados Unidos. O gráfico a seguir apresenta os números por trimestre de 2001 a 2010. A curva mostra claramente o sensível crescimento desse mercado.

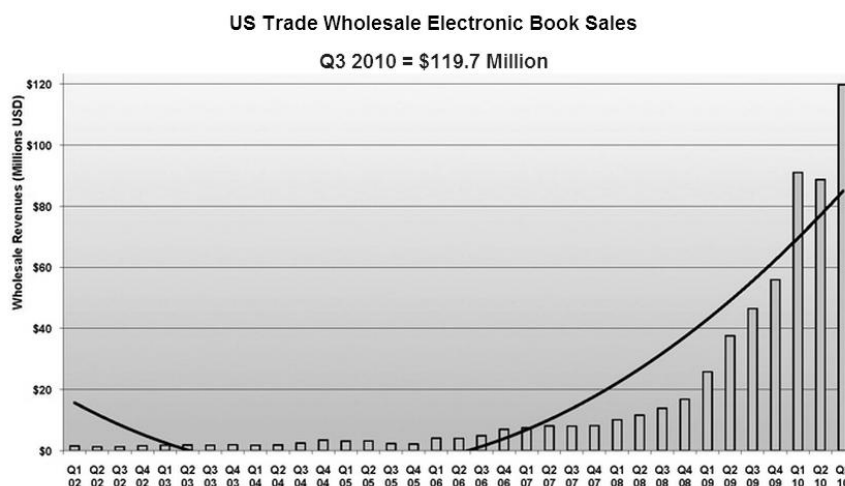


Gráfico 5 – Vendas de livros digitais nos EUA, de 2001 a 2010.
Fonte: The International Digital Publishing Forum (www.idpf.org).

¹⁹ Associação comercial dos editores de livros nos Estados Unidos. Sediada em Washington, reúne organizações privadas, bem como independentes, sem fins lucrativos, editoras universitárias e sociedades acadêmicas. Fonte: <<http://www.publishers.org/about/>>. Acesso em: 9 out. 2011.

Em fevereiro de 2011, a AAP divulgou novo relatório de vendas que apontava o crescimento da procura por livros digitais. De acordo com os resultados, a categoria livros digitais atingiu crescimento de 202,3%, se comparado a fevereiro de 2010. Os dados apontam ainda o declínio dos livros impressos. No acumulado do ano de 2011, as vendas de livros digitais aumentaram 169,4% se comparado com o ano anterior. Nesse mesmo período as vendas de livros impressos diminuíram 24,8% (PRICE, 2011).

A conclusão da nova pesquisa apontou que pela primeira vez as vendas de livros digitais se tornaram a categoria mais vendida da indústria editorial americana. O levantamento mostrou que a venda de e-books nos EUA gerou US\$ 90,3 milhões em fevereiro de 2011, ultrapassando os livros físicos que movimentaram US\$ 81,2 milhões. A AAP atribui o crescimento às vendas de *e-readers* durante o período natalino (DIAS, 2011).

Os números chamam atenção para o crescimento do mercado de livros digitais, em detrimento do livro impresso. Esse movimento vem reforçar o apoio a iniciativas que busquem compreender as novas formas de relação do leitor com plataformas de leituras contemporâneas, na tentativa de estabelecer parâmetros sobre os quais o mercado poderá investir.

É importante ressaltar que apresentamos apenas números e estes não são capazes de nos dar subsídios sobre a razão do sucesso do livro digital nos Estados Unidos. Para isso está implicado o contexto do qual eles foram extraídos. Aqui, podemos relacionar fatores como, por exemplo, o uso habitual ou não de dispositivos digitais; os valores pelos quais eles são comercializados; o nível de acesso à internet, levando em conta custo e velocidade; e o preço dos livros digitais em comparação com o impresso. No entanto, a exploração desses aspectos demandaria um esforço extenso demais e desnecessário nesse caso, pois nosso objetivo reside em identificar práticas de leitores de livros digitais a partir do recorte já definido no começo desta dissertação. Essa investigação poderá ocorrer futuramente na tentativa de elaborar um estudo comparado das realidades brasileira e norte-americana. Por ora, esses números nos relevam o quão crescente pode ser o mercado de livros digitais no mundo.

2.6 Alguns diálogos sobre o livro digital

Com o objetivo de traçar um panorama de algumas das abordagens dadas ao livro digital, procuramos identificar o enfoque dado a esse objeto em alguns artigos apresentados em eventos ou publicados em revistas científicas, como também em alguns livros que

perpassam essa temática. Nosso intuito será também realizar apropriações desses textos, a fim de enriquecer nosso olhar sobre a pesquisa acadêmica acerca do tema. Esse exercício servirá também para apontar em que nossos objetivos conversam com as abordagens apresentadas, bem como indicar aquilo que as distanciam, apesar de tratarem de um objeto comum.

Grusznski (2009) problematiza o advento do livro digital posto como elemento que marca o fim do livro impresso e, por conseguinte, o fim do *design*. A partir disso, a autora se vale da bibliografia referente à questão do livro na contemporaneidade a fim de investigar a articulação do *design* com essas novas propostas para essa mídia. Para nossa dissertação, não consideramos o “fim do impresso”, mas sim as implicações sobre práticas socioculturais do livro digital. Trata-se, portanto, de um possível “renascer” do impresso, agora sob outras configurações e novas possibilidades de acesso e fruição. Desse modo, o *design* insere-se na discussão sobre a *forma* e a *materialidade* do livro com a qual o leitor está habituado, e que, portanto, faz parte da sua relação de reconhecimento do produto livro.

Frossard (2004) aborda as mudanças na forma de apresentação do livro, partindo dos manuscritos medievais à informação disponível na internet. Reflete também sobre as influências dessas mudanças nos processos de organização e classificação da informação, bem como na criação de novos hábitos culturais e de leitura. Para tanto, a autora realiza uma pesquisa bibliográfica sobre a qual esboça algumas reflexões. Frossard (2004) afirma que vivemos sob “um novo paradigma”, surgido a partir das possibilidades do hipertexto, apontando o livro digital como indicador de “mudanças da mesma magnitude que as trazidas pela impressão” (FROSSARD, 2004, p. 7). A autora destaca ainda o papel do autor, enfatizando a sua evidência, que passa a ocorrer principalmente a partir da era da cultura do impresso, posicionando-o como dono da obra. Produto que agora pode ser mais facilmente reproduzido, desenvolvendo, por conseguinte, a fim de resguardar os direitos de autor, a proposta de propriedade intelectual. Nossa pesquisa se apropria da discussão de Frossard (2004) naquilo que diz respeito à “criação de novos hábitos culturais e de leitura” diante de um universo digital, cenário produzido diante de novas formas de apresentação, reprodução e acesso ao produto. Apesar de acreditamos na relevância que os diferentes profissionais da cadeia de produção do livro exercem sobre práticas socioculturais, nosso foco estará voltado aos leitores de livros digitais.

Lourenço (2004) aborda a indústria editorial tomando como fator de tensionamento o livro digital. Seus objetivos são de “apresentar este novo formato de livro, esclarecer o funcionamento das editoras responsáveis por sua publicação hoje no Brasil e empreender

uma reflexão sobre o futuro da atividade editorial no Brasil” (LOURENÇO, 2004, p. 1). A autora parte do pressuposto que a tecnologia digital está criando novas formas de edição alternativas e outros papéis para os principais agentes envolvidos na indústria do livro. Lourenço (2004) se utiliza de pesquisa bibliográfica em livros e sites para cumprir seus objetivos. Nota-se também uma detida observação sobre a dinâmica de funcionamento das editoras brasileiras atuantes tanto no mercado de livro impresso como também digital. Para nosso trabalho, acreditamos que “formas de edição alternativas”, como a inserção de mecanismos de leitura somente possibilitados por tecnologias digitais (já explicitados neste capítulo), exercem influência sobre práticas socioculturais de leitores, as quais nos debruçaremos no Capítulo 3.

Mello Júnior (2004) analisa a indústria cultural do livro como forma histórica de transmissão de conhecimento e procura identificar possíveis mudanças que essa indústria ou seus agentes sofram a partir do desenvolvimento de uma sociedade da informação, da criação de novas tecnologias e dos descentramentos de identidades culturais. O autor aborda a questão da identidade do indivíduo no contexto da pós-modernidade, avançando sobre questões acerca do modo como se articulam esse sujeito e as novas práticas culturais implicadas na chamada sociedade da informação. Mello Júnior (2004) disserta também sobre o modelo editorial de direitos autorais, oferecendo informações sobre sua origem a partir da lógica mercantil. Esboça também um paralelo de características do livro impresso e do digital e apresenta números do mercado editorial brasileiro.

Para Mello Júnior (2004), a proposta da articulação entre identidade e consumo de publicações digitais se dá pela forma como atualmente ocorre a formação identitária na fragmentada sociedade contemporânea. O autor explora a proposta de que aspectos relacionados à identidade do indivíduo influenciam no modo como ele se relaciona com o objeto livro, em seus diversos modos. Dessa forma, tomamos essa abordagem como forma de subsídio na compreensão dos modos de relacionamento do indivíduo com o impresso e com o digital, pois consideramos que idiosincrasias como traços identitários de grupos e indivíduos exercem papel importante nessa relação. Indivíduos com sólida formação como leitores de livros impressos, por exemplo, podem criar resistência a outras formas de leitura que não aquelas as quais é habituado.

Silva (2002) tem o objetivo de apontar as principais implicações do uso do livro eletrônico na área das ciências da informação. O autor acredita que as áreas de processamento técnico, armazenamento e serviço de referência, por exemplo, serão diretamente afetadas com o advento do livro digital. Assim, propõe debater sobre essas novas

modalidades de registro da informação, em seus aspectos tecnológico, econômico e cultural. Silva (2002) inicia sua exposição com informações que remetem ao período do surgimento da prensa de tipos móveis de Gutenberg culminando com a exposição de uma classificação de fases do livro digital proposta pelo próprio autor. Silva (2002) destaca ainda que o surgimento de um novo dispositivo para registro dos escritos do homem afeta especialmente questões como acesso, armazenamento e empréstimo, hábitos de leitura, *copyright*²⁰ e depósito legal²¹. O autor finaliza tentando responder a questões como: O livro eletrônico será mais barato que o impresso? Os *devices*²² são uma ameaça aos PCs? Os *devices* podem ser considerados como livros? O livro impresso vai desaparecer? As respostas não são conclusivas, apresentando apenas considerações.

Tomando como base algumas ideias de Silva (2002), nos indagamos acerca de práticas socioculturais relacionados ao livro. O hábito de empréstimo de títulos, por exemplo. Sob sistema de distribuição ainda indefinido, os novos usuários se perguntam sobre as formas de compartilhamento das obras que se tem acesso. Isso também será alvo da nossa pesquisa.

Vilches (2003) dedica um subitem, intitulado “o fim do livro e da escritura”, do capítulo “Narração”, do seu *A migração digital*, à temática do livro e da leitura em plataformas digitais. E inicia afirmando que

uma das tecnologias virtuais mais populares entre os aficionados da literatura é hoje a tecnologia da escritura eletrônica, o hipertexto, qualificada como intertextualidade eletrônica, textos dos textos, o supertexto. [...] A fascinação que a cultura dos meios de comunicação parece ter pelo ‘fim do livro e da escritura’ está secretamente conectada com o conceito de hipertexto e, daí, com os conceitos dos mundos virtuais e do ciberespaço (VILCHES, 2003, p. 152).

A partir disso, inferimos o conceito de “escritura digital” atribuído por Vilches (2003). Por meio da sua exposição, nos parece que a ideia de hipertextualidade apresenta-se intrínseca ao texto em meio digital. Apesar desse posicionamento, observa-se que produtos editoriais digitais não necessariamente se utilizam das possibilidades do hipertexto em suas configurações. Podem, sim, estar colocados em estruturas narrativas lineares, do mesmo modo que o impresso, diferenciando-se apenas no seu substrato material. Considerável parte

²⁰ “Direito exclusivo do autor, compositor ou editor de imprimir, reproduzir ou vender obra literária, artística ou científica; direito autoral”. Dicionário Houaiss Eletrônico, versão 3.0, junho de 2009.

²¹ O depósito legal é o envio feito pelo editor de um ou mais exemplares, de todas as publicações, produzidas por qualquer meio ou processo, para distribuição gratuita ou venda, endereçado à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O depósito legal está instituído pela lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

²² Nesse caso, *device* se refere aos aparelhos destinados à leitura digital.

de livros digitais disponíveis atualmente encontram-se em formato pdf em sua configuração mais simples, dispensando qualquer outro recurso que não sejam textos e imagens.

Outro contraponto à visão de Vilches (2003) está em considerar que o hipertexto também pode estar presente no texto impresso (notas de rodapé, sumários, índices etc). Portanto, para nossa dissertação, o hipertexto não se impõe como característica diferenciadora entre os suportes impresso e digital.

Holanda (2009) busca analisar a forma pela qual o conhecimento torna-se atualmente uma fonte de poder na sociedade. A partir disso, investiga as articulações que podem propiciar o livro digital a se apresentar como alternativa democrática no compartilhamento do saber. Uma potencialidade alavancada pelos modos de distribuição facilitados por meio de uma estrutura de comunicação via rede. A autora acredita ainda que a utilização do livro digital com esse fim pode colaborar para a inclusão social de indivíduos à margem da sociedade da informação e levar a novas práticas sociais. Consideramos, contudo, que essa proposição de Holanda (2009) pode não encontrar repercussões caso os indivíduos não comunguem de práticas que propiciem o uso de livros digitais. Essa possível “democratização” do saber estaria assim limitada a grupos que se sintam à vontade com novas tecnologias de leitura.

Coelho (2010) analisa como a “revolução digital”, como ela mesma denomina, modificou os nossos modos de leitura. A autora parte da premissa de que foram gerados novos processos cognitivos na leitura e na escritura de textos a partir das novas práticas advindas da comunicação digital. Desse modo, investiga aspectos do hipertexto, o qual ela considera “a estrutura básica do discurso da literacidade digital” (COELHO, 2010, p. 1). Apesar de elemento relevante à pesquisa sobre livros digitais, não nos detemos a aspectos cognitivos da leitura em meio digital.

Murcia (2010) enfoca o advento da leitura em dispositivos digitais, destacando os modos de restrições (técnicas e legais) articuladas por meio das instituições ligadas ao negócio editorial, bem como daquelas ligadas à gestão de direitos. A partir disso, explora os chamados “circuitos alternativos” da leitura, por meio dos quais demonstra os caminhos possíveis do livro. O autor avança sobre tópicos como: ritual da leitura; implicações do aspecto material do livro; apropriações do livro digital sobre características do impresso (remediação); reprodutibilidade do digital; e controle do conteúdo dos livros (*copyright*). Esses tópicos, por dialogarem diretamente com os nossos objetivos, serão retomados na análise do Capítulo 3.

Até aqui, os trabalhos explorados nesse mapeamento não incluem pesquisas de campo, nem outra investigação mais aprofundada da temática. Alguns partem da própria experiência profissional ou mesmo da observação do mercado editorial.

Vale ressaltar também que parte da produção intelectual acerca do livro digital é publicada por pesquisadores das ciências da informação, deixando de lado seu aspecto de objeto do campo da comunicação. Entretanto, como se trata de uma temática em seus primeiros passos de investigação, consideramos relevante sua abordagem a fim de que possamos ter um quadro mais rico dos enfoques dado ao objeto investigado.

Quanto ao tratamento do livro digital enquanto objeto da comunicação, trabalhado também de forma prática, pudemos identificar uma iniciativa que se desenvolve na Universidade Federal da Paraíba. O projeto de pesquisa *Para Ler o Digital: a reconfiguração do livro na Cibercultura*, coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Antonio Nicolau, visa à realização de pesquisa, produção e inovação do livro digital. Os integrantes desse projeto buscam também “demonstrar a proposta de produção de livros digitais a partir da reconfiguração de obras em eBooks, contribuindo com uma nova estrutura de produção editorial” (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2011, p. 3). O projeto já conta com produtos editoriais disponíveis digitalmente, que foram produzidos a partir das reflexões do grupo.

Ao final desse panorama, de modo geral, acreditamos que os estudos sobre o livro digital dissertam sobre diferentes abordagens. Entre elas, as mutações de aspectos culturais, como a “revolução” da leitura, da escrita; dos modos de consumo, troca, armazenagem e empréstimo do livro; do estranhamento sobre a ausência de materialidade do livro; entre outras mudanças. Os textos abordam também aspectos políticos: propriedade intelectual, direitos de autor, papel dos produtores etc. Como apresentado, apenas identificamos uma iniciativa que desenvolve práticas.

Para a nossa proposta, consideramos os trabalhos que exploram a observação de práticas socioculturais ligadas ao livro. Nossa pesquisa, que investiga um grupo de estudantes universitários, terá o intuito de colaborar como mais uma peça nesse diálogo que aqui propomos. Nosso objetivo será o de desvelar práticas que possam responder as seguintes questões: como esse leitor se porta diante do livro digital? Por quê? Que fatores (culturais, sociais, físicos) estão implicados? Que mudanças ocorreram se compararmos com as experiências com os livros impressos? Essas perguntas compõem o desafio.

2.7 Aproximações empíricas

Com o objetivo de apontar correspondentes com a pesquisa empírica que propomos, buscamos trabalhos que, de algum modo, apresentavam essa afinidade. Ressaltaremos aqui

dois deles: *Ciberescritores, ciberleitores* (COUTO et al. 2011), apresentado no XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, ocorrido entre 24 e 26 de agosto de 2011, em Manaus/AM; e a pesquisa *Os leitores brasileiros e o livro digital* (AMORIM; GARCIA, 2011), realizada para Câmara Brasileira do Livro e para Imprensa Oficial do Estado de São Paulo com execução do Observatório do Livro e da Leitura.

2.7.1 *Ciberescritores, ciberleitores*

O artigo apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada “Livros/textos digitais: usos, possibilidades e limites”, desenvolvida pelo Grupo de estudo e pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias, na Universidade Federal da Bahia, no período de agosto de 2008 a julho de 2009. A questão que orientou os pesquisadores buscava saber se a produção e difusão da leitura/escrita *online* potencializavam os hábitos de leitura e escrita de um grupo circunscrito à academia. A partir disso, a investigação objetivou analisar a produção e a difusão da leitura e da escrita *online*, discutir usos, possibilidades e limites dessas experiências de leitura e escrita na rede, entre alunos e professores do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Entre seus procedimentos metodológicos, destaca-se, inicialmente, a busca por uma aproximação e reflexão em torno do tema por meio de uma pesquisa bibliográfica e do levantamento de sites para *download* de textos digitais. Posteriormente, a fim de reunir informações empíricas, os autores se utilizaram da aplicação *online* de um questionário ao público que formaria o *corpus* da pesquisa: estudantes e professores da pós-graduação em Educação da UFBA. O objetivo foi identificar os hábitos como ciberescritores e ciberleitores; os modos de construção, reorganização e assimilação de novos referenciais cognitivos dos processos de escrita e leitura de textos em formato eletrônico, bem como a cultura e os comportamentos oportunizados por essas experiências.²³

O *corpus* foi composto por 15 informantes, sendo 11 alunos de mestrado e doutorado e 4 professores. A técnica usada na análise foi a de agrupar as ideias e os posicionamentos dos entrevistados em torno de palavras-chave. Essas palavras-chave e as principais abordagens dos entrevistados deram origem aos temas que foram estruturados em capítulos e tópicos.

²³ O questionário ainda encontra-se disponível no endereço:
<<http://www.encuestafacil.com/RespWeb/Qn.aspx?EID=398056>>. Acesso em: 9 out. 2011.

Couto et al. (2011) selecionam e relatam três questões que se destacam no estudo: 1) os hábitos de escrita e leitura *online* do grupo estudado; 2) os usos que esse grupo faz de bibliotecas virtuais; e 3) a adesão aos processos de escrita e leitura *online* como estratégia de formação de professores na cibercultura.

Os autores apontam que os entrevistados são entusiasmados com os processos de escrita e leitura *online*. Entretanto, muitas vezes, por trás desse entusiasmo, destacam que foi possível perceber práticas aparentemente dissonantes com a cultural digital: quando perguntados acerca dos seus hábitos de leitura *online*, a maioria dos entrevistados afirmou a preferência em imprimir o texto para uma leitura dita mais “confortável”. Em relação à escrita, a maioria garantiu que quase sempre escreve direto na tela. Destaque também para a internet, a qual, segundo os entrevistados, possibilita o rápido acesso a textos e também a rápida divulgação de escritos. A maioria dos informantes também disse que prefere ter acesso e usar o que outros colocaram na rede, mas que não gostam e não querem disponibilizar os seus próprios trabalhos. Um dos novos hábitos identificados, entre os estudantes e professores, foi a busca por textos em bibliotecas virtuais. Os entrevistados também reconhecem que o processo de escrita colaborativa e leituras coletivas demonstram um avanço na área de pesquisa. Em se tratando de publicação, todos afirmam que a internet possibilita um maior alcance dos trabalhos divulgados, o que traz uma resposta mais rápida, além de permitir o diálogo com os leitores.

Ao final, os autores elaboram algumas conclusões. Entre elas afirmam que, apesar de os estudantes e professores da pós-graduação usarem ativamente a internet, de inserirem no seu cotidiano o uso das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação), a escrita e leitura *online* ainda é subutilizada, pois, acreditam os autores, permanece grande o apego à cultura impressa. Para Couto et al. (2011), esse apego à materialidade do texto não parece resultado de uma resistência em adotar o digital, parece, em certos aspectos, estar associado à limitação tecnológica do momento, a infraestrutura em termos de tecnologia disponível no país e nas escolas na época da pesquisa. Os autores ressaltam ainda que algumas das dificuldades apresentadas pelos entrevistados, relacionadas à escrita e à leitura *online*, parecem ser superadas com uma nova geração de equipamentos tecnológicos.

A pesquisa ainda relevou que estudantes e professores costumam evitar em suas produções o uso das referências aos textos disponíveis na internet porque consideram que ela ainda é desvalorizada pelos sistemas de avaliação na universidade em detrimento da informação impressa. Entretanto, os entrevistados acreditam que a cultura universitária está mudando rapidamente. Por fim, Couto et al. (2011) ressaltam que, se por um lado ainda

existe um forte apego ao texto impresso, de outro é possível observar que a cultura digital condiciona cada vez mais as práticas acadêmicas, tanto no que diz respeito aos hábitos de escrita e leitura quanto nas novas práticas de divulgação da produção científica.

De início, chama nossa atenção o fato dos autores adotarem o binômio “livro/textos digitais” como objeto de pesquisa. Apesar de, a princípio, parecer a mesma coisa, livros são textos, mas textos não são, necessariamente, livros. Daí decorre a prática de leitura em tela de textos curtos, mas não daqueles mais extensos. Portanto, leitores de textos digitais não significam o mesmo que leitores de livros digitais. Uma diferença que pode influenciar resultados de pesquisas acerca da leitura em dispositivos digitais.

Do ponto de vista metodológico, a principal semelhança entre o nosso estudo e o de Couto et al. (2011) está na adoção do questionário *online* como técnica de coleta de dados. Em nossa pesquisa, todavia, trata-se de um procedimento exploratório, e não a principal técnica como no caso dos referidos autores.²⁴

Nossa proposta se aproxima ainda ao estudo de Couto et al. (2011) quando este busca identificar hábitos de leitura e escrita de estudantes e professoras, o que para nós são práticas socioculturais desses indivíduos: sociais por se desenvolverem no seio de grupos e instituições, culturais por serem formadas segundo idiosincrasias sedimentadas por gerações de leitores/escritores. O uso de bibliotecas físicas é, por exemplo, uma ação rotineira de estudantes interessados em novas informações que não aquelas apresentadas em sala de aula. Porém, para isso é necessário o deslocamento do estudante/pesquisador até o espaço físico da biblioteca, o percorrer entre os corredores de livros, a busca nas prateleiras. Já o acesso a bibliotecas virtuais requer outras dinâmicas. O interesse pela informação é o mesmo, mas as formas de busca, obtenção e apropriação são modificadas. Essas mudanças de atitudes do leitor parecem óbvias. E o são. Mas observá-las nos leva a refletir sobre a reconfiguração de práticas anteriores, as quais estavam sob a influência de suportes impressos.

2.7.2 Os leitores brasileiros e o livro digital

A pesquisa *Os leitores brasileiros e o livro digital* (AMORIM; GARCIA, 2011) foi realizada para a Câmara Brasileira do Livro e para a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a sua

²⁴ Nossas escolhas metodológicas estão apresentadas na Introdução desta dissertação. Outras informações também estão no Capítulo 3, antes da apresentação dos dados.

execução coube ao Observatório do Livro e da Leitura. O objetivo do estudo foi o de levantar a opinião de leitores brasileiros sobre o livro digital.

Como recurso metodológico, foram realizados oito grupos de discussão com o intuito de se proceder a uma pesquisa qualitativa. Os grupos de entrevistados estavam classificados entre usuários e não usuários de livros digitais. Segundo os coordenadores, buscou-se apurar suas motivações e preferências acerca do livro em seus formatos impresso e digital. A grande questão foi a de tentar captar, hoje, qual seria a postura dos leitores com a possibilidade da transformação do livro impresso em um livro digital.

Gênero	Idade	Classe social	Região	Observação
Masculino	20 a 30 anos	A/B	Rio de Janeiro	Usuário de livro digital
Feminino	16 a 20 anos	A/B	Rio de Janeiro	Não usuário de livro digital
Masculino	16 a 20 anos	A/B	Porto Alegre	Não usuário de livro digital
Feminino	20 a 30 anos	A/B	Porto Alegre	Não usuário de livro digital
Masculino	20 a 30 anos	A/B	Recife	Não usuário de livro digital
Feminino	Mais de 30 anos	A/B	Recife	Não usuário de livro digital
Masculino	Mais de 30 anos	A/B	São Paulo	Usuário de livro digital
Feminino	20 a 30 anos	A/B	São Paulo	Não usuário de livro digital

Quadro 2 – Perfil dos grupos investigados na pesquisa *Os leitores brasileiros e o livro digital*.

Fonte: Amorim; Garcia (2011).

Para nossa dissertação, além de apresentarmos os procedimentos metodológicos por meio dos quais foi realizada a pesquisa, destacamos os principais dados reunidos pelo estudo e que dialogam com o nosso objetivo, ou seja, refletem práticas socioculturais dos entrevistados.

Inicialmente, fica clara, entre os participantes, a preferência pela compra de livros em livrarias. Alguns também costumam emprestar livros de amigos, parentes ou colegas da faculdade. Os compradores afirmam que frequentam livrarias com o intuito de descobrir a existência de lançamentos recentes. Em São Paulo, Rio e Porto Alegre, frequentar as grandes livrarias, conhecidas como *megastores*, é um hábito do dia a dia desses leitores. Eles declaram que a capa e o título dos livros são os fatores mais importantes para a conquista de um leitor nas livrarias (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 13-14).

Acerca do uso do livro digital, em todos os grupos, a rejeição a eles foi, inicialmente, bastante acentuada. As razões apontadas para essa rejeição foram basicamente duas: 1) a valorização e o apego afetivo aos livros de papel; e 2) a visualização deficiente desses textos na tela dos computadores. Os entrevistados afirmam que o livro impresso tem um forte

simbolismo ligado ao prazer. Desse modo, qualquer ameaça a esse símbolo é visto de modo negativo (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 17).

O aspecto da vista cansada proveniente da leitura em meio digital é também apontado. Os entrevistados justificam que ela impossibilita, ou pelo menos dificulta, o acesso a essa nova forma de leitura. Alguns declaram que já tentaram ler livros no computador, porém confessam que se quer chegaram ao fim da leitura. A maior reclamação apontada foi a dificuldade de ler textos na tela do computador. Para a maioria dos participantes, a leitura no computador é dificultada pela falta de mobilidade e portabilidade do equipamento. Muitos deles recorrem, por necessidade profissional ou acadêmica, aos livros disponíveis na internet quando não encontram os livros que precisam na forma impressa. Na maior parte dos casos, imprimem os arquivos para lerem no papel. Outra ausência apontada é a possibilidade de se fazer anotações, marcas e comentários no texto, uma prática muito comum em determinados grupos de leitores que leem livros impressos em papel com finalidade acadêmica e/ou profissional (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 17-18).

Durante a discussão, alguns participantes fazem referência ao serviço oferecido pelo Google, o Google Books, que disponibiliza parte de alguns livros para apreciação. Eles dizem que esse serviço cumpre parcialmente a função do passeio às livrarias físicas. Entretanto, apesar de mais cômodo, eles declaram que isso é muito menos atraente e não há o apelo visual dos livros que as livrarias oferecem. Entre os participantes dos grupos de leitores de livros digitais, muitos recebem os livros de amigos da faculdade ou participam de comunidades nas quais os livros são disponibilizados. A maioria deles usa esse serviço unicamente para livros técnicos e científicos, pois não encontram outra opção para obtê-los (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 19-20).

A pesquisa ainda questionou os entrevistados sobre o impacto/aceitação dos leitores eletrônicos. A rejeição ao livro digital manifestada pela maioria no começo desaparece quando são apresentados os aparelhos. Apenas um ou dois participantes em cada grupo de não usuários de livros digitais apresentam resistência à nova tecnologia de leitura. Foi possível inferir que a rejeição se dá pelo apego ao livro impresso e não pelo aparelho em si, que admitem comprar no futuro. Essa afeição pelos livros é bem destacada pelos participantes. Para eles, trata-se de um objeto com o qual se relacionam desde a infância e pelo qual nutrem fortes sentimentos. O livro aparece associado também como fonte de prazer e conhecimento. A pesquisa aponta que, para muitos leitores, substituir o livro em formato impresso pelo digital, apesar dos recursos disponíveis, é uma dessacralização do objeto (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 24-25).

Ainda sobre os leitores eletrônicos, os participantes acreditam que esse tipo de equipamento terá êxito do mercado. Para isso, justificam que se trata de um suporte necessário para o grande volume de livros que guardam em suas casas e nas suas bolsas todos os dias. Eles chegam a conjecturar que um dia poderão levar os livros que precisam para a faculdade, para o trabalho ou para viagens em um só, e leve, equipamento. Os grupos apontam o preço como aspecto fundamental para esse sucesso (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 26-27).

Na tentativa de composição de um “aparelho ideal”, os grupos discutem sobre o seu caráter convergente de mídias e funcionalidades. Os participantes citam a possibilidade de tirar fotos e acessar a internet como algumas dessas características. A princípio, todos parecem favoráveis a isso e pensam que ela acontecerá de fato. Porém, no prolongamento dos debates, os entrevistados concluem que a introdução de novas ferramentas no equipamento poderia transformá-lo em um *notebook*, tal como conhecemos. A partir disso, avaliam que não seria inteligente para os fabricantes e para os consumidores e que seria este um ciclo improdutivo. Desse modo, concluem que os leitores eletrônicos devem ser somente leitor de livros. Outros recursos poderiam encarecer ainda mais seu preço (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 29).

Por fim, no que diz respeito à gratuidade ou ao pagamento de livros digitais, a postura geral dos grupos é de que se tiverem que pagar por algo, então que seja pelo livro no formato impresso, pois seria a forma mais “completa” de ter o material (AMORIM; GARCIA, 2011, p. 33).

Mais uma vez, tratamos de uma pesquisa que busca identificar práticas socioculturais, de leitores de livros, nesse caso, tanto impressos como digitais. Nosso olhar, porém, estará dedicado aos leitores de livros digitais e suas formas de relação com o produto. Diferentemente da pesquisa apresentada, que realizou entrevistas em grupos focais, optamos pela realização de entrevistas individuais, pois, como exposto no início dessa dissertação, nossa abordagem está voltada para a *narrativa de vida midiática sobre o livro*, o que nos exige um tratamento particular do percurso de vida de cada sujeito na sua relação com o livro.²⁵



²⁵ Nossas escolhas metodológicas estão apresentadas na Introdução desta dissertação. Outras informações também estão no Capítulo 3, antes da apresentação dos dados.

O que nos cabe agora é empreender *nossa* investida sobre a realidade. Para tanto, delimitamos uma comunidade de leitores, nos termos de Chartier (2006), para que pudéssemos, então, investigar acerca de práticas socioculturais de leitores de livros digitais. Nas próximas páginas, daremos forma a nossa proposta e tentaremos demonstrar como nossos sujeitos/personagens vivenciam a experiência do livro, seja sobre papel, seja sobre telas, mas, sem dúvida, sempre carregados de subjetividade.

Capítulo 3

Sala de leitores: diálogos e interpretações

3.1 Caminhos exploratórios

A comunidade de leitores selecionada para nossa investigação foi o conjunto de alunos de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), de todas as habilitações (Jornalismo, Rádio e TV e Publicidade e Propaganda), de todos os períodos.

Antes de tudo, pensamos ser pertinente definir alguns traços desse grupo. Com esse objetivo, selecionamos alguns dados²⁶ coletados periodicamente pela Comissão Permanente do Vestibular da UFRN (Comperve) no momento da entrada de novos estudantes na Universidade. As informações disponibilizadas dizem respeito aos alunos de Comunicação Social com entrada no ano 2000 até 2010. Como não identificamos grandes distorções nesse intervalo, apresentaremos a seguir alguns números do ano de 2010.

Em relação a gênero, há uma divisão igualitária: 50% do sexo masculino, 49% do sexo feminino. Acerca da faixa etária, a maior concentração (31%) está compreendida no intervalo entre 18 e 19 anos; 16% têm entre 20 e 21 anos e 14%, entre 15 e 17, caracterizando um conjunto bastante jovem. Sobre a ocupação profissional, a maioria (39%) respondeu “ocupações do lar, estudante e assemelhados”; em segundo lugar, estava o grupo que afirmou estar “sem ocupação”, que correspondeu a 27% dos pesquisados. Com relação ao meio de transporte, 64% afirmaram utilizar o sistema de transporte coletivo, enquanto 22% disseram usar carro próprio ou da família. No que diz respeito à renda, pouco mais da metade (52%) afirmou não ter renda; 18% ganham até um salário mínimo; 11% recebem mais de 1 até 2 salários mínimos; outros 11% ganham mais de 2 até 5 salários mínimos; 4%, mais de 5 até 10 salários mínimos e apenas 1% recebe mais 10 salários mínimos. Pareceu-nos claro que esses últimos dados não incluem a renda dos pais, informação que complementa outra: a de que 66% dos pesquisados recebem ajuda financeira da família.

²⁶ As informações foram cedidas pelo Professor Sebastião Faustino, atual vice-coordenador do Departamento de Comunicação Social da UFRN.

A partir desses dados, pudemos compreender melhor o grupo com o qual pretendíamos trabalhar. Feito isso, nosso intuito foi selecionar, entre os membros dessa comunidade, leitores de livros digitais que pudessem compartilhar sua experiência de leitor por meio de entrevistas individuais.

Para tanto, julgamos necessário empreender uma pesquisa exploratória, que, para Bonin (2006, p. 35), “implica um movimento de aproximação à concretude do objeto empírico (fenômeno concreto a ser investigado) buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades”. Para nós, esse movimento teve três objetivos: 1) fornecer um quadro mais amplo da temática dentro do contexto dos alunos investigados; 2) apresentar subsídios para a montagem do roteiro de entrevistas individuais (Apêndice B); e 3) servir de mecanismo de seleção dos sujeitos das referidas entrevistas.

Vale registrar que essa fase caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, mas que não pressupõe a ausência de análise. Como destacam Bauer et al. (2004), não há quantificação sem qualificação, nem análise estatística sem interpretação.

O instrumento para a coleta das informações dessa pesquisa exploratória foi a realização de um questionário com os estudantes (Apêndice A). Optamos pelo questionário *online*²⁷, criado com o auxílio do Google Docs²⁸, pacote de aplicativos do Google composto por editores de texto, de apresentações, de planilhas e de formulários.

Dividimos o questionário em três partes. A Parte 1 referiu-se a livros impressos e à prática de leitura de modo geral. A Parte 2 foi dirigida exclusivamente àqueles que se consideravam leitores de livros digitais. A última pergunta da Parte 1 era: “Você costuma ler livros digitais?”. Caso o informante respondesse “não”, era orientado a saltar a Parte 3. Essa última parte consistia em um canal de contato para aqueles que se disponibilizassem a participar das entrevistas individuais. Nesse espaço, além de e-mail e telefone, os informantes poderiam fazer comentários acerca da pesquisa. Ao todo, tínhamos 28 questões.

O questionário foi ativado a partir do dia 8 de novembro de 2011. A divulgação do *link* de acesso se deu por envio de e-mail endereçado aos professores do curso, que foram convidados a participar reenviando a mensagem aos seus alunos. Outro meio foi o cadastro de um tópico no fórum do curso no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)²⁹. Durante dez dias consecutivos, 89 estudantes responderam às questões. Nesse

²⁷ O questionário, apesar de desativado, pode ser acessado por meio do endereço: <<http://goo.gl/XCP6m>>.

²⁸ <<https://docs.google.com>>.

²⁹ O SIGAA é uma ferramenta desenvolvida pela Superintendência de Informática da UFRN que “informatiza os procedimentos da área acadêmica através dos módulos de: graduação, pós-graduação (*stricto e lato sensu*), ensino técnico, ensino médio e infantil, submissão e controle de projetos e bolsistas de pesquisa, submissão e controle de ações de extensão, submissão e controle dos projetos de ensino (monitoria e inovações), registro e relatórios da produção acadêmica

período, segundo o SIGAA, o curso de Comunicação Social da UFRN contava com 1033 alunos ativos, distribuídos nos turnos da tarde e da noite. Desse modo, nossa pesquisa abrangeu quase 9% dos estudantes. Essas respostas, junto a algumas considerações, são apresentadas a seguir.

3.1.1 Práticas de leitores do curso de Comunicação Social da UFRN

Antes de tudo, vale um registro. Como dito anteriormente, nosso questionário foi dividido em três partes. Apesar da orientação de que apenas aqueles que costumam ler de livros digitais (última questão da Parte 1) deveriam responder a Parte 2, alguns poucos avançaram e responderam as questões. Isso provocou algumas distorções (apesar de mínimas), como haver mais informantes na Parte 2 do que aqueles que considerávamos “aptos” a responder. Por isso, quando apontados os números dessa parte, optamos por apresentá-los de modo absoluto, sem percentuais. A nós, isso caracterizou uma das deficiências da aplicação do questionário *online*, pois, apesar do nosso esforço em deixar claros os procedimentos a serem seguidos, não obtivemos êxito pleno, talvez pela não copresença durante o momento das respostas, quando poderíamos atuar de modo a dirimir dúvidas dos informantes. De qualquer modo, acreditamos obter informações muito ricas, as quais serão apresentadas neste tópico.

Dos 89 informantes, 36 (40%) eram da habilitação Jornalismo. Igual número respondeu ser de Rádio e TV. Apenas 12 (13%) disseram ser de Publicidade e Propaganda. Cinco pessoas (6%) não responderam.

Foram apresentadas a esse grupo questões as quais pudessem refletir de algum modo suas práticas de leitores.

Sobre a origem dos livros impressos que leem (Gráfico 6), 45% afirmaram que são comprados, 20% que são emprestados, 18% que são requisitados na biblioteca, 13% que são fotocopiados, 2% que são presentes, 1% não respondeu. Dentre o grupo de compradores, a maioria (31%) respondeu que geralmente efetua a compra em livrarias *online*, 24% compra em livrarias físicas e 25%, em ambas (Gráfico 7). Quanto à frequência de compra, 61% disseram comprar de 1 a 3 livros impressos por ano; 24%, de 4 a 8; 6%, de 8 a 15. Apenas 3% compram mais do que 15 livros impressos e 7% não compram livros impressos.

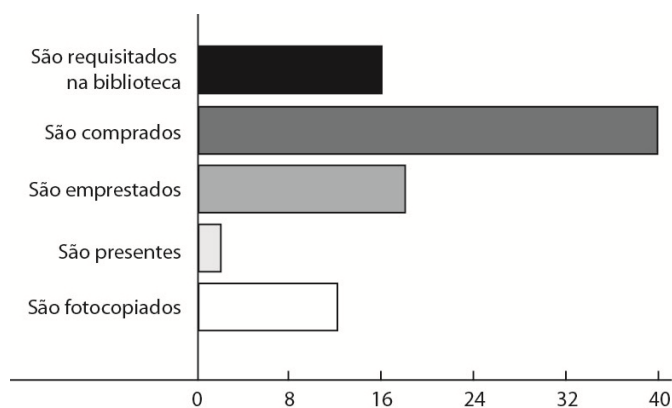


Gráfico 6 – Origem dos livros impressos, segundo entrevistados.
Elaboração: o autor.

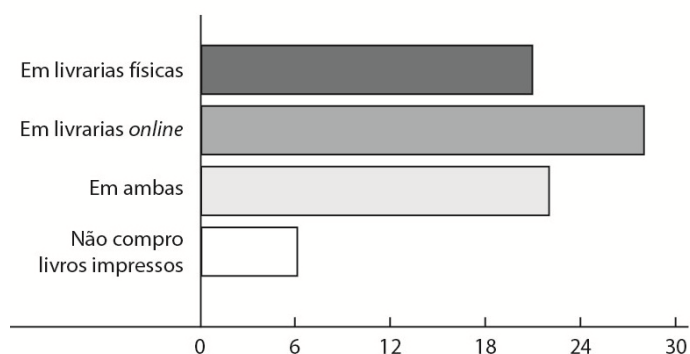


Gráfico 7 – Local onde é efetuada a compra de livros impressos, segundo entrevistados.
Elaboração: o autor.

Os modos de aquisição podem ser, acreditamos, um modo de *ritualidade*. O fato de sempre comprar livros em livrarias físicas ou virtuais constituem um hábito de leitor. Uma rotina dessa ordem condiciona a forma pela qual o leitor está acostumado a obter livros. Além das formas de acesso, outro aspecto ligado à *ritualidade* do livro é o espaço onde ele é usufruído. Como afirmou Manguel (2001), a leitura no tempo requer, obrigatoriamente, a leitura dentro de um espaço determinado. Acerca disso, 81% dos informantes responderam preferir a casa como ambiente mais adequado. Dentre eles, 70% leem na cama, 69%, deitados. Também foram citados cafés e filas como outros espaços de leitura. Um dos informantes disse: “qualquer lugar em que seja possível”. Questionamos também se, durante a prática da leitura, havia o hábito de comer ou beber. Apenas 38% afirmaram que “sim”.

Aspectos da *materialidade* do livro impresso, como marcações, anotações e organização, também foram abordados. De acordo com Manguel (2001), a leitura institui-se a partir de uma relação íntima e física entre leitor e objeto de leitura, nesse caso, o livro. Nesse sentido, nossas questões visaram identificar essas práticas na relação direta com a *materialidade*, com a presença do papel, material propício a intervenções de registros próprios do leitor. Ao serem questionados sobre os modos de marcar páginas de livros impressos, 83% afirmaram usar marcadores, 6% disseram que preferem dobrar o canto da página. As outras respostas foram: “não marco”, “decoro”, “caneta, cartão de crédito, uma folha de papel”, “qualquer coisa que não danifique o livro”, “lembro onde parei”, “com a orelha”, “decoro a página”, “marcador do próprio livro”, “com a aba do livro”. Acerca do hábito de fazer anotações ou marcações (círculos, sublinhados, marca-texto) nas margens da página impressa enquanto lê, 63% afirmaram que têm essa prática. Sobre a organização de livros impressos, a maioria (87%) disse organizá-los em estantes; 7% em caixas. Outras respostas foram: “em pilhas provisórias”, “pilhas”, “prateleiras”, “não organizo”.

Uma das perguntas que mais gerou comentários, tanto no espaço dedicado a esse fim no questionário, quanto no fórum do curso, foi aquela que questionava: *você costuma cheirar livros impressos?* Podemos classificá-la como uma prática comum, pois 69% dos informantes responderam “sim” a questão. As justificativas para isso foram as mais variadas. A seguir, algumas delas.³⁰

“O livro impresso geralmente tem um cheiro agradável, independente de sua ‘idade’” (Informante 6).

“Gosto do cheiro de livro conservado. Isso só com os meus livros” (Informante 7).

“Apenas os novos que costumo comprar em livrarias. Cada livro tem um cheiro (acho que por conta do tipo de papel e da tinta) que o difere e acaba compondo o momento da leitura” (Informante 9).

“Acho muito bom o cheiro de livro novo, me traz uma sensação ótima, de prazer. Não costumo cheirar livros usados ou comprados em sebo porque não tem o mesmo cheiro e às vezes são muito velhos, com mofo” (Informante 12).

³⁰ Os informantes receberam números conforme a linha que ocupavam na planilha de respostas produzida pelo Google Docs.

“Porque faz parte do sentido. Eu consigo identificar o livro ou a editora pelo cheiro. A primeira coisa que faço quando pego um material impresso (*flyer, folder*, livro novo ou velho, revistas) é cheirar para criar uma identificação. Então, quando penso num livro que li há 3 anos sempre me lembro do cheiro que ele tinha e se por acaso me deparar com o mesmo cheiro depois, me lembro do livro que li e da história que havia nele” (Informante 17).

“Além de cheirar, sentir a textura e o acabamento do livro. Traz um prazer de ter o material, que representa o conhecimento e a estética das palavras na sua forma ‘física’” (Informante 21).

“Não acredito que tenha uma resposta razoável para isso. Mas o cheiro do livro – especialmente se for novo –, me traz uma sensação de equilíbrio, harmonia, prazer. Além de que me lembram a infância, quando os livros didáticos chegavam em casa, como um prenúncio para o ano letivo que iniciava (e que eu iria rever meus amigos)” (Informante 25).

“Por causa do cheiro característico dele, que só livro tem, sendo novo ou não, de preferência novo” (Informante 28).

“Porque eu gosto de sentir o cheiro dos diferentes tipos de papéis. Mas não só isso. Gosto de ver o trabalho de edição, capa, orelha, ilustrações, textura” (Informante 33).

“Acho bom aquele cheiro de papel, novo ou velho. É muito convidativo, parece que nos chama pra fazer parte daquele mundo de palavras. Poder pegar num livro, e até mesmo cheirá-lo, faz parte do processo de leitura pra mim” (Informante 34).

“Porque o cheiro me agrada, às vezes me traz lembranças do tempo de escola” (Informante 40).

“Porque o livro novo tem um cheiro muito bom de renovação, talvez representando os novos conhecimentos que o conteúdo trará” (Informante 47).

“Cheiro de livro novo é bom! Traz a sensação de uma nova aquisição própria” (Informante 52).

“É cheiro de conhecimento” (Informante 73).

“O cheiro do ‘livro novo’ aumenta meu prazer na hora de ler” (Informante 76).

“Não sei. É algo involuntário que me dá extremo prazer” (Informante 83).

“O cheiro dos livros me fascina: se são novos, fico enamorada pelo aroma de livro fresco; se são velhos, o odor me faz pensar na história daquele tomo: de onde veio, quantas mãos o tocaram...” (Informante 84).

Por meio das respostas apresentadas, percebe-se que a prática de cheirar livros, própria do suporte impresso, é carregada de sentimentos do leitor. Prazeres que são estimulados, lembranças que são invocadas, significados que são postos sobre o livro. É o sentido do olfato repercutindo novos e surpreendentes sentidos. Destaque para o cheiro do novo, em detrimento do velho. Aqui podemos tensionar essa prática com a forma de apresentação do livro digital. Este é sem cheiro, e, portanto, carente de memórias a partir do olfato. A propriedade do cheiro está implicada na existência da *materialidade* e sua prática relacionada a livros vem justificar a constituição dessa dimensão.

Nesse estágio, já podemos desenhar, por meio das respostas obtidas, um leitor de livros impressos *comum* dentro o grupo pesquisado. Esse leitor tem o hábito de comprar livros e o faz em livrarias *online*, adquirindo de 1 a 3 por ano. Prefere ler em casa, na cama, deitado. Usa marcadores quando interrompe sua leitura. Ele também costuma fazer anotações ou marcações nas páginas (círculos, sublinhados, marca-texto). Nosso leitor *comum* organiza seus livros em estantes e tem o curioso hábito de cheirá-los.

Não deixa de nos chamar atenção o limitado número de livros lidos pelos estudantes. Se nossas informações forem comparadas à pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), apresentada na Introdução desta dissertação, que aponta que os universitários brasileiros leem de 1 a 4 livros por ano, vemos que estamos abaixo desse patamar. Informação preocupante se considerarmos que se trata de do curso de Comunicação Social, que requer dos seus componentes, em todas suas habilitações, um mínimo de preparo intelectual necessário ao exercício satisfatório da profissão.

Adiante, a última questão da primeira parte do questionário indagava: *Você costuma ler livros digitais?* Aqui tivemos um grupo dividido, pois 53% (47 informantes) afirmaram que “não”, enquanto os demais (47%, 42 informantes) disseram que “sim”. Àqueles que responderam “não”, foi perguntando o motivo. Recorrentemente, a *ritualidade* do livro é citada. Os informantes referem-se a espaços e posição de leitura incômodos. A leitura no computador devido à ausência de dispositivos apropriados é indicada como o principal motivo. A *materialidade* do livro também aparece. Nessa perspectiva, o livro digital é visto pelos informantes como objeto inodoro, sem vida, sem emoção, pasteurizado. Com o livro de papel a experiência do tato parece algo rico, mais carregado de significado. Simbolicamente, o livro impresso aparece ligado à sensação de prazer e de liberdade (mobilidade), enquanto o livro digital, materializado em um suporte tecnológico, representa insegurança quanto a furtos e roubos.

A seguir, algumas das respostas.

“Tentei ler uma certa vez, mas é muito desconfortável ficar sentada em frente ao computador, pois não possuo *tablet*, Kindle ou qualquer meio digital pequeno, portátil e confortável para ler” (Informante 12).

“Dificuldade de concentração durante a leitura, preferência por ler livros onde estiver, e não necessariamente diante de um computador (já que não tenho leitor de livros digitais)” (Informante 15).

“Embora seja mais prático e leia artigos científicos na tela do computador (inclusive com a possibilidade de marcar frases) não consigo me libertar da experiência tátil do papel, de poder dobrar as páginas, manusear e, principalmente, não consigo me liberar da necessidade de cheirar o livro/papel. A tela do computador tem um cheiro só, não importa qual título eu leia. Sendo assim não consigo atribuir uma identificação (sentido ou significado) aos livros digitais. Todos possuem cheiro de tela de PC e não seu cheiro singular, nem as dobras singulares etc. Ler um livro impresso às vezes é obrigação, necessidade, mas muitas vezes é prazer. Um livro digital pra mim nunca é prazer, se eu precisar ler será apenas por necessidade/obrigação e pela falta de oportunidade de ter o livro impresso na hora que necessito. E mesmo assim, o mais comum é ler artigos

científicos ou contos literários, não costumo passar de 10 ou 15 páginas digitais de leitura” (Informante 17).

“Desconfortável. Só leio quando não há alternativa” (Informante 18).

“As plataformas digitais que uso para ler são desconfortáveis” (Informante 25).

“Cansa facilmente a vista devido à luz emitida. Além do mais, o computador é uma máquina multifuncional e, por causa dessa característica, pode desconcentrar devido à tentação de olhar outras coisas, tais como mídias sociais” (Informante 27).

“Porque é pouco prático. Não tenho Ipad, Kindle, essas coisas. Ainda que tivesse, não teria coragem de andar com isso fora de casa, porque teria medo de ser roubada (ando muito de ônibus e a pé). O livro em papel (quase) ninguém vai querer me roubar, quanto mais apontar uma arma na minha cabeça por causa dele, e eu carrego para onde quiser, até para a piscina (sim, eu já fiz isso). E tem o fato do produto livro (todo o trabalho de edição, que é muito prazeroso de se ter em mãos, independente do tamanho e do formato). O mesmo não vale para um livro digital, que precisa obedecer ao formato padrão (da tela), para não aborrecer o leitor, que teria que diminuir e aumentar a resolução ao longo da leitura. O único dispositivo que tenho para ler é o notebook, mas não acho confortável e cansa muito a vista, fora o fato de ter que estar conectado a um cabo de energia” (Informante 33).

“Acho incômodo, por várias razões. Não tem páginas palpáveis, nem cheiro, dói nos olhos, e não se pode tê-los para a posteridade. Onde ficaria o valor sentimental atribuído aos livros?” (Informante 34).

“Ainda não adquiri este hábito. Desconheço até como proceder para adquirir tal publicação” (Informante 35).

“Incomoda, pois temos de ficar sempre em uma mesma posição, além da tela cansar a vista” (Informante 50). “Hábito e acho que a leitura em livros digitais é mais cansativa, além da mobilidade ainda não ser algo tão bem estruturado” (Informante 51).

“Não sou muito adepta à leitura digital, gosto de sentir o papel em minhas mãos, tocar e cheirar. Em minha opinião, ler livro digital é uma experiência fria, impessoal, que exclui o prazer do tato e de outros sentidos” (Informante 67).

“Eu não tenho um Kindle, ler no computador é muito ruim, a luz não foi feita pra isso” (Informante 73).

“[...] não gosto de ler nada com mais de 15 páginas na tela do computador. Cansa minha vista, mas pretendo comprar um suporte para livros digitais, dizem que tem um ‘descanso’” (Informante 76).

“Cansa muito a vista. Não prende tanto a atenção quanto o impresso” (Informante 81).

“Ainda não assimilei bem esse processo, mas creio que isso ocorrerá em breve” (Informante 83).

“Não consigo me concentrar na leitura sabendo que existem tantas outras coisas para ver (facebook, twitter, e-mail etc.)” (Informante 85).

“[...] geralmente leio enquanto espero em filas, então não tenho como ler um digital, pois não tenho *tablet*” (Informante 86).

“[...] não gosto de passar muito tempo na frente do computador e gosto da liberdade que o livro impresso nos dá de poder ler em qualquer lugar da casa e levá-lo para onde eu for” (Informante 88).

Ressaltamos que a maioria dessas respostas refere-se ao computador (desktop, notebook ou netbook) como dispositivo de leitura. Os informantes também parecem conscientes de que o computador, independente do modelo, não está entre os equipamentos mais adequados. Isso pode justificar as respostas, já que esses dispositivos não foram criados com a função exclusiva de leitura, apresentando-se como um empecilho à mobilidade, no caso do desktop, ou agravante no desgaste da vista, prejudicada pela emissão de luz dos monitores de todos os computadores. Essas máquinas ainda convergem inúmeras outras funções, incluindo a possibilidade de acesso à internet, o que também pode contribuir para a dificuldade de concentração na leitura, já que os sentidos do leitor não estarão voltados

exclusivamente ao texto, mas também às opções de comunicação da rede. Além disso, destaca-se o valor sentimental atribuído à relação tátil com o papel. Essa parece ser a experiência diretamente relacionada à leitura e sobre a qual alguns informantes estabeleceram sólidos vínculos.

Quanto aos que se declararam leitores de livros digitais, nos chamou a atenção o fato de que a maioria, quando perguntados sobre se há diferença ou não entre na leitura de livros impressos e digitais, responderam que “sim” (40). Dentre eles, 27 apresentaram justificativas as quais, na verdade, valorizavam o impresso em detrimento do digital, o que nos pareceu que, para esses sujeitos, a leitura em meio digital é mais uma *necessidade* do que uma *opção*. Desconforto, cansaço e dispersão são apontados como desvantagens do meio digital. Para o livro impresso são indicados elementos que dizem respeito à *materialidade*, como a mobilidade e a possibilidade de marcações. Destacamos o informante 57 que se refere à questão da *identidade* do livro impresso. Identidade que parece estar calçada sobre o papel. Em termos de *simbologia*, pudemos ver atreladas ao impresso as expressões “emoção” e “magia” (Informantes 62 e 79, respectivamente).

A seguir, algumas dessas respostas.

“Para mim é mais prazeroso ler um livro impresso. Sinto-me desconfortável com relação à postura e à visão quando leio livros digitais” (Informante 6).

“Como leio em notebook, a leitura ainda é meio desconfortável e preciso estar muito concentrada. De modo geral, demoro mais para lê-los nesse formato em relação ao impresso” (Informante 9).

“Há mais dificuldade pra ler, a vista fica mais cansada. E como eu não tenho notebook, não posso ler em qualquer lugar” (Informante 10).

“Acredito que a leitura em livros impressos é mais intensa e profunda, pois os livros digitais me dispersam mais” (Informante 22).

“A experiência de ler um livro impresso, de pegar, folhear e até cheirar, são experiências únicas. Não consigo me adaptar a essa forma a leitura digital. Fora que acho totalmente desconfortável a leitura em monitor e afins” (Informante 23).

“[...] é muito melhor ler um livro impresso, pois você pode pegá-lo a hora que quiser, sem ter que ligar o computador etc.” (Informante 24).

“Os livros digitais não permitem marcações nem observações e cansam a visão mais rapidamente. Além de facilitar a dispersão do leitor” (Informante 29).

“Os livros impressos são mais confortáveis de se ler. A visão agradece” (Informante 31).

“Com os livros digitais nossos olhos começam a doer com maior intensidade devido à claridade da tela do computador” (Informante 32).

“O livro impresso é mais agradável, costumo me distrair de forma fácil quando estou lendo no computador” (Informante 41).

“Sim, acho que o foco na leitura enquanto se lê um livro digital é menor” (Informante 42).

“Basicamente utilizo livros digitais para pesquisas acadêmicas, para buscar citações e informações específicas. Não costumo ler livros digitais inteiros, apenas fazer rápidas pesquisas” (Informante 45).

“Na leitura de livros digitais não tem como marcar trechos de forma tão simples como apenas grifar um linha num livro impresso” (Informante 49).

“Nada se compara a segurar um livro nas mãos e lê-lo. Torna a experiência mais pessoal” (Informante 56).

“O impresso tem a questão de identidade” (Informante 57).

“[...] no papel não tem a luz q o pc emite! O que leva a cansar a vista mais rapidamente! Diferente de um livro em papel que podemos ler por muito mais tempo...” (Informante 60).

“[...] na minha opinião, há diferenças no quesito ‘emoção’. É completamente diferente ter um livro em mãos, senti-lo, folheá-lo para frente, para trás, e ter uma cópia virtual tira todo esse sentimento em relação à leitura. Essa comparação é a mesma coisa que querer comparar música em formato MP3 e um vinil. É muito mais emocionante ter o vinil em mãos, o sentimento é diferente, até a música se torna diferente, mais especial” (Informante 62).

“A leitura é mais cansativa quando feita pelo computador. Há mais dispersão também” (Informante 64).

“Livro digital é menos prático, o livro impresso a gente pode levar para qualquer lugar e ler em qualquer posição” (Informante 65).

“[...] o livro impresso carrega toda uma ‘magia’, além ter uma melhor leitura, pois não é necessário forçar tanto a visão” (Informante 79).

Parte desses argumentos justifica-se pelo fato de que a maioria absoluta afirma ter os computadores (desktop, notebook ou netbook) como meio de leitura pelo qual costuma ler livros digitais. Nenhum informante afirmou fazer uso de qualquer tipo de leitor eletrônico dedicado³¹ (Kindle, Sony Reader, Alfa Positivo etc.). Apenas 1 disse usar celulares/*smartphones*. E mais 1, usar *tablet*. Como exposto no capítulo 2, os leitores eletrônicos modernos possuem tecnologia que fazem com que suas telas não emitam luz, que cansa a vista, além de possuírem grande mobilidade e capacidade de memória.

Entre os leitores de livros digitais, 28 responderam ler de 1 a 3 livros digitais por ano; 13, de 4 a 8; 2, de 1 a 15; e apenas 3 leem mais de 15. Sobre a origem dos livros digitais, quase 100% afirmaram que são baixados gratuitamente. Apenas 2 disseram que são arquivos cedidos por amigos. Ninguém afirmou comprar livros digitais. Quando perguntados se costumam acessar livrarias virtuais, 21 responderam que sim, 24, que não. Tomando como base a informação de que os livros lidos por esses leitores são baixados sem custos, inferimos que o acesso a livrarias *online* se dá para a compra de livros exclusivamente impressos.

Um grupo de 30 leitores afirmou ler livros de qualquer tamanho de texto, enquanto 15 responderam que não. Isso justifica o fato de que a maioria (28) não tem o hábito de imprimir livros digitais que considera extensos demais para a leitura na tela, enquanto 17 informantes admitiram ter essa prática.

Quanto à organização, 29 afirmaram não ter uma biblioteca organizada de livros digitais, enquanto 16 responderam que sim. Não foi questionado o tipo de organização aplicado, mas dispositivos informáticos permitem a estruturação de arquivos em pastas, a qual pode obedecer a lógicas diversas como, por exemplo, assunto, autor, editora, ano de publicação etc.

Dentre os objetivos com a leitura de livros digitais, 28 responderam a “realização de trabalhos acadêmicos, obtenção de informações”, já 12 optaram pela alternativa

³¹ Sobre leitores eletrônicos dedicados, ver Capítulo 2, página 69.

“entretenimento, prazer e fruição”. Entretanto, a maioria (49) marcou a opção “outros”. Infelizmente, poucos chegaram a preencher o campo destinado a citar qual seria esse outro objetivo. As respostas foram: “os dois itens em igual quantidade”, “os dois acima”, “prazer e trabalho”, “aquisição de saber”.

Sobre a principal vantagem na leitura em suportes digitais, apresentamos na Tabela 1 os números obtidos.

Vantagem	Nº de informantes
Memória (poder armazenar inúmeros títulos num mesmo suporte)	13
Mobilidade (facilidade no transporte de títulos)	9
Mecanismos de busca textual	22
Outro	45

Tabela 1 – Principal vantagem da leitura em suportes digitais, segundo entrevistados.
Elaboração: o autor.

Como na questão anterior, poucos preencheram o campo “outros”. As respostas resumem-se a: “acesso a muitos livros de uma vez, e por vezes sem custo nenhum!”, “muitos títulos podemos baixar gratuitamente”. O segundo item mais citado, mecanismos de buscas textuais, é uma eficiente ferramenta àqueles que precisam buscar informações precisas em textos de grande extensão. Muito útil, por exemplo, para estudantes que necessitam fazer citações e desejam procurar o trecho que lhe mais lhe interessa.

Quanto às perspectivas para o livro, perguntamos se acreditavam que no futuro só haverá livros/textos digitais. A maior parte, 37 informantes, acredita que não. Nove disseram que “sim, a longo prazo”. Ninguém afirmou que “sim, a curto prazo”. Com vistas a identificar os possíveis obstáculos para a leitura em meios digitais, seja a curto ou a longo prazo, apresentamos algumas alternativas, as quais estão elencadas na Tabela 2. Mais uma vez, a opção “outros” foi a mais defendida, entretanto, continuamos sem a descrição.

Obstáculo	Nº de informantes
O desgaste da vista, nos casos de leitura em telas que emitem luz	26
A falta de mobilidade, nos casos da leitura em computadores de mesa	8
O preço dos leitores eletrônicos e/ou <i>tablets</i>	5
A limitação de oferta de títulos em português	0
A dificuldade de concentração, nos casos de uso de dispositivos com outras funções além da leitura como <i>tablets</i> ou celulares	5
Outro	45

Tabela 2 – Principal obstáculo para a leitura em suportes digitais, segundo entrevistados.
Elaboração: o autor.

Por fim, buscamos classificar, considerando as atuais condições de leitura do informante, o nível de satisfação na experiência com livros digitais. A maioria (28), considerou sua experiência “parcialmente satisfatória”, 10 afirmaram ser “satisfatória” e 8 disseram que a consideram “insatisfatória”. Essa classificação é realizada, evidentemente, de modo muito subjetivo. Muitos elementos e a postura dos informantes diante deles compõem a resposta. Acesso aos textos, máquinas (in)apropriadas, experiência (des)confortáveis, apego ao suporte impresso são alguns desses elementos.

Mais uma vez, propomos um delineamento de um leitor *comum*, este, agora, leitor de livros digitais. Estamos falando de um estudante que lê de 1 a 3 livros digitais por ano, os quais são baixados gratuitamente. Ele lê livros digitais de qualquer tamanho de texto, não tendo, pois, o hábito de imprimir aqueles que considera extensos demais. Esse leitor não tem uma biblioteca digital organizada. Ele também não acredita que no futuro existirão apenas livros/textos digitais. Quanto à satisfação da sua experiência de leitor de livros digitais, ele afirma ser parcialmente satisfatória.

O que temos são leitores que leem poucos livros digitais e que não estão dispostos a pagar por eles. Pensamos que a pouca leitura pode estar atrelada a escassa oferta de livros digitais em língua portuguesa, fato que vem mudando de forma crescente. Livrarias como Cultura e Saraiva, habituadas a vendas de livros impressos, estão cada vez mais dedicadas a se apropriarem dessa parcela do mercado. Contudo, parece que os leitores ainda não se sentiram motivados a adquiri-los. Como se percebe, e iremos corroborar na fase das entrevistas, um dos objetivos mais citados entre esses leitores é a leitura de textos acadêmicos. Em se tratando desse gênero, atualmente é comum a disponibilização de anais de congresso em páginas da internet. Além disso, é crescente o número de periódicos científicos que surgem ou migram para o meio digital com a justificativa de ampliar o alcance do seu conteúdo. Tudo isso contribui para o acesso facilitado de estudantes e pesquisadores a textos digitais.

Apesar de ricas as informações oferecidas nesta fase exploratória, acreditamos que algumas particularidades podem ainda ser aprofundadas para que possamos conhecer em maior grau a práticas de leitores que nos dispusemos a pesquisar. Por isso, optamos pela realização de entrevistas individuais.

3.2 Entrevistas

Nessa nova fase, nossa abordagem, como explicitada na Introdução, está voltada para o que denominamos *narrativa de vida midiática sobre o livro*, a partir da qual tentaremos elaborar

nossa própria narrativa. Tomamos as palavras de Lacerda (2008), para que, assim como ele, possamos definir claramente nossa proposta e assim distanciá-la de qualquer outra correlação.

Não se tratou de uma proposta metodológica de *história de vida* como concebida *stricto sensu* e consolidada na etnografia, mas como método inspirador e autorreflexivo para se pensar e apropriar-se do processo de entrevista em profundidade, uma vez que não se trata de pesquisa-ação ou participante de longo prazo [...] (LACERDA, 2008, p. 214).

Nosso exercício será o de entrelaçar falas, não no sentido de produzir novos sentidos, mas na forma de poder expressá-los. Antes de tudo, será preciso selecionar esses sujeitos, missão para a qual nossa pesquisa exploratória foi de importância fundamental.

3.2.1 Sujeitos

Conforme afirmamos no início deste capítulo, a pesquisa exploratória tinha, entre outros objetivos, o de servir de instrumento para escolha dos sujeitos participantes das entrevistas individuais. A última parte do questionário era um campo no qual os interessados podiam deixar seus contatos (e-mail ou telefone) a partir dos quais, oportunamente, seriam convidados para a próxima fase.

Para a escolha deles, tomamos a autoclassificação da experiência de leitura de livros digitais como um diferenciador. Em se tratando de uma investigação sobre práticas relacionadas a livros digitais, nos pareceu interessante conhecer os sujeitos que distintamente se apropriavam dessa vivência. Como já apresentado, a maioria deles a viu como “parcialmente satisfatória”, em seguida estavam aqueles que a consideravam “satisfatória” e por último os que a entendiam como “insatisfatória”. Desse modo, proporcionalmente, decidimos convidar 3 sujeitos do primeiro caso, 2 do segundo e 1 do terceiro, totalizando 6 entrevistados. Pusemo-nos conscientes de que, caso o número proposto não atendesse as necessidades da nossa investigação, deveríamos ampliar esse número, porém, essa ação não foi necessária.

Tomada essa decisão, nossas escolhas estariam dirigidas aos sujeitos dentre os quais estavam sob a classificação buscada. Em primeiro lugar, obviamente, estariam aqueles que deixaram seus contatos. Em segundo lugar, estariam aqueles cujas respostas subjetivas do questionário eram mais ricas. Apesar de não termos a garantia de que essa capacidade de expressão pudesse ser reproduzida também na oralidade, esse indício nos pareceu um critério

de seleção apropriado. Nesse momento de escolhas de sujeitos, não pudemos deixar de lamentar o fato de que alguns daqueles que deixaram “boas respostas”, não se sentiram interessados em participar das entrevistas. Contudo, acreditamos formar um grupo capaz que nos fornecer informações relevantes sobre as vivências dos nossos sujeitos.

Foram 190 minutos e 31 segundos de entrevistas, que aconteceram entre os dias 29 de novembro e 5 de dezembro de 2011. Os áudios foram gravados e transcritos. A partir daí, colorimos, literalmente, as falas impressas. As cores com as quais pintávamos os textos indicavam cada uma delas uma das dimensões propostas no Capítulo 1. O azul referia-se à *ritualidade*; o vermelho, à *materialidade*; o verde, *simbologia*; e o amarelo, *forma*. Desde o princípio nossa proposta foi discutir esses eixos. Porém, evidentemente, as conversas encontraram outros tangenciamentos. Nas esquinas da memória, fatos e imaginação deram as mãos e formaram uma narrativa própria, única e inolvidável. Às nossas cores se juntaram outras, em diversos matizes. Esse quadro, tentamos representar aqui. Para isso, apresentamos Lygia, Cecília, Aluísio, Jorge, Clarice e Rachel.³²

Lygia

Lygia Fagundes Telles tem 21 anos e cursa 6º período de Jornalismo. Na sua relação com os livros, sua lembrança mais querida é a do seu pai lendo *O menino maluquinho* para ela. Recordase com ternura dos macaquinhos que existiam na trama. Bichinhos guardados num sótão, mas que tinham os poderes de abraçar o mundo. Lembra-se do quanto ria dos macaquinhos. Seu pai, brincalhão, acusava-lhe de também esconder macaquinhos no sótão. Desde que se entende por gente, Lygia se lembra dos seus pais lendo para ela e seu irmão, que tinha mais ou menos a mesma idade. Leitora voraz, já aos 13, afirma que leu coisas que nem deveria ter lido. Leu *O processo*, de Kafka. Leu também *A revolução dos bichos*, de George Orwell. “Eram os livros que tinham em casa. E também o poder aquisitivo dos meus pais diminuiu nessa fase, estavam numa situação financeira ruim, então eu já não tinha esse negócio de adquirir livros”, justifica. Lygia lembra-se saudosa de uma coleção da qual não se recorda o nome. Uma coleção que adaptava clássicos para a linguagem infantojuvenil. De imediato, lembra-se de *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Hoje, universitária, se vê as voltas com as leituras acadêmicas. Para tanto, utiliza formas digitais de leitura como ferramentas aliadas.

³² De modo a preservar a identidade dos nossos sujeitos, lhe oferecemos pseudônimos, os quais homenageiam renomados escritores da literatura brasileira.

Cecília

Cecília Meireles tem 24 anos e está 7º período de Jornalismo. Seus primeiros contatos com livros foram com os de Monteiro Lobato. Seu pai, jornalista, sempre incentivou a leitura dela e dos seus irmãos. Seus livros, inclusive os da Universidade, ela nunca precisou comprar, pois, além de contar com seu pai para adquiri-los, tinha acesso ainda a sua vasta biblioteca. “Ele comprava os livros de Monteiro Lobato e deixava lá para gente ler e eu adorava aquilo”, lembra-se com entusiasmo. Cecília revela que era uma criança introspectiva. Por meio dos livros, portanto, conseguia viajar para outros mundos. “Cada livro que eu ganhava era aquela sensação: ‘vou para outro lugar agora’”. Recordar-se que, quando tinha 12 ou 13 anos, começou a ler *Anna Karenine*, de Leon Tolstói, um livro, segundo ela, pesado, cansativo, dois volumes, mas que por algum motivo lhe chamou atenção. Com a vida marcada por livros, guarda até hoje uma coleção de clássicos infantis com a qual seu pai lhe presenteou. Lembra-se de que seu pai comprou a coleção completa toda de uma vez, fato que a empolgou bastante. Hoje, vê o mesmo acontecer com sua sobrinha, de seis anos, quando ela ganha livros e também se entusiasma. “Eu me vejo nela”, reflete.

Alúcio

Alúcio Azevedo tem 26 anos. Formado em Jornalismo, está desnivelado em Rádio e TV. Nasceu numa família de professores universitários. Ela de Psicologia. Ele de Engenharia. Alúcio é o caçula de quatro filhos. Na sua casa tinha um escritório repleto de prateleiras preenchidas com “tudo que era coisa”. Os primeiros livros que recebeu eram do mundo animal. Neles, gostava mais das figuras do que próprio texto. Sempre motivado pela curiosidade, era fascinado pelos livros de ciências, de geografia do mundo, daqueles que traziam o globo dividido ao meio. Era como se os olhos lançados sobre o papel pudessem adentrá-lo e permitir sua passagem ao mundo mágico das aventuras. E por falar em aventuras, Alúcio lembra-se muito bem das histórias em quadrinhos. Algumas delas seu pai assinava. Recordar-se de que recebia “bolões” de revistas e de que, por isso mesmo, era difícil de acompanhar. Porém, sempre tinha sua atenção voltada para aquelas que achava mais interessantes. Apaixonado pelo livro impresso, hoje também aderiu às leituras em meio digital para a busca de informações.

Jorge

Jorge Amado tem 21 anos e está no 7º período de Jornalismo. Quando criança, ao assistir TV, ouvia do seu avô: “menino, vá ler um livro, vá ler um livro”. E foi. Lembra-se dos

muitos livros que havia na biblioteca dele. Como lembrança mais marcante da leitura na infância, Jorge recorda-se de que com dez ou onze anos começou a ler a saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling. Na escola, os colegas também se tornaram leitores das histórias do menino mago e assim passaram a discutir entre si o que liam em casa. Também por influência do avô, Jorge passou a ler poesias. Já adolescente, começou a ler outras coisas: economia, administração, filosofia e história. Outros livros mais juvenis, menos infantis. Atualmente, é um leitor assíduo de blogues. Apesar da afinidade com plataformas digitais, Jorge não é usuário de redes sociais. “Orkut praticamente ninguém usa, não serve mais para nada. Facebook eu também não tenho saco e twitter também não. Só e-mail”. Mais que simples leitura, Jorge se utiliza da facilidade de manipulação de textos digitais para a sua própria produção acadêmica. Buscar, copiar e colar poderiam resumir suas práticas com livros digitais. O seu prazer está no impresso.

Clarice

Clarice Lispector tem 22 anos e cursa o 9º período de Rádio e TV. Quando criança, antes mesmo que aprendesse a ler, seu pai já assinava a revistinha da Turma de Mônica, publicação que viria marcar os tempos da infância. No começo, olhava as figuras. Quando aprendeu a ler, foi lendo as velhas, depois as novas, lia tudo. “Era um vício mesmo”. Clarice morava em Santa Cruz, interior do Rio Grande do Norte, enquanto seu pai estava na capital, Natal. Toda semana ele levava para ela e sua irmã livrinhos com histórias bem ilustradas. Ele não levava vários de uma vez, pois, se assim fosse, as filhas liam tudo e ficavam pedindo mais. Clarice se recorda da Biblioteca Pública de Santa Cruz. Era um lugar aonde ela ia todas as manhãs sem precisar o motivo. Gostava de juntar vários livros ao seu redor e passava as manhãs folheando, observando as figuras. Mas não gostava de livros velhos. Esses ela excluía de cara. Preferia os livros novos, com cheiro de papel novinho. Em casa, tinha um hábito curioso: guardava seus livros (e também aqueles que não eram seus), em ordem alfabética, em uma estante no seu quarto. “Mas tinha época que bagunçava”, confessa.

Rachel

Rachel de Queiroz tem 27 anos e está no 9º período de Jornalismo. Sua mãe sempre deu muito valor à leitura. Cotidianamente, lia para as filhas. Por causa disso, Rachel tornou-se uma grande leitora. “Desde antes de eu ler eu já lia [...]. Eu fingia que lia livros, eu fingia que lia revistinhas”. Desde sempre, o livro fez parte da sua vida. Gostava de histórias de crianças, contos de fada, principalmente. Lembra também de Pedro Bandeira e Monteiro Lobato. Com

esse último aprendeu a língua do pê, quando tinha 8 ou 9 anos. Recordar-se muito de uma coleção em que a apresentadora Xuxa recontava clássicos infantis. Rachel, como toda criança, também gostava de repetir. Nesse caso, repetir histórias. De novo. De novo. E sua mãe sempre repetia. Aliás, mais que uma mera contadora de histórias, a mãe Rachel se empenhava em fazer da leitura uma atividade lúdica. No dia a dia, o livro estava sempre presente, não como uma obrigação, mas como mais um divertimento de criança. “Para gente, é como se o livro fosse um brinquedo também”.

Apresentados os nossos sujeitos, é chegada agora expormos suas falas. A formatação das entrevistas, apresentadas em trechos a seguir, mostrou-se como um grande desafio intelectual. Distintamente da perspectiva estatística da fase exploratória, tínhamos um grande volume de informações, não sistematizadas, muitas delas não apropriadas ao objeto deste trabalho. Concordamos com Bauer et al. (2004, p. 27) quando define que a pesquisa qualitativa é um “pesadelo didático”, pois os pesquisadores qualitativos encontram pouca clareza nos livros que sugerem procedimentos. Desse modo, acreditamos, a organização das informações carecem de modelos para sua estruturação. Guiados por esse obstáculo a ser superado, resolvemos apresentar as falas dos sujeitos, contextualizadas pela nossa análise à luz dos diferentes autores a partir dos quais concretizamos nossa proposta inicial. Um caminho que acreditamos possa ser esclarecedor.

A princípio, havíamos pensado em distinguir as práticas identificadas nos diálogos pelo painel das dimensões que sugerimos (*ritualidade, simbologia, materialidade e forma*). Entretanto, preferimos compor um todo mais complexo, já que essas práticas não se distribuem de forma compartimentalizada como pode parecer. Além disso, outras posturas diante do livro, nos formatos impresso e digital, nos chamaram atenção e, por causa disso, não pudemos deixar de explorá-las. Desse modo, iniciamos o passeio pelas lembranças dos nossos sujeitos relacionadas a livros. Essas formas de contato, seja com o impresso, seja com o digital, irão se alternar a fim de que possamos oferecer perspectivas diferentes de uma mesma ação. Começamos nossa tarefa.

3.2.2 Diálogos e interpretações

O livro, como tudo que existe, significa. No passado ou no presente, nossos sujeitos puderam expressar o que livro impresso representa. Para cada um deles, a memória foi

responsável por registrar aquilo que primeiro lhe remete o livro: os sentidos, os sentimentos, as ocasiões, os momentos com a família ou mesmo sozinho. A *simbologia*³³ do livro, segundo nosso entendimento, diz respeito àquilo que somos remetidos no momento do contato com o objeto. No caso de uma abordagem sobre a *narrativa de vida midiática sobre o livro*, se dá pelas lembranças acionadas pela presença do livro. Além disso, constitui *simbologia*, o imaginário formado mediante conformações mediadas (família, igreja, escola etc.) e midiáticas (filmes, fotografias, novelas, peças de teatro, outros livros etc.).

Lygia não tem muita certeza do que contar sobre isso, mas chama atenção para o que para ela significa a *materialidade* do livro.

Lygia: Não sei definir exatamente. Mas aquele negócio de você ter o livro na mão, poder folhear o livro, poder sentir o livro, poder sentir o cheiro do livro. É uma relação de envolvimento mesmo. É mais que uma experiência só de leitura, sabe? É quase sinestésico [...].

Ela ainda ressalta um elemento importante: o significado do objeto por si só. No Capítulo 1, ilustramos a *simbologia* a partir do fato da sua utilização como recurso cenográfico de TV que procura remeter ao sentido da intelectualidade. Lygia vem contribuir com um novo exemplo. A partir dele, podemos também depreender uma *simbologia* da posição atribuída a um “leitor” numa sociedade em que se propaga que cada vez mais as pessoas leem menos. Isso parece estar relacionado com a construção de um *status* ou de uma representação identitária pelo símbolo de leitor.

Lygia: É aquele negócio de muita gente andar com livro de baixo do braço. Existe muito isso das pessoas pegarem o livro e andarem até com o título virado, assim, querendo mostrar mesmo que está lendo. Isso passa realmente credibilidade. [...]. Representa algo, significa algo. Mesmo quando você veste uma camiseta com nome de banda como eu estou usando [*The Beatles*], a mesma coisa se eu estivesse com um livro grande andando com ele por aí debaixo do braço, representa “ah, eu sou uma leitora”, “eu tenho conhecimento a respeito de determinado assunto”, ou passa um ar mais intelectual, ou passa uma coisa “ah, eu leio”.

Se nesse caso estivéssemos tratando de livros digitais, nos remeteríamos a Mello Júnior (2004), quando sugere uma proposta de articulação entre identidade e consumo de publicações digitais. Aqui, acreditamos, ocorre um deslocamento, pois a *simbologia* não estaria

³³ Debray (1993); Manguel (2001).

sobre o livro, mas sobre o instrumento de leitura, o suporte tecnológico, cuja posse parece definir a posição de usuário enquanto consumidor capaz de adquiri-lo.

De volta ao livro impresso, é notório que, para muitos leitores, o papel tem um caráter afetivo. Significa um sentimento de pertencimento. Rachel define o apego que sente pelos seus livros enquanto objetos:

Rachel: E como se cada livro meu fosse uma parte da minha história. Eu não consigo me desfazer nem me desapegar dos meus livros. Eu doei os livros da minha infância porque minha mãe pediu: “ah, vocês não estão mais usando, outras crianças vão usar, vamos dar a chance para eles”. Eu sou muito apegada aos meus livros. [...]. O pessoal fala muito em trocar livro, mas eu não consigo. [...] Eu acho que os livros têm um valor sentimental para mim.

Esse apego de Rachel pelos livros talvez seja uma das razões do seu problema com empréstimos de livros, prática muito particular do livro em seu formato impresso. Rachel conta que, por ser muito tímida, não consegue dizer “não” quando lhe pedem um livro emprestado: “Eu empresto, mas eu tive experiências ruins de pessoas que não me devolveram meus livros e eu tive que comprar novamente. Eu empresto geralmente para uma pessoa que eu tenha confiança que vai devolver”. “[...] Eu sei que tem gente que não vai me devolver, então eu já compro outro livro. Já me aconteceu muitas vezes. Não é egoísmo...”.

Diante do grupo sobre o qual nos debruçamos, notamos que a prática de empréstimo, levando em conta as formas de distribuição de livros digitais, tornou-se facilitada. Para essa constatação, também consideramos que nossos sujeitos, em sua maioria, leem arquivos digitais baixados gratuitamente na internet. Entretanto, ressaltamos que livros comprados, em geral, possuem sistemas (DRM) que impedem cópias indevidas e que restringem a leitura em um número limitado de dispositivos. Nossos leitores ignoram essa realidade. Para eles, livro parece algo mesmo disponível gratuitamente na internet. Sabem que também podem ser comprados, porém não dominam as formas de fazê-lo.

Desse modo, Alúcio destaca a possibilidade de compartilhamento atribuída ao digital. Ele também lhe denota um sentido: o de divisão. Para ele, é uma das grandes vantagens dos livros digitais.

Alúcio: [...] quando estou lendo alguma coisa, eu tenho vontade de compartilhar e eu não preciso dar o livro impresso. Eu estou lendo ainda e eu já posso compartilhar. Essa simultaneidade. [...] Você não precisa deixar de estar lendo para disponibilizar, você copia o arquivo e envia para o

colega. Meu grande interesse na leitura é poder compartilhar com as pessoas e a gente comentar o que leu.

Quando Aluísio nos fala em compartilhamento de livros digitais, nos lembramos de que Burke (2008), Certeau (2003) e Chartier (1994) dissertaram sobre práticas de leitura compartilhada. Burke (2006) destacou os deslocamentos ocorridos na história de leitura: voz alta/silenciosa, pública/privada, lenta-intensiva/rápida-extensiva. Certeau (2003) definiu esses deslocamentos como um distanciamento do texto, pois este não se expressa mais na fala de um alguém, mas sim na imaginação de cada um dos leitores. Chartier (1994), por sua vez, ressalta a função de sociabilidade criada pela leitura em voz alta, que teve o poder de reunir grupos diante do interesse pelas palavras proferidas. Além das práticas de leitura, podemos resgatar nesse contexto as formas de reprodutibilidade desses livros, conforme Darnton (2006) nos esclareceu acerca do trabalho artesanal empreendido na confecção dos livros no século XVIII. O autor alerta para o fato de que cada um deles tinha uma feição singular e supõe o cuidado que seus usuários tinham ao manuseá-los. Estamos falando de poucos livros para poucos leitores. Desse modo, esses usos nos fazem pensar sobre um novo tipo de leitura coletiva, baseada em outras estruturas, mas ainda sim responsável por formas de sociabilização de indivíduos que, dentro dos seus quartos/escritórios, podem dispor dos seus textos a partir de redes informáticas. O alcance das altas vozes agora encontra seu correspondente nas listas de contatos dos leitores, seja na forma do e-mail ou das redes sociais.

Outros exemplos de sociabilidade podem ser evidenciados. O livro e suas lembranças também remetem a momentos de afeto entre amigos e familiares. Jorge nos revela um caso curioso da sua infância, lembrança do quão lúdico e envolvente podem ser as experiências com os livros.

Jorge: [...] a partir de um certo período, minha mãe colocou uma política de que toda vez que eu conseguisse tirar uma nota boa, dez, nove, eu ganhava um livro. Aí eu me esforçava mais para conseguir ganhar o livro. [...] Um dez era um livro, mas eu ficava dizendo: dois noves são equivalentes a um dez, três oito, quatro sete (risos).

Nesse caso, podemos ter livro como *símbolo* de recompensa pelo sucesso ou podemos ter a *ritualidade*³⁴ instituída em sua família, como premiação pelo desempenho na escola. Há um rito em que participam Jorge e a família.

Clarice, por sua vez, alerta para as mudanças de valores sobre o livro. Para ela, o sentido atribuído ao livro impresso não é mais o mesmo.

Clarice: Olha, ele [livro impresso] já teve um maior significado para mim. Antigamente era como uma aquisição que eu fazia. Juntava dinheiro para comprar um livro. Ou então um dia gastava uma quantia considerável para ter um livro, pelo simples fato de ter. Eu já tinha lido, mas queria ter aquele livro. Hoje em dia, eu não ligo mais tanto para isso. Eu prefiro ter lido do que ter de verdade. [...] Antigamente, eu queria a informação, mas eu queria o objeto também. Era igual com CD antigamente. Eu queria ter o CD, mesmo se eu já tivesse gravado num *pen drive*, de todo jeito. Hoje em dia não. Basta ter no computador, já está bom. Mudaram os valores um pouco.

Percebemos que, apesar do vínculo dos sujeitos para com o objeto livro impresso ainda ser algo latente, já é possível observar indícios de que essa relação sofre influência de novas tecnologias. Em algum momento, o livro em sua *materialidade* deixa de ser algo sagrado para torna-se veículo de comunicação/informação independente do suporte. É evidente que, consideradas as múltiplas experiências com o livro, essas mudanças devam ocorrer sob determinadas circunstâncias, a partir de objetivos específicos de leitura, por exemplo. As estratégias de contato com o consumidor (VERÓN, 2004) são modificadas. Lygia é um exemplo dessa nova configuração. Ela ainda acredita que o livro impresso tem muito de uma carga emocional, mais prazerosa, que não existe da mesma forma no digital, com a mesma intensidade. Ela justifica isso por ler apenas gêneros acadêmicos em meio digital.

Lygia: Como a maioria são textos acadêmicos para a Universidade, é uma coisa mais imediata, sabe? Aquela coisa de “eu preciso ler para uma prova”, ou “eu preciso ler para um seminário”. Não é aquela coisa do prazer da leitura, necessariamente. Às vezes tem prazer porque é um assunto que eu gosto e tudo mais, mas não é aquela coisa “eu estou lendo porque eu quero”, entende? É aquela coisa “eu estou lendo porque eu preciso”.

No mesmo sentido, Cecília acredita que o livro digital “representa essa parte mais direta, relacionada com a faculdade”. Jorge também define aquilo que o digital lhe representa,

³⁴ Beiguelman (2003); Burke (2008); Certeau (2003); Chartier (1994); Manguel (2001); Martín-Barbero (2008); Murcia (2010); Villaça (2002).

destacando desde já sua preferência pelo impresso. Clarice acredita que significa uma “conquista” do usuário “esperto”. Na sua fala percebe-se o caráter material do livro agora dissolvido em uma captura virtual, estando sob o domínio do leitor em um tempo também relativizado. Rachel, por sua vez, realiza uma distinção no sentimento para com os dois suportes. Pela sua fala, podemos distinguir o tangenciamento das dimensões: *forma, ritualidade e simbologia*.

Jorge: Eu acho que ele [o digital] perde bastante. Porque, por exemplo, eu tenho uma pasta no computador só com e-book, mais ou menos organizada, só que não é uma coisa tipo “ah, hoje eu estou a fim de ler alguma coisa”, você liga no computador e vai ler um livro digital. Tendo o impresso, você nunca troca o impresso pelo digital. Eu tenho até livros que não tenho impressos, que não são de pesquisa, que eu gostaria de ler, mas ainda não resolvi parar para ler ele digital. Não parece uma coisa muito agradável.

Clarice: Eu acho que é uma conquista de todo jeito. Eu conquistei aquele livro online. Porque tem uns que vendem, não é? Eu nunca comprei livro online. Geralmente eu baixo do 4shared, não sei do que... Então eu acho que a pessoa se sente, de certa forma, esperta: “ah, consegui, de graça”; “eu poderia está pagando por aquilo, mas eu consegui de graça, e eu vou ter por tempo indeterminado ali”. Isso é bom. E quando eu quiser, na hora que eu quiser.

Rachel: É como se eu não conseguisse ter o mesmo sentimento para esse livro digital. Apesar de ser o mesmo texto, eu não consigo transmitir meu sentimento para ele, porque parece que eu posso perder facilmente. Eu não posso abrir o meu quarto e ver vários livros digitais – porque eu tenho um fetiche muito grande por biblioteca, acho que porque eu fui educada assim. Eu acho que eu tenho mais de 900 livros digitais, mas não é a mesma coisa. Eu não consigo sentir o sentimento que eu tenho com relação aos livros, em relação aos digitais. Não que eu não leia livro digital, mas eu tenho que ter um contraponto. Se é um livro que eu gosto muito, eu compro, sabe? É estranho.

Exatamente sobre a *necessidade de possuir* o livro impresso, Rachel revela um problema:

Rachel: Eu vou ser sincera. Eu estou até passando por um dilema. Eu estou lendo um livro que eu estou gostando, só que eu estou lendo digital, e eu estou me debatendo para ver se eu compro ou não a versão impressa dele, porque eu já vou ter lido o livro, só que eu gostei do livro. Eu ainda

não tenho uma ideia clara de que o livro digital quer dizer para mim, mas eu sinto que é como se eu não tivesse o livro. É estranho. Eu acho que vou acabar comprando (risos).

Como já dito, essa *simbologia* decorre fortemente da *materialidade*³⁵ do livro, do que ele carrega na sua forma tátil, passível da tomada de impressões a partir do papel. Conforme defende Mouillaud (2002), forma e sentido andam lado a lado. Por isso mesmo, os vínculos enraizados sobre o impresso não estão somente na superfície textual. Estão também atrelados ao modo como o suporte desses escritos se apresenta. Livros grandes, pequenos ou de bolso, capas duras ou flexíveis, miolo em papel branco ou marfim, brilhoso ou fosco, colorido ou monocromático, esses foram os modos de apresentação do livro até então.

Nesse ponto, podemos revelar que a proposição que fizemos inicialmente, após reflexão sobre configurações da realidade prática, foi, de certa forma, modificada. Em princípio, propusemos distinguir *materialidade* e *forma*. Porém, percebemos que a segunda, quando citada, estava sempre vinculada à primeira. A origem da *forma* está na *materialidade*. Algo óbvio, mas que podemos destacar como amadurecimento da nossa investigação.

A atenção sobre essas dimensões pode ser justificada quando Bordieu (BOURDIEU; CHARTIER, 2006), afirma que também devemos levar em conta, para a compreensão de um texto, o formato do livro e o papel com o qual ele é produzido. Esses elementos, e outros também de ordem objetiva, compõe a estrutura de sentido de uma publicação. Chartier (1992) também chama atenção para as formas com as quais o livro chega ao leitor, o suporte que lhe confere legibilidade. Além de legibilidade, podíamos acrescentar *legitimidade*, pois a *materialidade* do livro lhe oferece o caráter de livro de fato, próprio, legítimo.

Entretanto, no início do século XXI, os conceitos já consolidados são sacudidos por “novos” livros. A partir de novas tecnologias digitais, poderíamos pensar a dimensão da *materialidade* também é fortemente reconfigurada, ou no mínimo repensada, na contemporaneidade. Sobre isso, Aluísio nos conta que baixa vários livros digitais no computador. Muitas vezes não os lê, mas grava em um CD, e faz uma biblioteca de CDs, cada um com seus livros. Aqui é interessante perceber como é buscada uma *materialidade* para o digital. Apesar se não necessário, Aluísio compõe um lugar para eles, como se agora eles pudessem ocupar um espaço. Essa questão também nos traz de volta a ideia de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999). O conceito diz respeito à apropriação, de qualquer modo, de traços de uma mídia para outra. Essa apropriação acontece, muitas vezes, nos casos do surgimento de uma nova mídia que ainda não constituiu uma linguagem própria. Tem como

³⁵ Chartier (1992, 1994, 2006); Darnton (2006); Katzenstein (1986); Manguel (2001); Mouillaud (2002).

objetivo, além de experimentar formas de linguagem, evitar o estranhamento na *passagem* de uma mídia para outra. A princípio, parece-nos o caso do livro digital. Entretanto, até então, pensamos a remediação praticada na perspectiva do produtor. O que Aluísio suscita, quando revela sua forma de organização de livros digitais em CDs, é que a remediação aparece aqui desempenhada não mais no nível da produção, mas no da recepção. É o leitor que procura mimetizar uma forma de apresentação, antes vista na organização de livros impressos. Nesse caso, não somem as estantes. O que acontece é que nelas não teremos mais livros, mas sim caixinhas de CDs. Nessa *passagem* entre impresso e digital, pelo menos o espaço de armazenamento foi mantido. Supomos ainda Aluísio pensa que em CDs os livros digitais possam ser mais bem preservados, pois contam agora com alguma *materialidade*. Isso nos remete a Eco e Carrière (2010). Esses autores não concordam em atribuir ao digital a função de instrumento de guarda da memória, de preservação da informação, função que estava repousada incontestavelmente no suporte impresso. Debray (1993) também reflete sob o mesmo princípio. Para ele, existe uma deficiência nas formas de preservação da memória, que possuem, hoje um dia, uma vida cada vez mais curta.

Outros sujeitos também nos remetem à questão da preservação. Lygia conta que, quando ela e sua família vieram para Natal (sua família morava em Caieiras, São Paulo), deram muitos dos livros que tinham, porém, fizeram questão de *preservar* muitos deles. “[...] Nem leio mais os livros, mas é só pela questão de ter mesmo. Eles estão lá na estante”. Lygia destaca um deles, autografado por Ruth Rocha: “Eu tenho guardado também. Então eu guardo bastante. Eu tenho esse negócio de guardar livros”. Preservar, nesse caso, reflete uma questão de sentimento sobre os livros.

Mais um hábito estreitamente ligado à dimensão da *materialidade* é aquele que consiste em cheirar as folhas dos livros impressos. Lygia revela que também tem essa prática.

Lygia: [...] outro livro que me marcou muito [...] é uma versão que a Ruth Rocha escreveu da *Odisseia*. Eu lembro que eu tinha dez anos quando eu li. E nesse caso uma coisa que me marca muito é o cheiro do livro. Até hoje eu lembro do cheiro do livro. Quando eu lembro do livro, no mesmo instante me vem essa memória. Eu não sei descrever o cheiro, mas é como se eu conseguisse sentir. E eu também tenho esse livro até hoje, mas não é o mesmo cheiro, às vezes eu pego para cheirar, mas não é mesmo cheiro daquela época. É como se fizesse parte da experiência. Mesmo eu lendo a história, lendo a aventura de Ulisses e tudo, eu não consigo desvencilhar isso do cheiro, entendeu? É uma coisa meio estranha, mas eu não consigo (risos).

Entre cheiros, Lygia prefere o cheiro dos novos: “Eu gostava muito de ver um livro com uma capa bonita. O livro novo. Isso até hoje, na verdade, eu gosto de livros novos. Eu compro bastante livro em sebo ainda, mas eu gosto de livros novos”. “É uma coisa que você acabou de ter, de adquirir, e é só seu. É uma experiência que eu gosto”. Clarice tem a mesma preferência: “Eu gosto do cheiro do livro novo. E com os livros velhos às vezes eu espirrava. Livro velho eu não lia, na verdade. Eu excluía logo”. “Eu tenho alergia. Nem lia. Até hoje eu não leio livro velho. Engraçado, estou percebendo agora. Se eu for na biblioteca e o livro for velho, eu tiro xerox (sic)”. Nessas falas, observa-se que ao livro velho é delegado um papel marginal. Se para alguns, esses livros contam com uma aura mágica na qual está refletida a presença de outros leitores, para Lygia e Clarice o contato com o papel novo as aproxima ainda mais do objeto. Conjecturamos que essa preferência esteja ligada ao prazer do consumo. Talvez *comprar* livros seja uma experiência que envolva outros elementos que não apenas a busca pela leitura.

A *materialidade* segue criando vínculos. Na infância, Cecília costumava ler uma coleção de clássicos, da qual não lembra o nome. O caráter físico dessa coleção também ficou sua lembrança:

Cecília: Eram de capa dura e uma folha mais durinha. Não eram como os livros normais de adulto. Eram folhas mais duras, bem brilhosas, com desenho, bastante desenho, bem bonito. Era quase uma pintura cada página do livro. Tinha a história em cima e o desenho em baixo, eu lembro muito disso.

É possível que a lembrança da *materialidade* do livro venha a contribuir com que Cecília rechace de algum modo as experiências com livros digitais. Ela destaca a “frieza” de dispositivos de leitura e valoriza a experiência “viva” com um livro impresso.

Cecília: Eu acho que é diferente de você estar com o livro nas suas mãos e pegar e cheirar. Sentir aquilo é diferente. Tem um sentimento da leitura: estou realmente lendo porque aquilo está nas minhas mãos. No notebook passa mais uma frieza. Livro para mim não é nada frio, apesar de ser um negócio inanimado, morto, mas para mim tem muita vida. E no notebook eu acho sem graça.

Vale ressaltar que a opinião de Cecília decorre em grande medida do dispositivo que ela utiliza (o notebook), tópico que abordaremos adiante.

Seguindo sobre a *materialidade*, registramos aqui que livro em seu formato impresso é composto por diversos elementos que compõem o objeto. Esses elementos fazem parte da experiência estética do livro. As capas muitas vezes são as que primeiro chamam a atenção. Além disso, projetos gráficos bem elaborados, que levam em conta o tipo, a gramatura e qualidade do papel se sobressaem. Jorge discorre sobre esses elementos, lamentando a ausência deles em livros digitais.

Jorge: Eu sempre dei muita atenção à capa. [...]. Tem livros que tem capas bem feitas. Tem essa coisa que diz: “não julgue o livro pela capa”, eu julgo o livro também pela capa, pela capa, pelo título, todas as informações. Essa parte estética eu me preocupo muito.

Jorge: [...] O livro digital não tem capa, não tem nada, não tem aparência. Mesmo a beleza, a parte gráfica da página, eu acho que perca um pouco com o livro digital. Atualmente, não é? Possivelmente, os recursos vão fazer com que a ilustração seja móvel (ar de conjectura).

Clarice, denotando a importância da *materialidade* sobre a sua experiência de leitura, aponta, mais uma vez, as mudanças de valores dos leitores.

Clarice: Até um certo tempo, havia um valor muito maior em ler uma coisa, um livro comprado, cheiroso, aquele cheiro de livraria, cheiro de papel novo. Ele tinha um valor muito mais alto do que ler uma xerox. Essa relação meio que mudou desde que eu entrei na faculdade, porque eu percebi que às vezes é uma besteira, besteira mesmo, de você querer sempre ter o livro, aquilo que te falei. O mais importante é o conhecimento. Eu cheguei num tempo que não posso mais comprar tudo o que eu quero. Então eu xeroco. Não me importo mais, mas é claro que se eu ganhar de presente um livro novo, ele tem toda uma importância. Se você me der um livro de presente e uma xerox, o livro tem uma superioridade enorme perante a xerox, a cópia.

Já Aluísio destaca as possibilidades de anotações sobre o papel e ressalta a presença de um primeiro leitor: “Se eu pego um livro com anotações, eu também curto bastante. Acho que já é uma releitura de uma pessoa. Eu acho legal”. É curioso observar que essa presença é também carregada de afetividade dos leitores posteriores. Em se tratando de leitura em formato digital, Clarice chama atenção ao fato de que não há essa chance por meio das suas atuais condições.

Clarice: Não tem como você marcar uma página. Pode até ter, mas nos meios que eu uso não tem. No pdf não tem esses recursos mais sofisticados. [...] Livros acadêmicos, livros da faculdade, eu só leio grifando e fazendo anotações e no pdf não tem como. Até tem, mas o jeito que eles disponibilizam é mais difícil do que você fazer em outro lugar.

Pela fala de Clarice, percebemos que práticas advindas da *materialidade* do livro parecem nesse momento comprometidas se tentarmos aplicadas aos suportes digitais. A proposta em realizá-las ainda é a mesma, mas as dinâmicas são distintas. Isso, ao nosso ver, parece criar obstáculos em indivíduos conscientes de outras práticas, as quais foram realizadas, sem alternativas, durante todo seu percurso de vida.

Sob esse laço com a matéria, repercutem outras questões. Como foi exposto, a partir da *materialidade* podemos ainda definir a dimensão da *forma*. Ambas estariam firmadas sobre nós insolúveis. Lygia reflete sobre formatos de livros e as práticas advindas desse dimensionamento,

Lygia: [...] agora eu estou lendo dois livros. Um é o *Cem anos de solidão*, já é um livro maior, mais pesado. Eu também estou lendo o *Alice no país das maravilhas*, a versão de bolso. Então, ele tá aqui na minha bolsa agora. Então, o *Cem anos de solidão* é uma coisa que eu deixo para ler na minha casa, quando eu estou mais tranquila, não tenho tanta coisa para fazer, antes de dormir. E esse da Alice é um negócio que durante a aula, vai (risos), está meio chata, eu pego e fico lendo.

A *materialidade/forma* também nos remete ao tema do volume. Nesse sentido, Manguel (2001) nos chamou atenção para as características formais do códice, que consiste na apresentação do livro em forma de cadernos envoltos por uma capa. A ideia de sequência aqui exprimida é bem diferente daquela que tínhamos com o livro em forma de rolo. Conforme Manguel (2001, p. 151), temos, a partir do códice, o “sentimento de totalidade” do livro. Algo muito semelhante foi citado por Aluísio, que fez referência a uma “sensação de progressão” na leitura de livros impressos. Levando em conta que o leitor pode visualizar de modo instantâneo o volume de leitura já realizada bem como aquela a ser efetivada, consideramos que a livro impresso conta ainda com mais essa vantagem. Nesse mesmo sentido, Rachel corrobora a ideia de Aluísio.

Aluísio: Tem o próprio volume, até o peso do livro interessante de você ter contato. Dá para visualizar que você tem o que ler. No livro digital, você tem que apertar aquela setinha. Tem que apertar a seta até o fim. A gente não tem muita ideia do que tem para ler com os números de páginas assim

[aponta a posição do número na tela do computador], mas quando a gente vê o livro materialmente visível eu acho interessante. Acho que é até uma coisa onde você tem a *sensação de progressão*.

Rachel: É um pouco fetiche, mas eu gosto de sentir o livro, de sentir o cheiro, de ver o tamanho do livro, porque também é uma coisa que eu percebi muito. Eu estava lendo um livro no *tablet* e o livro não acabava, e o livro não acabava, e eu: “meu deus do céu, de que tamanho é esse livro?!” Eu perdi a noção do tamanho do livro. Quando você lê, você sabe o tamanho do que você está lendo, o *peso da leitura*. Eu sinto falta disso. Eu ainda não me acostumei em não *sentir* o livro.

Outra ação permitida ao livro, também enquanto objeto, é o transporte facilitado por um único indivíduo, desde que seja um volume não muito grande. Essa mobilidade, pode também permitir o furto e o roubo. Jorge conta uma história familiar de livros roubados:

Jorge: [...] minha mãe sempre teve o costume de roubar livros, pegava os livros do meu avô, botava o nome dela e colocava na estante dela (risos). Aí eu faço a mesma coisa: pego os livros dela, boto meu nome, e boto na minha estante (risos). Muitos livros meus hoje são roubados da minha mãe, do meu avô.

Percebe-se que o núcleo familiar de Jorge é perpassado pela relação com os livros. Seus parentes mais próximos, avô e mãe, têm e repassaram ao neto/filho um contato estreito com os livros e a leitura. Notamos também que esse contato está muito vinculado ao livro impresso. Daí, podemos discorrer sobre outras práticas como a guarda e a doação do objeto.

Jorge: [...] Eu fui ler um livro emprestado. Um conhecido me emprestou um livro. Achei massa. Muito tempo depois, eu vi esse livro para comprar na livraria. E era exatamente a mesma edição que eu tinha lido quando a pessoa me emprestou. Então eu preferi comprar o livro velho, usado, no sebo, porque era a mesma edição. Sabe aquilo de ser a mesma edição, aquele livro que tem a feição de livro que você leu. Você leu um livro, daí você perdeu o livro, aí você compra outro, mas não foi o que você perdeu. Enfim, várias coisas que geram laços com os livros. Essa coisa também de dar livros. Eu também gosto muito de dar livros.

Dar livros, assim como o empréstimo, é uma prática diretamente relacionada ao impresso. A seguir, Clarice demonstra seu estranhamento sobre essas práticas caso fossem imaginadas para o suporte digital.

Clarice: Eu acho que nunca vou ver uma pessoa dar um e-book de presente: “ah, no seu aniversário eu vou lhe dar um e-book”. Não. Você vai dar um livro físico, um objeto, porque o livro ainda é um objeto. Atualmente ainda não passou disso: um objeto que traz conhecimentos, não é o conhecimento puro.

Além do empréstimo e da doação, outra prática relacionada à *materialidade* é a organização/armazenamento dos livros. Sobre isso, Clarice também conta seus hábitos:

Clarice: Todos os livros eram no meu quarto porque minha irmã era bagunceira. [...]. E eu arrumava por ordem alfabética. Eu acho na verdade que eu não tinha muito o que fazer. E eu arrumava muito meu quarto, mexia muito no quarto, arrumava os bichinhos de pelúcia. [...]. Eu arrumava os bichinhos de pelúcia por cores, que eu tinha muitos também, e os livros por ordem alfabética. E não só os meus, os de adultos também que eu não lia, por exemplo, Machado de Assis, que eu não entendia na época, mas eu gostava de deixar no meu quarto. Era meu. Como se fosse meu. Tinham uns livros que até hoje eu não sei do que se trata, da minha mãe, que eu também guardava comigo no meu quarto.

Nota-se que o descrito acima se refere a livros impressos *originais*, digamos assim. Quanto aos livros fotocopiados, Clarice revela outras práticas de organização:

Clarice: Geralmente, eu tenho muito mais xerox. Eu organizo em pastas lá em casa. Boto pela disciplina, porque quando eu preciso eu vou lá e consulto. [...] Eu faço assim: tem um livro, eu marco qual o livro, marco por disciplina, e separo por semestre. E tem uma lista tipo um índice.

Na casa de Rachel, a organização era um pouco diferente. Na casa de Lygia acontecia mais ou menos como na de Rachel. Em todas elas, as estantes foram apontadas como o principal móvel para guardar livros, seja de modo concentrado ou distribuído. Na casa de Aluísio elas estavam no escritório do pai. O mesmo ocorria na casa de Cecília, onde seu pai, jornalista, mantinha uma biblioteca.

Rachel: Quando eu era criança, eu lembro que tinha uma estante. Mas eram tantos livros que não ficavam num lugar só. Tinha essa estante que centralizava bastante coisa, que ficava no corredor, mas os livros ficavam espalhados. Tinham no meu quarto, no quarto da minha mãe. Eram bem espalhados.

Lygia: Bom, eu nunca fui uma pessoa organizada até hoje (risos), mas eu sempre tive uma estantezinha minha, no meu quarto, com meus livros. Tinha uma estante com os livros da família, os livros de todo mundo, mas também tinha outra no meu quarto só com os meus livros. Lá eu colocava o que eu queria.

Aluísio: Era um escritório. Lá você tinha o computador, a impressora e o telefone. A maior parte era mesmo de guardar volumes e livros. A maioria na vertical. Tinha uma poltrona lá que você podia sentar a ler. [...]. Eram estantes enormes, na época, e tinha de tudo lá. Era muito divertido. Eu lia e compartilhava com os meus amigos. Eles iam para lá, eles se interessavam. Às vezes, eu até emprestava coisa que não podia (risos), mas eu achava importante.

Na fala de Aluísio, percebe-se que o lugar funcionava também como um espaço de sociabilidade entre os amigos. O mesmo pode ser visto com Jorge, quando, na infância, trocava com os colegas as impressões da leitura que fazia da coleção *Harry Potter*.

Jorge: É aquela coisa: você vai acompanhando as publicações, e os amigos todos liam, e tinha aquela coisa: todo mundo lia ao mesmo tempo e comentava. Então era um acontecimento. Era uma coisa que fazia parte do dia a dia social, não só uma coisinha individual, mas você leu para isso, mas todo mundo discutia. Uma coisa bem engraçada. [...] Todo dia, quando a pessoa chegava, comentava o que tinha lido, de um dia para o outro. Aquela ansiedade.

O fator sociabilidade vem se somar a outros que para nós compõem a dimensão da *ritualidade* do livro. Esses outros elementos seriam o movimento, a posição, o espaço, além das interações com o ambiente e com os outros indivíduos (CHARTIER, 1994). A *ritualidade* seria caracterizada pelas “gramáticas de ação” e os “usos sociais dos meios” (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Nesse sentido, recortamos falas nas quais Lygia e Rachel explicam qual o papel dos livros no contato com os pais. A primeira relembra os momentos íntimos de leitura em família. A segunda conta as suas experiências com o Círculo do Livro, que aproximava, ainda mais, mãe e filhas. Lembra ainda da atmosfera lúdica criada pela mãe.

Lygia: Tinha toda aquela coisa não só deles lerem o livro para mim, mas de colocar para dormir. Eles iam lá deitar comigo. Eu escolhia o livro, eles

abriam, ficavam mostrando as figuras, liam, perguntavam o que eu acha da figura, o que estava achando do livro. No meio do livro tinha conversa.

Rachel: Você fazia parte do Círculo [do Livro] e eles mandavam uma revista para você, e você sempre escolhia os livros e eles mandavam para sua casa pelos correios. Então, sábado era o dia que a gente ia buscar livro nos correios, novo, toda semana chegava livro novo. [...] [Círculo do Livro] era um grupo. Era uma editora. Eu não lembro. Eu acho que era a Abril. Eu não lembro. [...] Era um ritual da gente, eu, minha mãe e minha irmã, buscar esses livros. Era muito bom. Sempre teve essa questão da leitura na minha casa.

Rachel: [...] minha mãe fez ser muito lúdica a leitura para gente. Para gente é como se o livro fosse um brinquedo também. Era uma fonte de diversão, uma fonte de alegria. Ela fazia esses pequenos rituais que acabavam sendo bom para gente, entendeu? Ir na biblioteca, ir na livraria, escolher os livros da gente, ir receber os livros.

As “gramáticas de ação”, nas falas de Lygia e Rachel, estão associadas aos movimentos de deitar, ouvir, ler, buscar, dentro de um espaço (quarto/rua), inserido em um tempo (noite/sábado), enquanto os “usos sociais” estão concretizados nas formas de aproximação encontradas pelos pais, que pretendiam, além de suscitar hábitos de leitura, estreitar as ligações entre pais e filhos.

Ainda tratando de relações familiares, Lygia e Jorge puderam relembrar também os passeios a livrarias de shopping.

Lygia: Era muito bom. Meu irmão tem mais ou menos a mesma idade que eu. Meu pai e minha mãe levavam a gente para o shopping. Passeio de paulista é shopping, mas se a gente passava uma hora, quarenta minutos eram dentro da livraria. As livrarias, na parte infantil, têm sofazinho, têm aquele tapetinho com carpete para criança sentar e ler. Então eu gostava muito daquele ambiente. Os livros encareceram bastante, mas na época que eram um pouco mais baratos, meu pai sempre comprava. Meu pai e minha mãe sempre compravam livro para mim. Para mim ou para o meu irmão, e dependendo a gente escolhia um livro junto.

Jorge: [...] a gente ia para o shopping, além de gostar desse negócio de *Game Station*³⁶, a gente sempre ia na livraria. Eu sempre tive muito contato com livraria, de ir na livraria, de gostar de ir na livraria, de ficar olhando os livros, folheando.

³⁶ Espaço de jogos infantojuvenis, em sua maioria eletrônicos, localizado no shopping Midway Mall, Natal/RN.

Outro espaço típico para rituais relacionados aos livros é a biblioteca. Sejam públicas ou privadas, as bibliotecas são lugares de acesso a livros ou mesmo de leitura/estudo de muitos usuários. A seguir, Rachel e Lygia falam sobre esse espaço.

Rachel: A gente [mãe e filhas] ia na biblioteca também. Tinha uma biblioteca infantil aqui em Natal. Eu não sei se tem hoje em dia. Minha mãe gostava de levar a gente. [...] Tanto a gente comprava como pegava os livros de lá.

Lygia: Meu contato com biblioteca foi mais por volta dos 15 anos. Na minha cidade, a prefeitura abriu uma biblioteca e eu gostava muito de ir lá. Eu era uma frequentadora assídua. Eu pegava bastantes livros, mas eu nunca gostei da biblioteca no sentido de ficar lá para ler. Eu não consigo me concentrar. Eu gosto de ir lá, pegar o livro, e ir para minha casa ler. [...]. Não é um lugar que eu fico, sento, leio, concentro e consigo passar horas lá dentro. Isso eu não consigo.

Atualmente, Rachel revela o mesmo comportamento em se tratando da biblioteca da Universidade: “Geralmente eu retiro e vou ler em outro espaço. Às vezes eu uso as áreas de estudo. É para estudar, não é para ler para lazer não”. Já Cecília conta que não possui o hábito de ir: “Nunca fui muito de frequentar biblioteca, por já ter os livros em casa. Livrarias, sim, eu sempre vou muito”.

Clarice se recorda da Biblioteca Municipal de Santa Cruz, sua cidade natal:

Clarice: Eu não lembro o porquê de eu ir para lá e não ir para casa. Mas eu tinha uma ganância muito grande por ler os livros, principalmente os clássicos, mesmo sem entender. Eu ficava lá, nem que fosse folheando, olhando. Eu lia na biblioteca e alguns eu levava para casa. Mas como eu queria vários ao mesmo tempo, só dava certo lá. Eu pegava vários. Passava a manhã todinha, ia para casa, almoçava e ia para o colégio.

Aluísio afirma que na escola, durante a infância, sua escola tinha uma biblioteca à disposição dos alunos, mas que a frequência não era obrigatória. “Eu não tinha muito o hábito de ir não. Eu preferia os livros que tinham em casa”. Lá, ele contava com uma biblioteca organizada pelos pais, local onde levava os amigos. “Eles ficavam impressionados. Eram muitos livros. Eu gostava demais. Era o melhor espaço da casa. Eu não recordo se eu ficava lá para ler, mas eu ficava lá para escolher um livro para ler. Isso era legal”. Nos trechos que seguem, Aluísio explica, já na universidade, como são seus hábitos na biblioteca da instituição. Relata ainda o que significa o espaço biblioteca para ele.

Aluísio: Eu gosto muito dessa biblioteca aqui. Eu prefiro mais pegar empréstimo do que ficar lendo aqui na biblioteca. Mas há uma vantagem de ler na biblioteca, pelo menos para mim, que sou uma pessoa dispersa [...]. Lá em casa, às vezes, minhas irmãs ficam conversando, e principalmente como minha preferência são livros teóricos, de ciências, às vezes tem alguma dificuldade para a gente se adentrar.

Aluísio: Eu acho que [a biblioteca] é um espaço do conhecimento, das trocas, de estar receptivo a algo novo também. [...]. Eu acho que é por causa da minha infância, de ver, de prateleira em prateleira, e escolher um livro ao acaso. Eu acho fantástico. [...]. Tem coisas que você sabe de momento que queria ver, mas se esquece, e de repente numa prateleira você encontra, “puxa vida, eu gostaria de ler”. Era uma recomendação que estava meio vaga na sua mente e está lá tudo esquematizado na sua frente. Eu acho muito legal. Acho muito interessante.

Jorge tem opinião semelhante à de Aluísio. A seguir, ele narra um episódio que vem ilustrar a descoberta de saberes dentro do espaço da biblioteca, ressaltando, dessa forma, o modo como a biblioteca e a disposição dos materiais que a compõem podem contribuir para a leitura.

Jorge: Na Estante Virtual³⁷ você vai atrás do livro que você conhece e você quer. Na biblioteca não, você vai atrás de um livro que você não conhece. Você vai descobrir. [...] Você entra na biblioteca, [...] descobre alguma coisa e leva. No começo do curso, que era mais tranquilo, eu tinha essa coisa de ir na BCZM³⁸ e ficar lá olhando as seções em que mais eu via coisas diferentes. Uma das coisas que eu estudo, que eu pesquiso hoje, que é a coisa do teatro do oprimido, eu descobri na biblioteca. Eu estava lá, fuçando a seção de teatro, e descobri o livro. Nunca tinha ouvido falar no autor, mas escolhi o livro. Pelo nome achei interessante. Daí, comecei a pesquisar outras coisas e ir atrás de outros livros da área a partir daquele livro que eu encontrei aqui. Eu acho que a biblioteca tem essa possibilidade de você encontrar coisas que você não esperava. Do mesmo jeito é a livraria, só que você teria que pagar por isso.

Além da biblioteca, buscamos explorar os espaços preferidos de leitura dos nossos sujeitos. Cecília, Aluísio e Jorge tinham, na infância, o quarto como local predileto. Destacamos a última fala de Aluísio, quando aponta “filas” como local de leitura atualmente.

³⁷ Site de comércio eletrônico de livros usados, provenientes de sebos de todo o Brasil. Endereço: <www.estantevirtual.com.br>.

³⁸ Biblioteca Central Zila Mamede, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Cecília: Eu sempre lia lá ou no meu quarto. Eu sempre gostei muito de ler. Como eu sempre durmo muito tarde, eu ficava no quarto lendo até altas horas.

Aluísio: Era mais meu quarto. Eu ficava por lá. Eu levava os livros para lá e ficava folheando. Era junto com os meus brinquedos. Era uma coisa que fazia parte.

Jorge: Eu lia muito no sofá da sala e no meu quarto. Eu leio sempre deitado. [...]. Tinha uma cadeira de balanço que eu gostava de ler.

Aluísio: Eu costumo muito levar livros para o banco, fila de banco, eu estou lá lendo, filas de forma geral. Como eu costumo pagar as contas de casa, levo um livrinho à tira colo, leitura de bolso, na maioria das vezes. Espera de médico, tudo isso, boas oportunidades de leitura que eu não desprezo não, e até leio mais do que estando em casa. Eu fico mais concentrado do que lá em casa, tem o próprio computador às vezes atrapalha, TV atrapalha, muitas coisas.

Até agora pudemos perceber o quão os nossos sujeitos são ávidos leitores. Talvez por isso mesmo também transfiram essas práticas para outros suportes, ainda que não se sintam tão à vontade quanto se sentem com o livro impresso. Trataremos adiante de algumas práticas específicas do livro digital.

O primeiro ponto que exploraremos são os dispositivos de leitura utilizados. Diferente o impresso, o livro digital requer uma máquina de leitura, as quais, atualmente, são as mais diversas. A maioria dos sujeitos entrevistados tem o notebook como dispositivo de leitura. Entretanto, Lygia, Aluísio e Jorge não acreditam que ele seja o mais adequado. A seguir, eles expõem suas razões.

Lygia: Você coloca no colo, ele começa a esquentar embaixo, aí começa a acabar a bateria e você precisa ligar na tomada. Eu não acho confortável. Tem o brilho da tela. Eu sempre deixo no último, sabe? Eu deixo sempre a tela bem escura. Eu acho desconfortável ler no notebook.

Aluísio: [...] quanto eu estou cansado, que eu queria trazer o livro assim deitado, queria trazer ele para cima, eu não posso pegar o laptop e fazer isso na minha cabeça (risos). O negócio cai.

Jorge: [...] Eu tenho um colega que uma vez ele estava lendo naquele leitor específico, não era o *tablet*, era o leitor, que era até preto e branco, não sei se era o primeiro. Era um livro gigantesco que ele estava lendo. Suponho

que fosse tranquilo de ler. Mas no computador é pior de ler. Eu acho que é mais fácil de ler na internet do que o próprio arquivo do artigo em pdf.

Cecília, apesar de também usar o notebook para leitura, acredita que seja sim um dispositivo apropriado.

Cecília: Você pode ler de maneira mais confortável. Não precisa ser sentada numa mesa [...], ele pode ficar no meu colo, posso sentar no sofá, posso me colocar de maneira mais confortável para fazer a leitura.

Clarice, por sua vez, tem o netbook como dispositivo de leitura. Apesar de também considerá-lo apropriado, em comparação com o notebook, por exemplo, ela faz suas ressalvas.

Clarice: Ele é quase apropriado. O netbook, não o notebook. O notebook não é nada apropriado, mas o netbook já se torna um pouco mais adequado para leitura de coisas mais longas, porque você pode dobrar ele de todo jeito. Bota até de cabeça para baixo, dá certo. Em rede, em cama, de todo jeito dá certo com netbook. Agora o mais apropriado eu acho que seria um iPad, que eu não comprei ainda. Realmente é o mais manuseável.

Rachel, sem dúvida, é a exceção do grupo. Ela é a única que possui um *tablet*, nesse caso, um iPad. Atualmente, ela divide suas leituras entre esse dispositivo e o celular. “O celular, como é pequeno, a leitura você faz em mais lugares. Agora o *tablet* eu já acho mais confortável justamente pelo fato da tela ser maior”. Entretanto, confessa que está em um período de adaptação: “É como se eu estivesse criando agora o hábito de uso dessa mídia. Eu não tenho o hábito estabelecido. Eu estou testando, vendo o que é melhor para mim. Eu estou no processo de me adaptar ao livro digital”.

Com exceção de Rachel, perguntamos aos demais sujeitos se eles conhecem algo a respeito de outros dispositivos de leitura. Lygia se recorda, com dificuldade, do e-reader, mas sem especificar um modelo específico. Jorge lembra-se do leitor eletrônico que viu o colega utilizar. Os demais fazem referência ao iPad, o *tablet* da Apple.

Lygia: Sei que agora tem o... caramba... e alguma coisa... e-book, e-book é o livro digital em si. Não lembro da... [o entrevistador auxilia a lembrança] E-reader. Exato. Tem o e-reader, mas eu nunca experimentei, não sei como funciona. Já vi reportagens a respeito. Tenho até interesse em saber melhor,

em experimentar, mas eu não tive oportunidade. Foi por falta de oportunidade mesmo que eu não experimentei.

Jorge: Eu nunca tive muito contato. Só ele [o colega], mas ninguém da minha família, alguém mais próximo que eu tivesse a oportunidade de ler coisas. E esses de leitura especificamente eu acho que não estão muito disponíveis no mercado ou próximo de Natal, Nordeste. Eu acho que esse que ele comprou provavelmente ele trouxe de fora [...].

Cecília: Eu não tenho nenhum deles, mas amigos meus tem. É mais assim de ver outras pessoas utilizando. [...]. Até faculdade, os professores falam que daqui a dois anos todo mundo vai ter um, pela praticidade, pela facilidade de você ter acesso ali a tudo numa coisinha pequenininha, que não vai ter nenhum peso. Hoje eu trouxe o notebook, mas é numa bolsa separada, e andando pela UFRN com esse peso do meu lado. Então o *tablet* eu acho que vai facilitar com relação a isso... mais fácil de esconder, porque é perigoso andar aqui na UFRN com essas bolsas.

Aluísio: [Conheço] o iPod, o iPad. Ter iPad seria legal, mas como eu não tenho acesso, não tenho grana. [...] Eu não sei como utilizar, mas eu acredito que é o mesmo esquema. Realmente não conheço mesmo não. Nunca peguei.

Clarice: Eu conheci os *tablets*, o iPad, que eu considerei o melhor. E eu acho mesmo que eles foram feitos para facilitar a leitura digital. Só que eu considero que eles ainda estão caros e eu ainda não adquiri nenhum. Mas está na minha lista. Até pelos trabalhos acadêmicos, fica muito mais fácil. Eu já peguei emprestado uma vez e facilita muito a vida da pessoa aquilo ali, mas complica por outras coisas, por exemplo, você quer adicionar comentários, não é útil, porque não tem teclado, aquele teclado digital é péssimo, touch, é péssimo. Até que a pessoa se acostume. [...] Ele é o ideal para uma leitura de um livro paradidático, mas para um acadêmico já não é o ideal porque você tem que fazer as anotações e voltar ao papel é meio retroceder um pouquinho. Então para mim, o netbook ainda é o melhor. Academicamente o netbook é o melhor.

Clarice, no momento em que faz ressalvas para o uso desse ou daquele dispositivo, a depender do objetivo de leitura, abre a discussão acerca desse tópico. Para tanto, questionamos acerca do gênero lido em dispositivos de leitura digital. A maioria respondeu que em geral lê gêneros de cunho acadêmico. Assim, apesar de estarmos sempre focados no livro enquanto objeto, enquanto suporte, não podemos deixar de considerar que o gênero a ser lido é fator fundamental na escolha de modos de leitura, incluindo a escolha do equipamento.

Em se tratando de dispositivo, levamos em conta que aqueles usados pelos nossos sujeitos (notebook, *tablet* ou celular) são aparelhos multifunções, não tendo o objetivo específico de leitura de textos como os leitores dedicados. Desse modo, pensamos que a diversidade ações à disposição do leitor nesses dispositivos pudesse dispersá-los do objetivo da leitura.

Lygia: [...] como eu falei, são textos acadêmicos [o gênero que lê]. Não tem como não dizer que eles são geralmente mais densos [...]. Então aquela coisa: muitas vezes eu leio por necessidade, então você acaba se dispersando muito mais fácil. E você tá ali com o computador, com a internet, então é óbvio que você vai no primeiro cansaço mental você vai acessar o facebook, ouvir uma música, ver um vídeo engraçado no youtube, alguma coisa. Vê lá, passa quinze minutinhos, e depois volta para a leitura, entendeu? Eu faço muito isso. Nossa! (risos).

Cecília: Nada do que eu estou fazendo no notebook é sem essas redes sociais. Sempre tudo está ali. Estou fazendo um trabalho, mas abinha do facebook está aberta ali, e do twitter também. Acaba diminuindo meu rendimento, minha concentração, mas até agora é desse jeito que eu faço (risos).

Aluísio: A leitura às vezes fica até esquecida nesse mar de coisas. Quando estou no MSN, entro... depois tenho que reler de novo e tal porque eu não compreendi direito, alguma coisa interfere. Muitas coisas que não tem nada a ver entram na história. Quando eu estou na leitura de um livro, eu ponho ocupado e tal, se alguém vier falar comigo, eu paro e dou preferência para falar com essa pessoa. Tem música também. Às vezes eu penso: “tô sem saco se ler esse negócio, vou colocar uma musiquinha só para dar uma animada”. Não dá certo. Isso não dá certo. Isso é só perda de tempo. Ou eu faço uma coisa ou eu faço outra. Não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Clarice: Eu fico checando e-mail. Eu tenho essa mania horrível. Eu fico lá lendo o livro, o pdf, e fica embaixo o gmail. Ele não avisa quando chega e-mail? Minha caixa de entrada está sempre zerada. Quando chega um eu já fico agoniada.

Rachel afirmou não utilizar redes sociais durante a leitura e explica: “Porque eu quero ler. Eu acho que distrai”. Ela acrescenta:

Rachel: O máximo que eu faço é referente à própria leitura. Por exemplo, eu leio muito em outras línguas [...]. Então, uma coisa que eu adoro é o dicionário. Eu só faço apertar e aparece. E também se aparece alguma

dúvida no que eu estou lendo, eu procuro no Google, que eu só preciso apertar também que ele já vai. [...].

Jorge expõe uma prática não relatada pelos demais: a produção de textos. Na realidade, a leitura em meio digital é para Jorge um instrumento para “coleta de informações” com vistas à produção de outros textos, geralmente atividades da Universidade. Essa prática nos remete à classificação proposta por Briggs e Burke (2006), em particular, à leitura *extensiva*. Os autores definiram esse tipo como aquele no qual o leitor folheia rapidamente o livro, consulta sumários e índices, a fim de buscar um assunto específico. Em se tratando de suportes digitais, a leitura extensiva parece potencializada. Recursos como busca instantânea de palavras e *hiperlinks* contribuem para isso. Soma-se ainda a possibilidade de copiar e colar trechos, o que facilita a composição de trabalhos derivados. Esse uso também nos remete a Certeau (2003), quando nos esclarece sobre táticas. O que Jorge parece empreender são novas táticas sobre o livro. Diferente das táticas que propomos para o livro impresso³⁹, Jorge realiza novos usos do livro digital. Este não serve apenas como instrumento de leitura, mas é também útil na elaboração de outros textos.

Jorge: Normalmente eu estou realizando outra atividade, que é produzindo algum texto, produzindo algum material. Então, eu não leio dez páginas seguidas. Eu pego trechos, leio uma parte do texto para poder auxiliar na produção. Então, na verdade, eu não estou lendo, eu estou coletando, pesquisando. [...]. Eu não penso: “ah, vou ler um livro”. Eu nunca fiz isso com livro digital. [...]. Já vou atrás de alguma coisa que eu já sei que vai ter, muitas vezes.

Prosseguindo sobre nossa conversa, consideramos que a dispersão na hora de ler, junto ao grau de (in)satisfação com os respectivos aparelhos de leitura, refletiu que a prática de leitura de livros digitais desses sujeitos parece mais uma obrigação do que uma prática relacionada ao prazer de ler. Por isso, julgamos pertinente fazer esse questionamento. A maioria respondeu se tratar de uma obrigação.

Lygia: *Eu tenho que ler.* Eu vejo como uma necessidade no que se refere aos assuntos da Universidade porque os professores postam muito conteúdo, muito artigo, muito capítulo de livro para a gente ler, e muitas vezes é escaneado ou é artigo de congresso que só tem disponível digital. Então, para não ter todo aquele trabalho de imprimir... Eu prefiro imprimir, só que às vezes é trabalhoso...

³⁹ Páginas dobradas, marginálias, tracejados ou marcadores, leitura salteada, formas de acesso além da compra.

Cecília: *É mais uma necessidade.* Eu sou meio tradicional. Eu gosto de ter, tirando o jornal, [...] jornais eu gosto de ler online, mas livro é mais por necessidade, porque na faculdade a gente tem muito que ler livros, e com o SIGAA então, os professores colocam tudo... “ó, tá no SIGAA, leiam online”. E eu acabo tendo que ler, mas é meio forçado. Se fosse por minha escolha eu teria aquilo tudo nas mãos.

Alúcio: *Eu acho que é mais necessidade.* Eu curto ler tanto livro impresso como digital, mas quando eu não tenho acesso a esse livro impresso, eu busco o digital. E é fácil procurar. Não são todos os livros que a gente encontra. Tem alguns livros, por exemplo, que são para colecionador. Tem muitos livros assim, muito bem feitos, que dá vontade de comprar e ter em casa, realmente é isso que acontece, mas para a busca de informação, pura e simplesmente, eu prefiro o livro digital.

Novamente, Clarice coloca condições. De uma maneira ou de outra, deixa claro que sua preferência é o impresso.

Clarice: [...] *Às vezes é uma necessidade.* Tipo, eu quero aquilo ali e aquilo só tem ali. Tipo, um e-mail longo, às vezes seria melhor imprimir e ler com calma. Mas às vezes é melhor ler no computador, tipo, um livro que eu vou consultar, mas que eu sei que não vou ler todo, eu prefiro ler no computador. Baixo lá e leio no computador.

Rachel, mais uma vez, caracteriza-se como a diferente do grupo.

Rachel: *É uma opção.* Definitivamente. Apesar de que eu ainda estou me acostumando, sabe? A ler no digital. Eu comecei de verdade a ler no ano passado, porque eu sempre priorizei o físico. Foi necessidade agora para fazer minha monografia porque eu precisava de alguns livros americanos que não tinham aqui e eu não tive tempo de mandar trazer então eu *tive* que ler, eu *tive* que apelar para livros digitais, mas foi nessa ocasião em separado. Em todas as outras ocasiões eu tive a opção.

O fato da leitura em meios digitais se mostrar uma necessidade ao invés de um prazer talvez venha a explicar a resistência de alguns dos sujeitos a efetuarem a compra de livros digitais. Jorge se recorda de que Alex Castro, autor de um dos blogues que lê, já lançou vários livros digitais, mas que, apesar de gostar dos seus textos, ainda não comprou nenhum deles. Alúcio declara que compraria, mas se fosse uma extrema necessidade. Clarice questiona o preço do livro digital atualmente, que, segundo ela, ainda é muito parecido com o da versão impressa. Rachel é a única a declarar que já compra.

Jorge: [...] por mais que eu tivesse muita vontade de ler esse livro (risos), eu não tive coragem de pagar 25 contos por um arquivo. Eu mandei um e-mail para ele: “ah, como é que eu faço para ter...”, “ah, você deposita 25 reais na minha conta, que eu lhe mando o arquivo”. Como assim? (risos). Eu vou pagar para receber um e-mail?! Por mais que eu ache o cara fantástico, eu ainda não consegui fazer isso. Ainda. Quem sabe um dia.

Alúcio: Pagaria sim, se fosse uma coisa que eu necessitasse mesmo. Normalmente eu não vejo isso. Se realmente eu tivesse um trabalho para fazer e necessitasse desse livro. Se esse trabalho tivesse um prazo e se o envio do livro demorasse bastante, eu realmente pagaria. É uma coisa muito acessível, você ter o livro naquela hora.

Clarice: Se for o mesmo preço, eu prefiro o livro físico. Academicamente eu estou falando, mas um paradidático eu até que leria no computador. Pagaria. Não o mesmo preço. Eu não que não vale o mesmo preço. De jeito nenhum. Mas na internet, quando você vai procurar, é mais ou menos ou mesmo preço, o digital e o físico. Cadê o preço do papel? Eles estão ganhando?

Rachel: Eu compro e baixo. Agora assim: se eu achar de graça, eu não vou mentir para você, eu não compro não. Agora quando não tem e eu preciso, eu quero, eu compro.

Outra razão para que esses sujeitos não comprem livros digitais, talvez seja o fato de que esses livros ainda não possuem um significado definido para eles, conforme pudemos identificar anteriormente. Livros digitais, apesar de carregarem conhecimentos, não são palpáveis como os seus correspondentes impressos. E isso parece fazer toda a diferença.



Pelo apresentado aqui, é notório que os sujeitos entrevistados possuem um forte vínculo com o livro impresso. Conforme proposto por Verón (2004), os leitores, consumidores de livros, em sentido amplo, estabeleceram com esse objeto um laço consolidado após séculos de história do impresso. Conforme havíamos proposto, aqui pudemos apresentar algumas das *cláusulas* do “contrato de leitura”, o qual, conforme define Verón (2004, p. 275), “ênfatiza as condições de construção do vínculo que une no tempo uma mídia e seus ‘consumidores’”.

Essas *cláusulas*, como denominamos, se apresentaram na forma de práticas estabelecidas sobre o impresso. Estamos falando do cheiro do papel, dos modos de organização, armazenamento e transporte do livro, dos rituais aplicados a sua leitura e das *simbologias* dele depreendidas, entre outras *cláusulas*, as quais compõe o contrato. Práticas, na nossa compreensão, articuladas nas dimensões da *materialidade/forma*, da *ritualidade* e da *simbologia*.

As práticas socioculturais sobre livros digitais, como pudemos ver, ainda são vistas em comparação com aquelas dos livros impressos. Esse jogo “vantagem-desvantagem” parece repercutir sobre a postura dos leitores. As características próprias dos livros digitais são diversas, mas parece que ainda não foram plenamente apropriadas pelos leitores. Talvez seja o contexto comum de uma fase transitória. E quando falamos em transitoriedade, a questão sobre o fim ou não do impresso se coloca. Diante disso, não podemos deixar de voltar aos nossos sujeitos e indagá-los: qual será o futuro do livro? As respostas são as mais variadas. Entretanto, todas elas circulam sobre a ideia de que o livro impresso não pode/deve acabar.

Lygia: Eu acho que o livro impresso não vai sumir, eu acho que ele vai continuar, ele vai parar de vender tanto, enfim, as pessoas vão começar a recorrer mais a livros digitais, isso eu tenho certeza [...]. Eu acho que as pessoas vão começar a se apropriar mais da leitura digital [...]. Aqui no Brasil ainda não é tão difundido assim a questão do e-reader. Não é todo mundo que tem um desses. É caro ainda. Mas eu acho que a tendência é popularizar. [...]. Eu acho essa história de “ah, vai desaparecer o livro impresso” e as pessoas só vão ter livros digitais, eu acho isso muito extremista, não acho que seja assim. [...]. As pessoas vão achar que ele vai desaparecer, mas depois ele vai ressurgir, por causa dessa experiência mesmo, da experiência do ritual [...], de ter o livro, de sentir o livro e tudo mais.

Cecília: Eu não acho que o livro vá acabar, como a gente discuti muito, livros e jornais, será que vão acabar um dia? Eu acho que não. No que eu puder ajudar para isso acontecer, eu vou continuar lendo livros impressos porque eu prefiro. Eu realmente não acho que vá acabar não, mas eu acho que vai ser mais selecionado, não vão ser todos dos livros que vão ter a versão impressa, “esse aqui vai só para a versão digital” e, dependendo da demanda ele vai ser impresso. Acho que talvez vá ser algo mais criterioso.

Aluísio: Eu acho que já vivemos o futuro. Eu acho que a tiragem tende a se especificar mais. Acho que é uma atividade importante o livro, mas acredito que já existam outros atrativos, ilustrações, sei lá, alguma coisa a mais que vem nesse livro, que pode ser que isso ainda faça com que ele exista. Eu acho que não vai mudar tanto como pelo menos a gente imaginava. Eu acho que

vai ter principalmente os livros *best sellers* e tal, que vão ter uma boa tiragem, mais por aqueles que não tem tanto acesso à tecnologia quanto nós.

Jorge: Eu acho, por exemplo, que o livro de bolso tem uma vantagem muito grande no futuro do livro, porque ele é uma coisa mais prática, tem mais possibilidades de competir com, digamos assim, outros dispositivos de leitura porque realmente você consegue levar para todo lado. Tem facilidade maior, custo menor. [...]. A questão do custo eu acho que é forte. Mas eu não sei. Minha dúvida vai ser quando o dispositivo de leitura for tão confortável de ler quanto o livro normal, se realmente não vai ficar mais fácil. Certamente, eu acho que os sebos vão ser o último, o último não, a área de resistência, pois os livros vão permanecer sempre, tipo o vinil.

Clarice: Eu imagino que os e-books vão se proliferar ainda mais. Vão facilitar muito a vida das pessoas, mas que sempre existirão os livros normais, impressos, porque é uma necessidade mesmo.

Rachel: Eu acho que eu não vou viver para ver o livro se acabar e eu agradeço a Deus por isso. Talvez num futuro bem distante o suporte físico não venha mais a existir. Talvez. Agora, sempre que uma mídia nova chega a gente tem essa história de que uma vai substituir a outra. Eu espero, do fundo do meu coração, que não acabe não. Eu não sei se eu sou saudosista. Eu acho que ia se perder muita coisa se o livro deixasse de existir, se o suporte físico deixasse de existir.

Independente de qual seja de fato o destino do livro, é importante perceber que, a cada dia, sobre ele surgem novas práticas. Novos dispositivos e, dentro deles, novas ferramentas de leitura. Até então, o livro constitui-se como nobre guardião de conhecimentos, de sentimentos, de história. Diante de novos formatos, são válidos os empreendimentos que busquem reconhecer também as novas dinâmicas sobre o livro que venham a comprometer essa condição. Em uma sociedade de rápidas mudanças, refletimos que ao menos deveria permanecer estável o sentimento de preservação e de comunicação da informação para as futuras gerações. Que o livro continue a ser mídia, agindo em favor do desenvolvimento de indivíduos e comunidades. Esse talvez seja um grande desafio. Acreditamos que vale a pena tentar.

Considerações finais

Livros de ontem, livros de hoje. Livros que se encontram, livros que se separam. Na linha do tempo, o suporte do livro foi modificado. Se um dia foram de pedra, madeira ou papiro, hoje contamos com telas, *chips* e *bits*. Diante disso, podemos até ter acesso ao mesmo conhecimento, mas de fato a interface é outra.

Nesta pesquisa, nosso objetivo foi identificar práticas socioculturais de leitores de livros digitais, com o intuito de revelar continuidades e discontinuidades no uso do livro em seus formatos impresso e digital. Para tanto, dividimos este trabalho em três partes.

A primeira delas consistiu em um esforço para a elaboração de um quadro da cultura do impresso a partir do qual pudéssemos guiar nosso olhar sobre práticas do digital. Nesse estágio, propomos uma classificação da experiência com o impresso segundo quatro dimensões: *ritualidade*, *simbologia*, *materialidade* e *forma*. Essa classificação foi modificada parcialmente quando em contato com o recorte empírico e, por causa disso, acreditamos, deverá ser aperfeiçoada em trabalhos futuros.

A segunda parte teve o objetivo de apresentar um painel sobre o surgimento e a atual configuração do livro digital no Brasil e no mundo. Desse modo, tentamos descrever as características presentes na constituição do livro digital como produto: dispositivos, formatos, mercados. Além disso, dedicamos atenção a pesquisas acadêmicas sobre o tema. Nesse capítulo, acreditamos apresentar os principais conceitos e discussões acerca do livro digital, que, ao final, puderam contribuir para avançar nosso olhar sobre as práticas descritas e analisadas no Capítulo 3. Não podemos deixar de dizer que o cenário apresentado neste capítulo procurou traduzir um estágio desse produto, que se modifica rapidamente. Assim, alertamos que as informações apresentadas devem ser periodicamente atualizadas por quem busca avançar no tema.

Por fim, a última parte apresenta a análise das práticas a partir do recorte que propusemos: os alunos de Comunicação Social da UFRN. Nesse ponto, pudemos articular as respostas dos informantes/sujeitos junto às referidas dimensões, percebendo e avaliando os vínculos dos sujeitos com os formatos impresso e digital dos livros.

Ao final deste trabalho, acreditamos ter encontrado algum êxito em nosso intento. No começo de tudo, partimos da ideia de que uma nova era no que se referia aos livros estava *posta*. Com o decorrer das leituras, conversas e interpretações, passamos a perceber que ainda

é cedo demais para esse tipo proposição. A princípio, essa constatação nos deixou preocupados. Notamos o quão inconsistente é o solo pelo qual escolhemos trilhar. Todavia, jogo iniciado, partimos para o desafio de oferecer alguma contribuição, mínima que seja, à academia, a qual investiu seus esforços nesse projeto, e a todos aqueles que se interessam por livros e suas novas configurações.

A tarefa não foi fácil. Doses de esforços intelectuais e físicos se uniram a um pouco de imaginação para que pudéssemos estruturar uma pesquisa coerente e afinada com os propósitos de qualquer investigação na área de comunicação midiática. A primeira etapa desse exercício de construção se deu na proposta das dimensões (*ritualidade, simbologia, materialidade e forma*), que se colocaram como apoio para as fases seguintes. Talvez os resultados finais tivessem sido os mesmos, ainda que não houvesse o esforço dessa classificação, porém, temos certeza, eles são agora muito mais claros. Admitimos alguma dificuldade de apresentar as falas dos entrevistados a partir das dimensões. Elas, na verdade, apresentam-se muitas vezes cruzadas, inter-relacionadas (a dimensão da *forma*, por exemplo, estava a todo instante imbricada com a da *materialidade*). Fato que não discordamos. Aliás, razão pela qual tecemos o texto dessa etapa como uma conversa, uma verdadeira sala de leitores onde pudéssemos conectar ideias e posturas dos nossos sujeitos. Um diálogo amarrado por narrador interveniente, ao qual lhe cabia o dever de intervir, avaliar e interpretar.

Para de definição das dimensões, nos valemos dos pesquisadores da História Cultural (Roger Chartier, Robert Darnton, Peter Burke, Alberto Manguel). A conversa com essa disciplina se mostrou fundamental para a construção da nossa proposta. O livro é, sem dúvida, um objeto histórico. Criado há séculos, vem fazendo parte da história da humanidade, impondo-se como veículo de comunicação fundamental para o seu desenvolvimento. Nesse percurso, o livro passou por algumas transformações. Algumas delas dizem respeito a sua apresentação. Outras, ao modo como foi usufruído em seu percurso (consideram-se aqui particularidades culturais de grupos e indivíduos). Esses usos, sob as marcas de cada época, são o foco dos intelectuais da História Cultural do livro. Assim, nosso intuito foi o de apresentar práticas do passado para que pudéssemos ter perspectivas de análise de práticas atuais, centradas nos usos de livros digitais por estudantes universitários. Podemos pensar que o registro ora apresentado é uma fração da história cultural desse grupo, a qual poderá ser modificada com o acúmulo de experiências dos seus membros ou com a chegada de novos integrantes.

O que se percebe atualmente é que a “comunidade leitora” em questão está solidamente vinculada a experiências com os livros impressos e que esse enraizamento cultural repercute sobremaneira sobre práticas com livros digitais. Ficou claro, salvo algumas exceções, que o grupo pesquisado tem uma forte preferência pelo o impresso, utilizando-se das experiências com o digital de modo complementar e, muitas vezes, obrigatório. Do ponto de vista da *materialidade/forma*, o leitor ainda sente falta da experiência tátil com o papel. No que diz respeito à *simbologia*, o livro impresso é, para os nossos entrevistados, o que melhor representa a inteligência, a erudição, o prazer, tomado como algo *real*, diferente do digital, impalpável. Referindo-se à *ritualidade*, a leitura de livros digitais é vista como uma experiência desconfortável e bem longe do sentimento de prazer provocado pelo impresso.

Para a justificativa dessa “resistência” oferecemos duas hipóteses. Uma de ordem cultural e outra de ordem tecnológica. As duas podem, na verdade, atuar em conjunto, o que parece até mais plausível.

- 1) Cultural: os leitores pesquisados são jovens, entretanto, seus primeiros contatos com formas de leitura se deram sobre suportes impressos. Essas experiências parecem reverberar pela memória, criando laços e definindo padrões mais ou menos estabelecidos sobre práticas de leitores.
- 2) Tecnológica: apesar de contarmos com uma vasta diversidade de equipamentos de leitura em meio digital, aqueles que *a priori* parecem mais adequados a experiências de leitores ainda têm altos preços, o que limita sua popularização.

A partir disso, inferimos que em um futuro breve a realidade hoje constatada sofrerá mudanças. Para isso consideramos as novas gerações de indivíduos, que desde sempre vivem experiências inteiramente sobre plataformas digitais, e o barateamento de dispositivos de leitura que satisfaçam as necessidades do leitor moderno. Em setembro de 2011, o Governo Federal anunciou que começará a distribuir *tablets* nas escolas públicas a partir de 2012. A medida teria o propósito de “universalizar” o acesso dos alunos à tecnologia. Entretanto, além disso, acreditamos que ela irá provocar experiências que farão, no futuro, parte do imaginário de leitor desses estudantes. Estaríamos diante, portanto, de uma nova geração de leitores, estes sim, habituados à leitura corrente em meios digitais, a qual faria parte da constituição de novos vínculos, novos “contratos de leitura” (VERÓN, 2004).

Por meio dessas considerações, acreditamos que a ideia de buscarmos práticas de leitores para um delineamento de uma cultura do digital, assim como propomos para cultura do impresso, ainda não pode ser levada a cabo diante das atuais condições. Hoje, essas práticas são incipientes. O que mais parece, como foi dito, é que elas se resumem a formas alternativas de leitura, mas que não substituem, de modo algum, o suporte impresso. Vale considerar, em alguns casos, a preferência pelo suporte digital a depender do objetivo de leitura. Buscas rápidas, necessidade de coleta de informações de modo facilitado, acessibilidade de conteúdos são alguns das necessidades que fazem com que alguns sujeitos, em casos específicos, prefiram o digital. Assim, poderíamos propor que a leitura em meio digital é de fato complementar, sendo realizada segundo interesses de cada leitor para o sucesso de um objetivo particular.

No Capítulo 2, resgatamos alguns estudos que conversavam com o nosso objetivo de pesquisa: *Ciberescritores, ciberleitores* (COUTO et al. 2011), apresentado no XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, ocorrido entre 24 e 26 de agosto de 2011, em Manaus/AM; e a pesquisa *Os leitores brasileiros e o livro digital* (AMORIM; GARCIA, 2011), realizada para Câmara Brasileira do Livro e para Imprensa Oficial do Estado de São Paulo com execução do Observatório do Livro e da Leitura. A primeira, que focava professores e estudantes universitários em práticas acadêmicas, concluiu que, apesar de ainda haver forte sentimento com relação ao livro, já é possível observar que a cultura digital condiciona cada vez mais as práticas acadêmicas, tanto no que diz respeito aos hábitos de escrita e leitura quanto nas novas práticas de divulgação da produção científica. Isso é percebido em nossa pesquisa quando nossos informantes e sujeitos apontam a pesquisa acadêmica como um dos principais objetivos para a leitura em meio digital, conformando assim seus modos de construção de textos científicos. Já a pesquisa *Os leitores brasileiros e o livro digital* (AMORIM; GARCIA, 2011) converge com os nossos resultados no que diz respeito à resistência ao livro digital mesmo entre aqueles que o leem. As justificativas também são semelhantes: dificuldade da leitura nas telas dos computadores que emitem luz, falta de mobilidade que esse formato tem, por meio dos equipamentos utilizados, e apego ao suporte impresso. Do mesmo modo que nossos sujeitos, entre eles também são poucos os que pagariam por um livro digital. Esses estudos, somados ao nosso, constituem contribuições a um tema ainda pouco estudado. No campo da comunicação, especificamente, é ainda mais limitado.

Ao fim, nos remetemos a Debray (1993), que balizou o início da nossa proposta quando afirmou que, por meio da observação crítica de uma retrospectiva histórica dos meios de comunicação, podemos desvelar suas funções. Para isso, a História Cultural, em particular,

a história do livro, foi apropriada em nossa investigação. Contudo, a história das práticas socioculturais do livro digital parece ainda engatinhar. É cedo para fazer comparações e delinear, com precisão, preferências, posturas, significados etc. Nesse momento, não é possível ter clareza de tudo.

O que nos vale aqui é o sentimento de atuar cientificamente na proposição de alguns caminhos para pesquisa na área. Que venham outros estudos bem mais sucedidos.

Referências

- AMORIM, Galeno; GARCIA, Maurício (Coord.). **Os leitores brasileiros e o livro digital**. Realização da Câmara Brasileira do Livro e da Imprensa Oficial. Execução do Observatório do livro e da leitura. Disponível em: <<http://www.observatoriodolivro.org.br>>. Acesso em: 15 jan. 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo; Natal: Paulus; Edufrn, 2010.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 1999.
- BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um objeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BORDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura como uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 4. ed. rev. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 4. ed. rev. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2. ed. rev. ampl. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e ampl. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALENDÁRIO histórico – 1933: **Grande queima de livros pelos nazistas**. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,834005,00.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CARRENHO, Carlo. **O escritor e o mercado editorial: o caminho digital**. Estação das Letras, Rio de Janeiro, 5 fev. 2011. Apresentação de slides. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/carrenho/o-caminho-digital-para-escritores>>. Acesso em: 10 set. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994.

_____. (Org.). **Práticas de leitura**. 4. ed. rev. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

COELHO, Ana Carolina Sampaio. A literacidade eletrônica e o hipertexto: os caminhos da literatura digital. **Logos 32: comunicação e audiovisual**, ano 17, n. 1, 1º semestre 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/logos/article/view/7231/6523>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

COUTO, Edvaldo Souza; OLIVEIRA, Marildes Caldeira de; ANJOS, Raquel Maciel Paulo dos. Ciberescritores, ciberleitores. XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. **Anais...**, 24 a 26 de agosto de 2011, Manaus/AM.

CUNHA, Maria Antonieta da. **Acesso à leitura no Brasil: considerações a partir da pesquisa**. Retratos da Leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2011.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 4. ed. rev. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

_____. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia geral**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

DIAS, Tatiana de Mello. Livros digitais são os mais vendidos nos EUA. **Estadão.com.br**. Postado em: 15 abr. 2011. Disponível: <<http://blogs.estadao.com.br/link/livros-digitais-sao-os-mais-vendidos-nos-eua>>. Acesso em: 9 out. 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ESCLUDÊRO, Simone. **Livros digitais e os inibidores do seu desenvolvimento no país**. Publicado em: 14 set. 2011. Disponível em: <<http://www.investimentosenoticias.com.br/colunistas/sondando-os-setores/livros-digitais-e-os-inibidores-do-seu-desenvolvimento-no-pais.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FROSSARD, Vera Cecília. **Tipos e bits**: a trajetória do livro. I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/verafrossard.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006. Versão *online*. Disponível em: <http://www.ciberscopio.net/artigos/tema3/cdif_05_r.html>. Acesso em: 23 jan. 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRUSZNSKI, Ana. **O design de uma morte anunciada**: o livro entre papel e pixel. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 11 a 13 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Ana_Gruszynski.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

HOLANDA, Érica de. E-books: um exercício de democracia pelo consumo do saber digital. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 2, 2009, p. 91-100. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/signosdoconsumo/article/viewFile/6892/6230>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

ISER, Fabiana. Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para definições da pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro**: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo; Brasília: HUCITEC; Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

KONCHINSKI, Vinicius. Livro digital não deslança no País. **Carta Capital**, 26 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/livro-digital-segue-travado-no-pais>>. Acesso em: 7 out. 2011.

LACERDA, Juciano de Sousa. **Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais**: conexões e sentidos entre espacialidades pessoais, arquitetônicas e digitais: um estudo das experiências dos internautas em telecentros de acesso público gratuito dos projetos Paranavegar e Faróis do Saber – Curitiba (PR). (Tese de Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURENÇO, Mariana Simões. **Edição digital**: aspectos e perspectivas da produção de e-books no Brasil. I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em:
<<http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/marianasimoes.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARIN, Elizara Carolina. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTINS, Leonardo. **Democracia de bolso**. Porto Alegre: Plus, 2009. Disponível em:
<<http://www.simplissimo.com.br/store/editora-plus.html>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELLO JÚNIOR, José de. **Identidade cultural, conhecimento e mercado editorial**: livro na fronteira do impresso com o eletrônico. I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em:
<<http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/josedemellojr.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MELO, Eduardo. **ePub**: conheça o padrão internacional para e-books. Postado em: 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://editoraplus.org/blog/epub-conheca-o-padrao-internacional-para-e-books>>. Acesso em: 6 out. 2011.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Trad. Sérgio Grossi Porto. Coleção Comunicação. Brasília: Editora UnB, 2002.

MOURA, Rafael Moraes. Universitários brasileiros leem apenas de 1 a 4 livros por ano, revela Andifes. **Estadão.com.br**. Publicado em: 13 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,universitarios-brasileiros-leem-apenas-de-1-a-4-livros-por-ano-revela-andifes,758017,0.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MURCIA, Javier Gómez. Los circuitos alternativos de la lectura y el libro en la época de su reproductibilidad digital. **Razón y Palabra**, n. 73, ago./out., 2010. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N73/MonotematicoN73/05-M73Gomez.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

PINHEIRO, Ana Virginia. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In: DOCTORS, Marcio (Org.). **A cultura do papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999.

PRICE, Gary D. **AAP Publishers February 2011 Sales Report: Popularity of Books in Digital Platforms Continues to Grow**. Posted on April 16, 2011. Disponível em: <<http://infodocket.com/2011/04/16/aap-publishers-february-2011-sales-report-popularity-of-books-in-digital-platforms-continues-to-grow>>. Acesso em: 9 out. 2011.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: suportes, gêneros e processos editoriais. VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais. **Anais...**, Natal, 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20\(CE-FET-MG\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20(CE-FET-MG).pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SANTOS Rennam Virginio dos; ALBUQUERQUE, Marriett. **Para ler o digital: reconfiguração de livros em plataforma digital**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Edição de Livro. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/expocom/EX28-0827-1.pdf>>. Acesso em: 1º dez. 2011.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. **O livro eletrônico: mudando paradigmas**. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2002. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. Trad. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Coleção Comunicação Contemporânea. São Paulo: Loyola, 2003.

VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou eletrônico?** Um trajeto da leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

YANO, Célio. Compare 14 modelos de leitores de livros digitais. **Exame.com**. Publicado em: 23 ago. 2010a. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/compare-14-modelos-de-leitores-de-livros-digitais?p=3#link>>. Acesso em: 8 set. 2011.

_____. Livros digitais ganham espaço no Brasil. **Exame Info**. Publicado em: 9 jul. 2010b. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/mercado/livros-digitais-ganham-espaco-no-brasil-09072010-1.shl>>. Acesso em: 7 out. 2011.

APÊNDICE A – Questionário aplicado com estudantes de Comunicação Social da UFRN.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA / PPgEM**

Pesquisa: Das estantes para a tela: práticas de leitores de livros impressos e digitais do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Esta é a primeira etapa de uma pesquisa que tem o objetivo de identificar práticas de leitores relacionadas ao suporte de leitura, particularmente o digital. O recorte pretendido são os alunos de Comunicação Social da UFRN, em suas três habilitações, de todos os períodos. Dividimos essa etapa em três partes: a Parte 1 refere-se a livros impressos e à prática de leitura de modo geral; a Parte 2 é dirigida para aqueles que se consideram leitores de livros digitais. Por fim, disponibilizamos um canal de contato para aqueles que desejarem contribuir com a etapa final dessa pesquisa, que consiste na realização de entrevistas individuais. Esse estudo vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (UFRN), pelo mestrando Helton Rubiano de Macedo, sob a orientação do Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda. Encerraremos as participações na quinta-feira (17).

Qual sua habilitação?

Jornalismo Rádio e TV Publicidade e propaganda

PARTE 1

As questões 1 a 15 referem-se a livros impressos e à prática de leitura de modo geral.

1. O curso de Comunicação Social o levou a ler mais?

- Sim
 Não

2. Durante a formação em sua habilitação, você costuma ler...

- Menos do que o solicitado pelas disciplinas
 Somente o que é solicitado
 Acima do que é solicitado

3. Quantos livros impressos você lê anualmente?

- De 1 a 3
 De 4 a 8
 De 8 a 15
 Mais de 15

4. Qual a principal origem dos livros impressos que você lê?

- São requisitados na biblioteca
 São comprados
 São emprestados
 São presentes
 São fotocopiados

5. Caso sejam comprados, onde geralmente efetua a compra?
- Em livrarias físicas
 - Em livrarias online
 - Em ambas
 - Não compro livros impressos
6. Com que frequência costuma comprar livros impressos?
- 1 a 3 por ano
 - 4 a 8 por ano
 - 8 a 15 por ano
 - + de 15 por ano
 - Não compro
7. Você gosta de comer ou beber algo enquanto lê?
- Sim
 - Não
8. Qual seu espaço preferido de leitura?
- Escola/Universidade
 - Casa
 - Parque
 - Viagem (Ônibus/Metrô/Avião)
 - Outro: _____
9. Se respondeu “casa”, em que lugar?
- Na cama
 - No banheiro
 - Na cozinha
 - Na sala
 - Na biblioteca/escritório
10. Qual sua posição preferida de leitura?
- Sentado
 - Deitado
 - Em pé
 - Outra: _____
11. Como você marca páginas no livro impresso?
- Com marcador de livros
 - Dobro o canto da página
 - Deixo o livro aberto
 - Outro: _____
12. Você costuma fazer anotações ou marcações (círculos, sublinhados, marca-texto) nas margens da página impressa enquanto lê?
- Sim
 - Não
13. Como organiza os seus livros impressos?
- Estantes
 - Caixas

- () Não tenho livros impressos
 () Outro: _____

14. Você costuma cheirar livros impressos?

- () Sim
 () Não

Se “sim”, por quê? _____

15. Você costuma ler livros digitais?

- () Sim
 () Não

Se não, por quê? _____

PARTE 2

As perguntas a seguir referem-se exclusivamente a livros digitais. Caso tenha, respondido “não” a questão anterior, salte para a Parte 3.

Caso a resposta tenha sido “sim”, por favor, prossiga.

16. Quantos livros digitais lê anualmente?

- () De 1 a 3
 () De 4 a 8
 () De 8 a 15
 () Mais de 15

17. Em que meio de leitura costuma ler livros digitais?

- () Computadores (desktop, notebook ou netbook)
 () Leitores eletrônicos (Kindle, Sony Reader, Alfa Positivo etc.)
 () Celulares/ *Smartphone*
 () *Tablets*

18. Qual a principal origem dos livros digitais que lê?

- () São comprados em livrarias online
 () São baixados gratuitamente
 () São arquivos cedidos por amigos

19. Acredita que há diferenças na leitura de livros impressos e digitais?

- () Sim
 () Não

Se sim, por quê? _____

20. Você costuma acessar bibliotecas virtuais para acesso a livros digitais?

- () Sim
 () Não

21. Você lê livros digitais de qualquer tamanho de texto?

- () Sim
 () Não

22. Tem o hábito de imprimir livros digitais que considera extensos demais para leitura na tela?

- Sim
 Não

23. Qual o seu principal objetivo com a leitura de livros digitais?

- Entretenimento, prazer e fruição
 Realização de trabalhos acadêmicos, obtenção de informações
 Outro: _____

24. Você possui uma biblioteca organizada de livros digitais?

- Sim
 Não

25. Você acredita que no futuro só haverá livros/textos digitais?

- Sim
 Não

26. O que você considera principal vantagem da leitura em suportes digitais?

- Memória (poder armazenar inúmeros títulos num mesmo suporte)
 Mobilidade (facilidade no transporte de títulos)
 Mecanismos de busca textual
 Outro: _____

27. Qual o principal obstáculo para a leitura em suportes digitais?

- O desgaste da vista, nos casos de leitura em telas que emitem luz
 A falta de mobilidade, nos casos da leitura em computadores de mesa
 O preço dos leitores eletrônicos e/ou *tablets*
 A limitação de oferta de títulos em português
 A dificuldade de concentração, nos casos de uso de dispositivos com outras funções além da leitura como *tablets* ou celulares
 Outro: _____

28. Considerando suas atuais condições de leitura, como você considera sua experiência com livros digitais?

- Satisfatória
 Parcialmente satisfatória
 Insatisfatória

O próximo passo dessa pesquisa será a realização de entrevistas individuais sobre a mesma temática. Caso possa colaborar também nessa etapa, por favor, deixe o seu contato (e-mail ou telefone). Ficaremos gratos com a continuidade da sua participação.

Use esse espaço se ainda quiser fazer comentários.

Obrigado!

E-mail ou telefone | Comentários

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para entrevistas individuais.

1. Descreva seus primeiros contatos com livros.
2. Na sua infância, você tinha um espaço preferido de leitura? Qual?
3. Que tipo de livro você mais gostava na infância? Existia neles alguma forma especial? Cores? Ilustrações?
4. Qual sua principal lembrança quando falamos de leitura na infância?
5. Sua escola incentivava a leitura? E seus pais? De que modo?
6. Os livros que você lia eram comprados, emprestados ou eram presentes?
7. Quando eram presentes, isso tinha algum significado para você?
8. Você tinha uma coleção de livros em casa? Como era organizada?
9. Como você transportava seus livros escolares? Isso era incômodo para você?
10. Alguma mudança de hábito aconteceu na adolescência? Qual? Passou a ler mais, menos, o mesmo? Que tipo de leitura passou a fazer?
11. Como se deram seus primeiros contatos com plataformas digitais?
12. Quais eram e quais são suas principais atividades no computador?
13. A sua leitura em meio digitais é uma necessidade ou uma opção?
14. Que gênero lê em meio digital?
15. Qual o significado do livro impresso para você?
16. Qual seria o significado do livro digital? Em que ele se diferencia do livro impresso?
17. De que modo o dispositivo que você utiliza influencia na sua prática de leitura de livros digitais?
18. Você acredita que ele seja um dispositivo apropriado? Qual seria?
19. Leitura em meio digital é cansativa? Por quê?
20. Você tem algum horário preferido de leitura? Por quê?
21. Enquanto você lê livros digitais, você realiza outras atividades? De que modo isso interfere na sua leitura?
22. A materialidade do livro impresso faz alguma falta na sua experiência de leitura? Por quê?
23. De que modo sua entrada na universidade influenciou seus hábitos de leitura?
24. Seus professores cobram leituras para as disciplinas? Eles oferecem esses textos em que meio? Você tem alguma preferência?
25. Quais vantagens e desvantagens da leitura de livros digitais?
26. Em nosso questionário, você classificou sua experiência de leitura de livros digitais como [...]. Por quê?